



**Maputo. Uma Cidade Onde o Icónico Liga a Terra e o Mar**  
Fusão Entre o Desenvolvimento Urbano e a Iconicidade de um Edifício



**Filipe Emanuel Coelho Teixeira dos Santos**  
20130274

Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Orientação Científica:**

Professor Doutor João Sousa Morais

Professora Doutora Joana Malheiro

**Júri:**

Presidente Doutor José Jorge Boueri Filho

Vogal Doutora Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Março, 2019









**Maputo. Uma Cidade Onde o Icónico Liga a Terra e o Mar**

Fusão Entre o Desenvolvimento Urbano e a Iconicidade de um Edifício

Filipe Teixeira dos Santos

(Licenciado)

Projeto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Doutor João Sousa Morais

Doutora Joana Malheiro

(Orientação Científica)

## Resumo

Perante um território tropical, da antiga metrópole portuguesa, é apresentada uma proposta de resolução urbana diante dos paradigmas compreendidos. O fraco desenvolvimento da cidade leva consigo um forte défice na gestão urbana, que se quer coesa e eficaz. Valores sociais e económicos estão postos em causa pela fraca capacidade de suprimir tal facto.

É com base nesta realidade e perante um estudo lógico que são apresentadas soluções para otimizar o aterro de Maxaquene, tornando-o uma real centralidade, pronta a responder às principais necessidades apresentadas pela população.

O desenvolver do Plano tem por base uma análise morfológica e tipológica afim da proposta ir ao encontro da atual génese da cidade. A valorização da relação da população com o ambiente é primordial, bem como a vontade de ligar duas importantes zonas da cidade, que até então estão separadas.

O projeto prende-se a um estudo sobre uma transformação da cidade, principalmente pelo equipamento desenvolvido, o Centro Cultural. Hoje conhecemos o efeito do icónico. Objetivamente, sem causar dano à identidade, trazemos um edifício que se difunde no urbano mas que ao mesmo tempo o enaltece, tornando-o excecional, efeito da imagem

transmitida. A escala é uma das principais “pegadas” deixadas por este projeto, pela forma e magnitude edificada. Sendo o principal objetivo trazer para a cidade de Maputo uma nova centralidade munida das principais infraestruturas possíveis de responder às necessidades apresentadas pela população.

Palavras Chave: Urbanismo, Centralidade, Icónico, Identidade, Cultura e Híbrido

**Título**

Maputo. Uma Cidade Onde o Icónico Liga a Terra e o Mar

**Nome**

Filipe Teixeira dos Santos

**Orientação Científica**

Doutor João Sousa Morais

Doutora Joana Malheiro

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Janeiro de 2019

## Abstract

In front of a tropical territory, of the old Portuguese metropolis, is presented a urban resolution proposal against the understood paradigms. The weak development of the city, carries with it a strong deficit in urban management, which one needs to be effective and efficient. Social and economic values are called into question by the weak capacity to suppress that fact.

Some solutions, based on reality and a logical study are presented to optimize the landfill of Maxaquene. This will become a real centrality, ready to respond to the main needs presented by the population.

The development Plan is based on a morphological and typological analysis in order to meet the current genesis of the city. The importance of the relationship between the population and the environment is essential, as well as the desire to connect two important areas of the city, which until now are separated.

The project exercise is an study about a city transformation, especially by the developed equipement, the Cultural Center. Today we know the effect of the iconic. Objectively, without cause damage to the identity, we bring a building that diffuses in urban area but, at the same time, can exalt that, making it exceptional, effect of the transmitted image. The scale is one of the main "footprints" left by this project, by the form and magnitude built.

The main objective is to bring to Maputo a new city center with the main infrastructures as possible to respond to the needs of the population.

Keywords: Urbanism, Centrality, Iconic, Identity, Culture and Hybrid

**Title**

Maputo. A City Where the Iconic Connects The Earth to the Sea

**Name**

Filipe Teixeira dos Santos

**Main Advisor**

Doctor João Sousa Morais  
Doctor Joana Malheiro

Integrated Master in Architecture Lisbon, January 2019



## Agradecimentos

À minha avó, pelo seu apoio incondicional e pela vontade de ver o fim do meu curso. Aos meus pais, que sempre estiveram presentes em todos os momentos e deram tudo de si. Aos meus irmãos pela preocupação e ajuda. À tia Helena pelo seu incentivo e dedicação e à restante família.

Aos de sempre e para sempre, os amigos e colegas que em todos os momentos, ajudaram e deram suporte físico e emocional para que este final chegasse. A sua presença foi fundamental em todos os momentos.

Aos orientadores Professor Doutor João Sousa Morais e Professora Doutora Joana Malheiro pelo acompanhamento e partilha de conhecimento durante este projeto, e aos demais professores docentes desta instituição que participaram no meu percurso enquanto aluno.

A todos os que não mencionei, mas que de alguma forma ajudaram neste caminho, o meu obrigado.



## Índice Geral

Resumo / Palavra-chave	v
Abstract <sup>[1]</sup> <sub>SEP</sub> / Key Words	
vii	
Agradecimentos	ix
Índice de Figuras <sup>[1]</sup> <sub>SEP</sub>	xiii
Introdução	2
Objetivos	6
Metodologia	7
1. O Território	10
1.1. Leitura Física e Humana	11
1.2. Leitura Histórica	16
1.3. O Território Hoje	22
2. O Edifício Enquanto Ícone	32
2.1. Arquitetura e Turismo	33
2.1.1. O Ícone	40
2.1.2. Efeito Bilbao	43
2.2. Arquitetura em Maputo	45
2.3. O Marketing Territorial	50

3. O Lugar	54
3.1. Evolução do Traçado	55
3.1.1 Edificado de Exceção	65
3.2. Tipológica e Edificação	67
3.3. As Raízes Culturais	74
4. Casos de Estudo	82
4.1. Plano Urbano de Barcelona, Matriz	83
4.2. High Line – Um Jardim Suspenso em Nova Iorque, Infraestrutura	87
5. Projeto	92
5.1. O Programa	95
5.2. FACIM e o Desenho Urbano	99
5.3. O Edifício Icónico e a Habitação	101
6. Conclusões	110
Bibliografia	113

Anexos	116
Peças Desenhadas	140

## Índice de Figuras

1	<b>Fig. 1</b> Localização do território de Moçambique <b>Fonte:</b> Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
10	<b>Fig. 2</b> Maputo – Ponta Vermelha <b>Fonte:</b> <a href="http://www.faelp.org/pt/">http://www.faelp.org/pt/</a> 4 Dez
11	<b>Fig. 3</b> Venda no Mercado <b>Fonte:</b> Livro – MOÇAMBIQUE – A terra e as gentes
12	<b>Fig. 4</b> Classificação Climática <b>Fonte:</b> Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
12	<b>Fig. 5</b> Precipitação Média Anual <b>Fonte:</b> Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
13	<b>Fig. 6</b> Quadros com taxas de Natalidade, Alfabetismo, Esperança Média de Vida e Faixas Etárias <b>Fonte:</b> Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
14	<b>Fig. 7</b> Dados percentuais relativos aos idiomas falados <b>Fonte:</b> Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
15	<b>Fig. 8</b> Dados percentuais relativos à opção religiosa <b>Fonte:</b> Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
16	<b>Fig. 9</b> Aterro de Maxaquene antes do assentamento de 1915 <b>Fonte:</b> <a href="http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/11/aterro-da-maxaquene-12-mapas-e-algumas.html">http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/11/aterro-da-maxaquene-12-mapas-e-algumas.html</a> 5 Jan
18	<b>Fig. 10</b> Plano Urbano de Maputo em 1903 <b>Fonte:</b> <a href="http://housesofmaputo.blogspot.com/">http://housesofmaputo.blogspot.com/</a> 19 Jan
19	<b>Fig. 11</b> Plano Urbano de Maputo em 1907-08 <b>Fonte:</b> <a href="http://housesofmaputo.blogspot.com/">http://housesofmaputo.blogspot.com/</a> 19 Jan
20	<b>Fig. 12</b> Antigo muro do ultimo presídio

Fonte: <http://housesofmaputo.blogspot.com/2016/02/presidio-de-lourenco-marques-as-origens.html> 7 Jan

- 21 **Fig. 13** Rua Araújo, Lourenço Marques  
Fonte: Livro – Memórias de Moçambique
- 22 **Fig. 14** Típica Casa comercial de Maputo. “Casa Elefante”  
Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 23 **Fig. 15** Quotidiano Urbano  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa
- 24 **Fig. 16** Quadro relativo à sustentabilidade forte  
Fonte: Livro City Markting – Myplace in XXI
- 25 **Fig. 17** Rota das Chapas na zona sul da cidade de Maputo  
Fonte: Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
- 26 **Fig. 18** Avenida 10 de Novembro  
Fonte: Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
- 28 **Fig. 19** Avenida Vladimir Lenine  
Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 29 **Fig. 20** Vendedora ambulante  
Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 29 **Fig. 21** Venda no Mercado  
Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 30 **Fig. 22** Mercado Municipal  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa
- 32 **Fig. 23** Igreja de Santo António da Polana  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa
- 35 **Fig. 24** Flatiron Building em Nova Iorque  
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fromthenorth/3573869382>
- 37 **Fig. 25** Edifício em Maputo  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa
- 38 **Fig. 26** Edifícios de Habitação, Maputo  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa
- 38 **Fig. 27** Edifícios de Habitação, Maputo  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa
- 39 **Fig. 28 e 29** Edifício em Maputo , o novo e o antigo  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa

- 41 **Fig. 30** Unite d'habitation de Le Corbusier  
**Fonte:** <https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/03/unite-dhabitation-marseille-2/> 4 Jan
- 41 **Fig. 31** Planta Interior da Unite  
**Fonte:** <https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/03/unite-dhabitation-marseille-2/> 4 jan
- 42 **Fig. 32** Esboços “Burj Kalifa”, um dos edifícios ícone do século XXI  
**Fonte:**  
[http://archcomm.arch.tamu.edu/archive/news/spring2010/stories/Smith\\_Burj.html](http://archcomm.arch.tamu.edu/archive/news/spring2010/stories/Smith_Burj.html) 7 Jan
- 44 **Fig. 33** Museu Guggenheim em Bilbao  
**Fonte:** <https://www.saba.es/pt/estacionamento-museu-guggenheim> 5 Jan
- 46 **Fig. 34** Unidade habitacional “O Leão que Ri”  
**Fonte:** <http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/04/stiloguedes-ivb-o-leao-que-ri-de-1956.html> 5
- 47 **Fig. 35** Unidade habitacional “O Leão que Ri”  
**Fonte:** <http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/04/stiloguedes-ivb-o-leao-que-ri-de-1956.html> 5 Jan
- 48 **Fig. 36** A arte em Moçambique, por Pancho Guedes  
**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa
- 49 **Fig. 37** Interior de uma habitação projetada por Pancho Guedes  
**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa
- 51 **Fig. 38** Quadro relativo à sustentabilidade forte  
**Fonte:** Livro City Markting – Myplace in XXI (elaborado pelo autor)
- 54 **Fig. 39** Vista mar da ponta vermelha  
**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa
- 56 **Fig. 40** Maputo antes do aterro em 1903  
**Fonte:** <http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/11/aterro-da-maxaquene-12-mapas-e-algumas.html> 7 Jan
- 57 **Fig. 41** Evolução da Costa da cidade de Maputo  
**Fonte:** Autor
- 59 **Fig. 42** Plano Urbano executado por João Aguiar  
**Fonte:** Cedido por Jorge Saramago
- 59 **Fig. 43** Plano Urbano executado por João Aguiar  
**Fonte:** Cedido por Jorge Saramago

- 60 **Fig. 44** Plano Urbano executado por João Aguiar. Uso do Solo  
**Fonte:** Cedido por Jorge Saramago
- 62 **Fig. 45** Plano Urbano executado por Mário de Azevedo  
**Fonte:** Cedido por Jorge Saramago
- 66 **Fig. 46** Catedral de Maputo  
**Fonte:** Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 67 **Fig. 47** Edifícios de Maputo  
**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa
- 69 **Fig. 48 e 49** Edifícios da cidade de Maputo  
**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa
- 71 **Fig. 50** Planta de Serviços  
**Fonte:** Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
- 71 **Fig. 51** Planta Comércio  
**Fonte:** Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
- 72 **Fig. 52** Planta de Hospitais/Clínicas e Hotelaria  
**Fonte:** Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
- 72 **Fig. 53** Planta de Ensino e Igrejas  
**Fonte:** Trabalho de grupo 5ºA 2017/18
- 74 **Fig. 54** Distribuição percentual de grupos culturais por tipo de expressão Cultural, Moçambique, 2017  
**Fonte:** MICULT, Dados Estatísticos sobre Cultura 2018
- 75 **Fig. 55** Venda de Cestaria  
**Fonte:** Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 76 **Fig. 56** Vendedor de Artesanato  
**Fonte:** Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 77 **Fig. 57** Mercados de venda de artesanato  
**Fonte:** Livro MOÇAMBIQUE – A Terra e as Gentes
- 78 **Fig. 58** O Homem das duas lanças. Máscaras Landins  
**Fonte:** Livro A Arte em Moçambique
- 79 **Fig 59** Instrumento Musical Timbila  
**Fonte:** <http://www.frontiermuseum.org/spring-homeschool-day-2018/> consultado 4 Jan
- 82 **Fig. 60** Cidade de Barcelona, Plano elaborado por Cerdà  
**Fonte:** <https://www.pinterest.pt/pin/10625749090808172/>
- 84 **Fig 61** Ildefonso Cerdà, Plano de Barcelona 1859. Seção viária definida como critério da independência entre os meios de locomoção

- Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cerda-avantprojecteEixample-1955.jpg>  
27 Dez
- 85 Fig 62** Ildefonso Cerdà, Plano de Barcelona 1859  
Fonte: <http://geodialogos.blogspot.com/2012/04/caros-alunos-conforme-prometi-seguem-as.html> 27 Dez
- 85 Fig 63** Ildefonso Cerdà, Plano de Barcelona, projeção de quarteirão  
Fonte: [https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:Illu\\_Cerd%C3%A0.jpg](https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:Illu_Cerd%C3%A0.jpg) 27 Dez
- 86 Fig 64** Plano de Barcelona, cidade vista de cima  
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/413064597068306110/> 19 Jan
- 87 Fig 65** High Line, planta geral  
Fonte: <https://www.area-arch.it/en/high-line-2/> 19 Jan
- 88 Fig 66** High Line, composição do chão  
Fonte: <https://www.area-arch.it/en/high-line-2/> 19 Jan
- 89 Fig 67** Vista da High Line  
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/267682771587418473/> 19 Jan
- 90 Fig 68** Corte da Linha  
Fonte: <https://www.area-arch.it/en/high-line-2/>
- 90 Fig 69** Lista vista aerea  
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/267682771587418473/>
- 92 Fig 70** Localização do terreno em Maputo  
Fonte: Autor
- 96 Fig 71** Terreno, vista aérea  
Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes
- 96 Fig 72** Maputo Atual  
Fonte: Autor
- 103 Fig 73** Perspetiva do Edifício da Proposta  
Fonte: Autor
- 105 Fig 74** Perspetiva do Edifício da Proposta  
Fonte: Autor
- 106 Fig 75** Perspetiva do Edifício da Proposta  
Fonte: Autor
- 110 Fig. 76** Vista sobre o aterro  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa







**Fig. 1** Localização do território de Moçambique

**Fonte:** Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

## Introdução

A apropriação do território, em África faz-se de forma livre, sendo a terra considerada como uma pedra por lapidar. Este fator revela-se um grande desafio para o arquiteto, uma vez que se trata de um lugar livre de alguma rigidez urbana. Esta leitura advém da realidade vivida principalmente na Europa, onde existe uma elevada densidade construtiva, reflexo do seu forte e grande desenvolvimento ao longo dos séculos. Por intermédio da vontade de escapar a essa mesma vertente se procuram novas respostas e locais para produzir novas experiências para o homem.

De facto, a possibilidade de contatar com uma atmosfera tropical, quer seja pela sua diferente localização, clima ou população, altera muito a forma de se elaborarem projetos. É uma nova era para a arquitectura já que não existem barreiras temporais.

Banhado pelo oceano Índico, Moçambique é um país que durante décadas sofreu enormes transformações territoriais, com maior ênfase na sua capital, Maputo. Desde a sua ocupação até hoje, diversas foram as tentativas para encontrar soluções para os problemas apresentados pela cidade.

Atualmente, Maputo é um território com forte déficit no que toca à organização urbana. Consequentemente, pela existência deste problema, outros naturalmente surgem; tanto pela má gestão do território, como

pela sua apropriação espontânea ou pela dualidade urbana, com a inequívoca diferenciação de espaços na cidade. Independentemente de ser uma problemática geral, a zona de intervenção restringe-se à antiga FACIM, Feira Internacional de Moçambique. É sem dúvida um local privilegiado relativamente à restante cidade, pela sua proximidade com o mar e pelo seu declive pouco acentuado.

Ao longo do século XX tiveram maior ênfase as tentativas de reestruturação e reorganização urbana com o surgimento de diversos planos, promovidos pela então metrópole, Portugal, que detinha o território de Lourenço Marques. Infelizmente maior parte destes projetos não viram a sua conclusão final. No entanto continuam a surgir questões ligadas a esta reestruturação, e são procuradas as devidas respostas para uma drástica mudança sem nunca perder a identidade da cidade.

Segundo Morais (1995), é necessário “(...) enquadrar/compatibilizar as intervenções em património, (...) entender a lógica (...) numa ótica de transformação, sem a perda de identidade” Tal significa que há a necessidade de novos arquétipos de organização e utilização do espaço, tendo por base os conceitos já implementados.

Por outro lado, entender o território é, na forma urbana, uma tarefa difícil pela arbitrariedade e espontaneidade construtiva encontrada em países em vias de desenvolvimento.

De acordo com Morais (1995) “(...) os limites da cidade deixaram de ser claros com o seu rápido crescimento (...)”, sendo, por isso, uma das

principais preocupações perceber acima de tudo como funcionam estes limites, partindo do pressuposto que eles existem.

Olhar Maputo na sua globalidade ajuda a um maior entendimento das suas reais necessidades. Desta abordagem global surgem vários objetivos: a requalificação de espaços devolutos; a implementação de políticas de valorização e bom uso do espaço público e privado; reestruturação da mobilidade urbana; potencialização de atividades económicas e sociais, atribuindo à zona de intervenção um carácter de nova centralidade, através da transformação deste espaço na continuidade da cidade e da sua identidade, promovendo sempre uma relação umbilical com a estrutura urbana já existente; a intenção de fazer ligação com importantes zonas, principalmente a diferentes cotas; e promover, fundamentalmente, a sustentabilidade do edificado, sendo este um importante símbolo da orgânica do projeto;

É então que chegamos à análise do património. Tal como na acupunctura, o impacto da transformação e reorganização urbana é visto com uma "terapêutica" relativamente à condução da preservação, conservação e restauro do edificado presente, tendo em vista a existência de uma ligação para "assegurar uma continuidade dos elementos físicos em presença" (Morais, 1995). O objetivo é minimizar repercussões negativas, que qualquer tipo de transformação possa trazer à lógica urbana.

A presente proposta de projeto pretende abordar o papel do edifício enquanto ícone, como ponto estruturante e de ligação de todas as artérias

da cidade. É um convite à reflexão sobre a cultura e identidade, sem esquecer a dualidade entre a arquitetura e as experiências e vivências urbanas.

## Objetivos

Tendo em vista o objetivo principal de estudar o edifício enquanto ícone de uma cidade, o presente trabalho abordará os seguintes aspetos fundamentais.

Análise física e humana, complementada pelo estudo de alguns défices sociais, com o intuito de direcionar o objetivo deste projeto de forma mais direta e eficaz, no que toca à complementarização das ofertas que a cidade tem ao dispor da população.

Em seguida será feita uma análise urbana tendo por base a história do local e a relação com a restante cidade. É essencial fazer uma caracterização dos diferentes espaços já existentes e como eles podem ou não ser integrados no contexto projetual.

1. [L]  
[SEP] Adequar a execução de projeto à sua localização, por se tratar de uma zona tropical, situado no hemisfério sul trazendo consigo diferentes questões (estar perto do mar, clima, orientação solar, etc.)
2. [L]  
[SEP] A capacidade de articular este tipo de construção com a urbanidade já existente e com a requalificação do espaço público.
3. [L]  
[SEP] Fundir diferentes espaços/zonas da cidade, tentando criar um simbiose equilibrada entre as distintas áreas e cotas.
4. [L]  
[SEP] Revitalização da frente mar tirando partido da localização assim como do clima.

## Metodologia

O presente trabalho compreenderá diversas partes, que, em conjunto, compõem um estudo intensivo sobre a revitalização e requalificação urbana da cidade de Maputo. O principal objetivo será o de tornar esta cidade num importante foco, relativamente às outras cidades tropicais do hemisfério sul.

A execução do projeto contempla uma parte teórica e uma parte prática, que caminharão lado a lado. Por um lado, a parte teórica permitirá perceber o território que hoje existe e de que forma ele poderá ser transformado a posteriori através do projeto prático que será apresentado.

Em primeiro lugar, proceder-se-á a uma leitura clara de todas as necessidades, de forma a entender o modo de relação, população versus cidade e analisar dados estatísticos presentes nos censos, para calcular e caracterizar essas carências.

Em seguida procederemos a uma análise bibliográfica com o intuito de proporcionar uma melhor percepção da organização clara e funcional para uma nova reestruturação da malha urbana. Será ainda inevitável a análise de alguns casos de estudo para poder comprovar e sedimentar melhor estes fundamentos.

Após esta análise poderemos então caracterizar o território e apresentar a nossa proposta de edifício para o mesmo. A proposta terá por base a percepção do edifício enquanto construção e ao mesmo tempo habitáculo, que se torna para o Homem uma extensão da relação que tem com o

espaço.

Elaboraremos também uma análise do lugar em questão e da sua composição, que irá desde as tipologias dos espaços já edificados até à sua análise morfológica.

Toda esta análise resultará num levantamento firme e fundamentado das reais necessidades e das melhores soluções, visando sempre ter por base a homogeneidade e intenção de tornar o icónico real.

Após a análise e a reestruturação urbana que já foi definida, passamos à execução do projeto que começará com diversas propostas que depois de redefinidas estarão aptas para a passagem à escala de pormenor. Teremos em conta todas as condicionantes de terreno, limites urbanos e problemáticas da cidade.

Serão executados os desenhos arquitectónicos tendo em vista a solução dos problemas diagnosticados, de acordo com as propostas elaboradas. A par deste desenvolvimento estará a elaboração do documento escrito que será reflexo da análise prática ao projeto.

O presente documento escrito, bem como todos os desenhos da componente projetual elaborados, constituem, desta forma, as peças finais desta dissertação de mestrado.





## 1. O Território



**Fig. 2** Maputo – Ponta Vermelha  
**Fonte:** <http://www.faelp.org/pt/> 4 Dez

## 1.1 – Caracterização Física e Humana

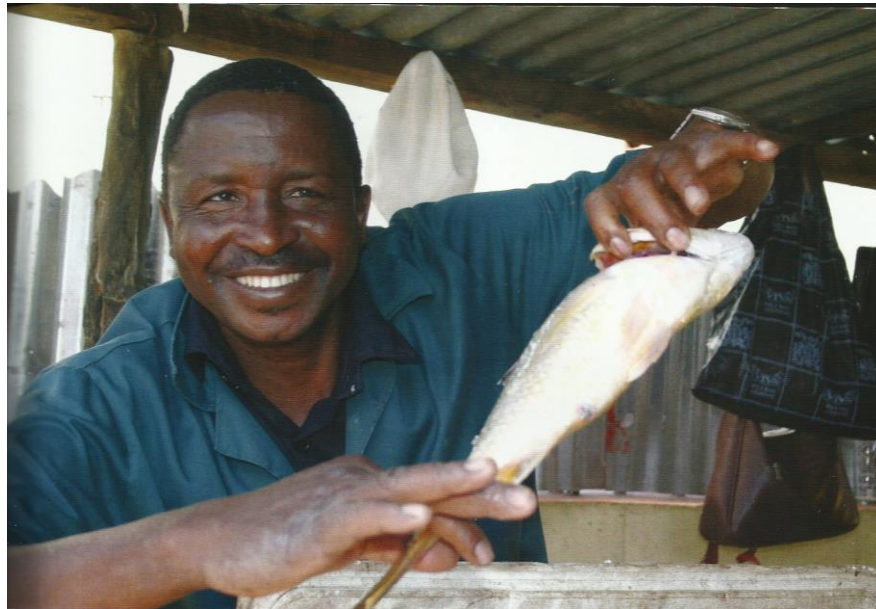


Fig. 3 Venda no Mercado

Fonte: Livro – MOÇAMBIQUE – A terra e as gentes

Situado no sudeste africano, Moçambique é um país impar relativo às suas características climáticas e geográficas. Banhado pelo Oceano Índico em mais de 2000 km é caracterizado pelo seu clima tropical, este influenciado pelas monções marítimas e pela corrente quente do canal de Moçambique. Num modo geral o clima caracteriza-se tropical quente, sofrendo algumas alterações conforme as regiões, entre clima sub-húmido, seco e semiárido, tropical seco na área de intervenção projetual (Maputo) . As temperaturas medias anuais rondam os 22.5°C em Maputo, segundo Manuel Correia Guedes, Arquitectura Sustentável em Moçambique, 2011 (pg. 31).

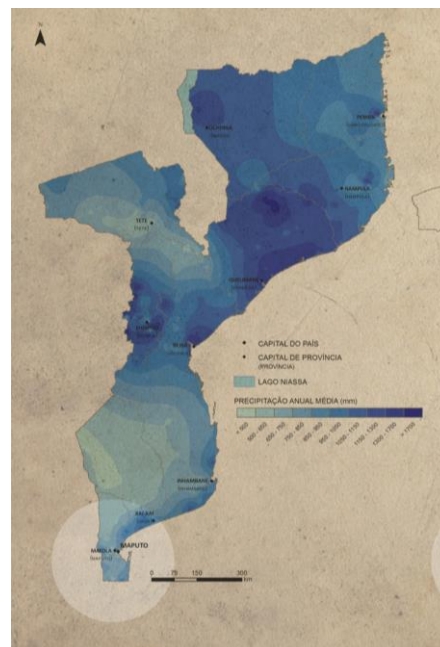


Fig. 4 Classificação Climática Fig. 5 Precipitação Média Anual

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

Clima este, particular pela alta pluviosidade durante todo o ano e pelos elevados índices de humidade presente no ar.

Faz fronteira com diversos países: Malawi, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e com o Zimbabwe.

A sua capital Maputo, está situada a sul e é um dos principais centros urbanos, com uma maior concentração de população.

Predomina um relevo mais elevado e mais acentuado a norte do que no sul. Na capital os valores não excedem os 100 m de altura. Ao longo do país existem extensas zonas com áreas protegidas.

O projeto interventivo localiza-se na capital, a Sul. A cidade apresenta algumas cisões e divisões inequívocas entre classes sociais o que é presente por todo o país. Estamos perante um território onde 45% da população tem menos de 15 anos, revelado assim grandes défices na lógica organizacional de um país. Tem das taxas de natalidade mais altas do mundo, onde há uma media de cinco filhos por mulher (números que tendem a aumentar em zonas rurais).

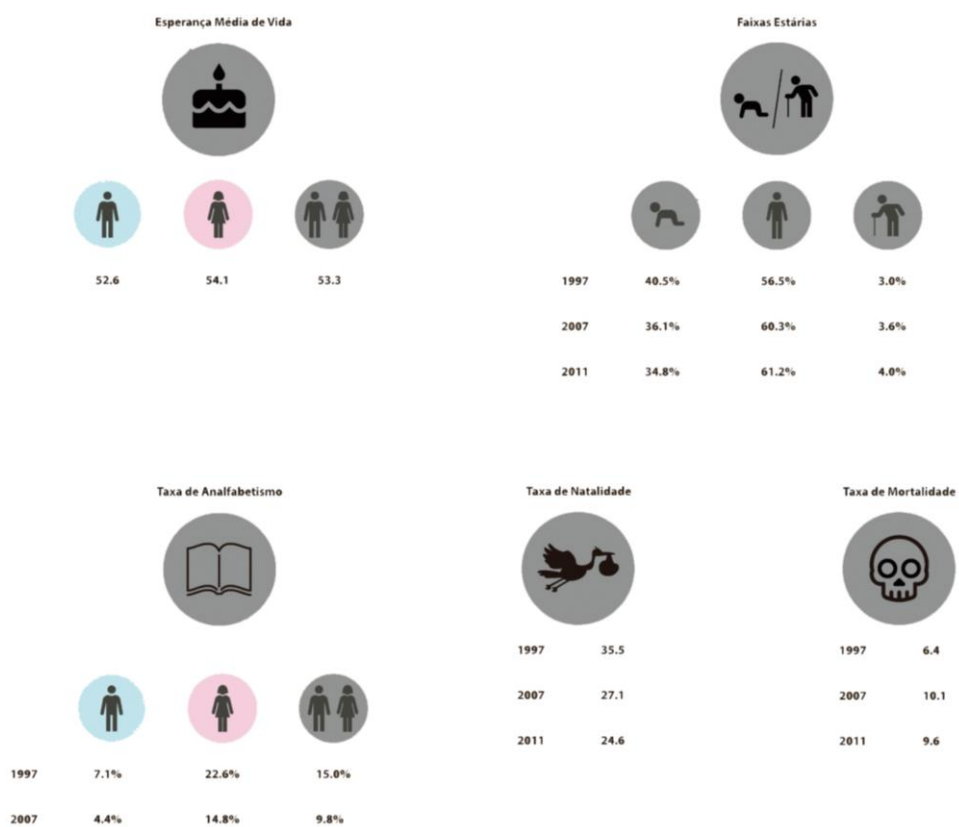


Fig. 6 Quadros com taxas de Natalidade, Alfabetismo, Esperança Média de Vida e Faixas Etárias

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

A contribuir para esta situação está a “(...) alta taxa, desastres naturais, doenças, alto crescimento populacional, baixa produtividade agrícola e a distribuição desigual da riqueza.” (segundo a CIA, *Central Intelligence Agency*).

A emigração predomina na população Moçambicana, tendo um maior ênfase entre 1979 e 1992 aquando da guerra civil. Existe ainda uma forte emigração rural para os países mais próximos, África do Sul e Malawi.

A multiculturalidade religiosa é outro ponto importante. O catolicismo e o islamismo lideram o topo da tabela com mais de 42%. Mas está enraizado na maioria da população a bruxaria e uso frequente de rituais. Muitos sedimentam a sua vida sob estes pressupostos e pagam para a realização de intensões.

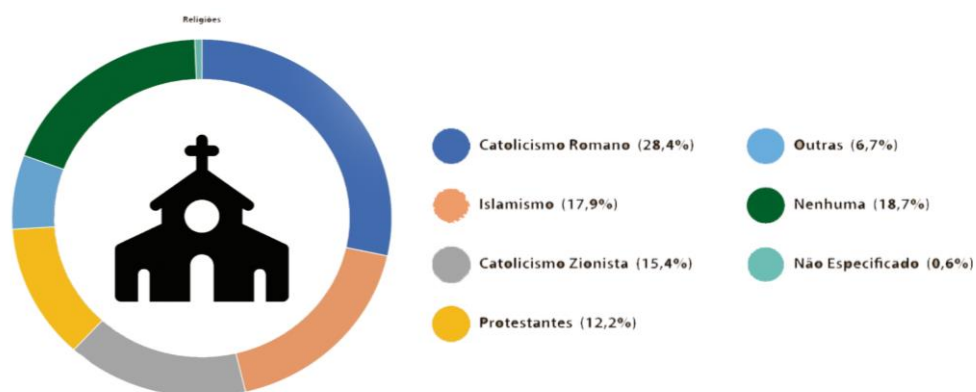


Fig. 7 Dados percentuais relativos aos idiomas falados

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

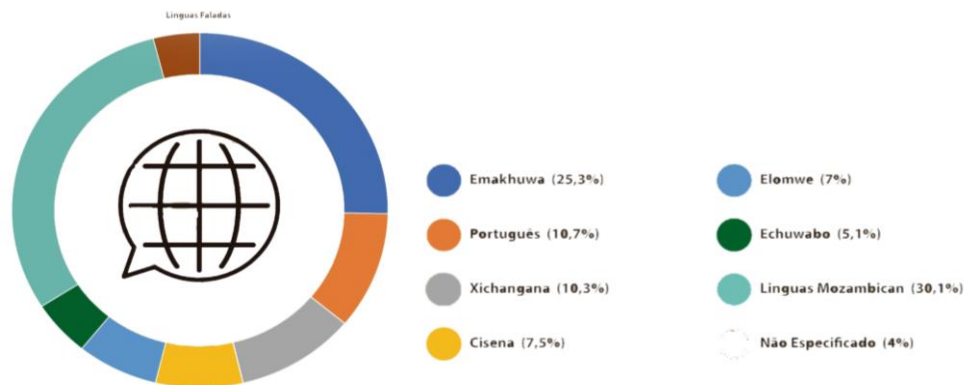


Fig. 8 Dados percentuais relativos à opção religiosa

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

A língua oficial é o português mas curiosamente não é a mais falada, mas sim o emakhuwa.

É um país que se caracteriza também pela abundância de alguns recursos naturais, dos quais se destacam o carvão, o gás natural, a energia hidrelétrica, entre outros, que são impulsionadores de um desenvolvimento sustentável a nível nacional. É através desse pensamento a nível energético que o projeto tomará partido em algumas circunstâncias para poder utilizar o máximo de recursos naturais possíveis em prol de uma melhora geral da população, trazendo um contributo ao desenvolvimento da cidade.



## 1.2 – Contexto Histórico

Os antecedentes presentes em Moçambique são bastante antigos e remonta-se ao século I d.c. com os primeiros assentamentos espontâneos, por parte de tribos indígenas. As principais cidades seriam a Ilha de Moçambique, a Sofala, Quelimane, Sena e Tete. Apenas no século XIX Maputo tem categoria urbana.

A baía, em Maputo, tem um papel estruturante na paisagem, tornando-se o elemento central, sendo que a partir do século IX, tem um carácter mais constante e é local de trocas comerciais, de forma vasta em todo o território.



Fig. 9 Aterro de Maxaquene antes do assentamento de 1915

Fonte: <http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/11/aterro-da-maxaquene-12-mapas-e-algumas.html> 5 Jan



No século XV aquando da expansão marítima portuguesa até à Índia, foram propostas rotas estratégicas e pontos de paragem.

Vasco da Gama tinha como objetivo que esse trajeto passasse por Moçambique e Mombaça, segundo Morais (2001), mas devido ao desprimor de tais terras, à sua receção, foi necessário explorar novos pontos táticos.

A chegada dos portugueses à África Ocidental provocou um forte impacto nas relações comerciais entre os povos desta região, pois o comércio feito no Índico era propriedade exclusiva de negociantes muçulmanos. Esta questão trouxe problemas, na execução de trocas comerciais, entre os dois povos (portugueses e muçulmanos), agravando-se com as divergências religiosas.

A principal moeda de troca para fins comerciais era o ouro e seria desta forma que se fariam as transações de especiarias provenientes da Índia. Para que tal acontecesse era inevitável o desenvolvimento da Ilha de Moçambique como ponto estratégico, de apoio logístico e gestor das armadas que seguiam para a Índia e ainda local de reabastecimento dos navios. Este ponto torna-se “verdadeira plataforma comercial distribuidora de produtos”. Morais (2001)

Embora houvesse interesse da coroa portuguesa em colonizar o território Moçambicano, esta vontade não se desenvolvia pelo seu domínio por parte do Estado da Índia.



Fig. 10 Plano Urbano de Maputo em 1903

Fonte <http://housesofmaputo.blogspot.com/> 19 Jan

Por esse e outros motivos, aumenta o interesse Europeu, devido ao potencial económico, também derivado do marfim e dos escravos. Eram tanto Portugueses como Holandeses, Ingleses e Austríacos.

Morais (2001), afirma que o século XVIII foi decisivo na conquista deste território, embora houvessem pressões militares de outras nações europeias. Em 1721, os Holandeses construíram um forte de madeira na baixa de Maputo, designando-o Lagoa. Acabou por ser destruído em 1777 por tropas Inglesas. Logo após vieram os Austríacos, também com a construção do Forte São José.

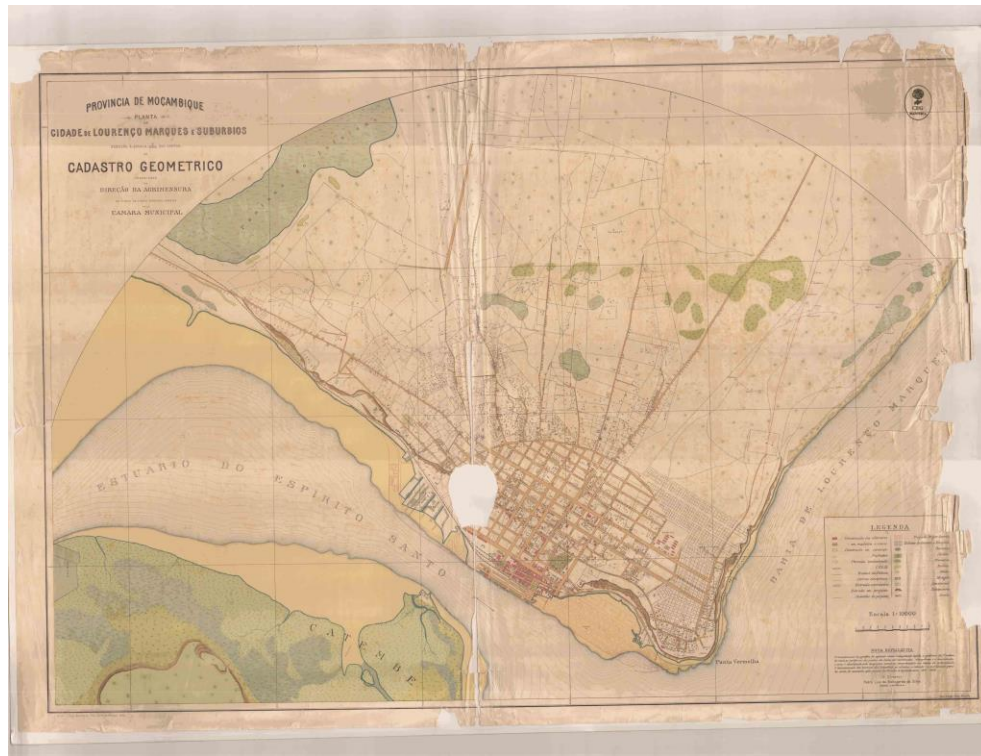


Fig. 11 Plano Urbano de Maputo em 1907-08

Fonte <http://housesofmaputo.blogspot.com/> 19 Jan

A fixação portuguesa em Lourenço Marques dá-se em 1781, com a exclusão de “três feitorias austríacas já instaladas” Moraes (2001). No ano seguinte é feita a construção do presídio de Nossa Senhora da Conceição. Este foi destruído oito anos mais tarde pela mão Francesa, mas reconstruído em 1796, pelo envio especial de mão de obra portuguesa.

O presídio aloja a primeira comunidade de colonos, no ultimo ano do século XVIII. Com a criação da Companhia Comercial de Lourenço Marques e Inhambane, em 1825, torna-se no primeiro elemento urbano, em consequência do assentamento português, agora mais fortalecido.

Ao longo dos anos foi sendo aumentado e em consequência de uma forte pressão por parte inimiga, procedeu-se à construção de “uma pequena povoação fortificada, para quartel e feitoria, que ocupava [...] uma língua de areia, de cerca de 1200 metros de comprimento e 100 metros de largura, rodeada de pântanos” Mendes (1985), para a orla do presídio, dando origem a elementos urbanos com maior expressão.

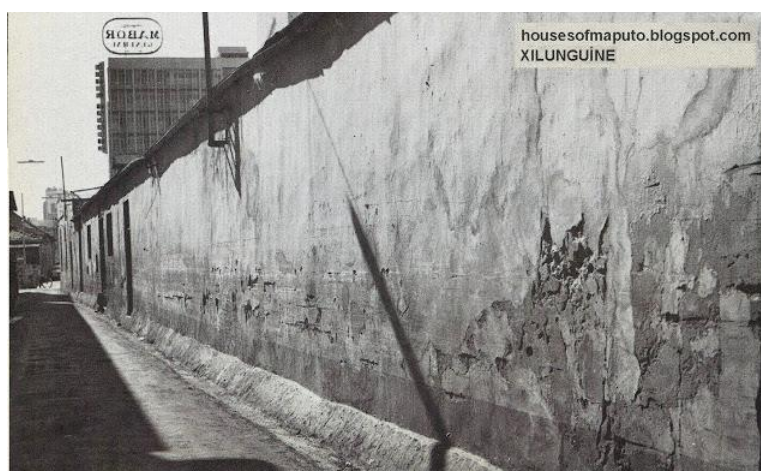


Fig. 12 Antigo muro do ultimo presídio

Fonte: <http://housesofmaputo.blogspot.com/2016/02/presidio-de-lourenco-marques-as-origens.html> 7 Jan

Em 1880, após a descoberta de ouro, há um maior crescimento e interesse tanto nacional como internacional em explorar território. Por decreto real, D. Luís I eleva o presídio a Vila, e é aí que oficialmente tem a designação de Lourenço Marques. Houve uma forte aposta e investimento e manutenção,



das primeiras grandes infraestruturas, tanto ligações férreas, rodoviárias e portuárias, assim como a construção de novos equipamentos, com maior ênfase: quartéis, o hospital, a igreja e construção de habitações.

Com este forte desenvolvimento, em 1887 por despacho de D. Luís I, de Vila, Lourenço Marques é denominada Cidade.



Fig. 13 Rua Araújo, Lourenço Marques

Fonte: Livro – Memórias de Moçambique

No fim do século XIX, é elevada a capital da Província Ultramarina de Moçambique, “conferindo-lhe uma dimensão política, reflectida ao nível do edificado e das estruturas públicas” Morais (2001).

Já em meados da década de 70, em 1975, opôs-se ter dado no anterior ano a revolução portuguesa, a 25 de Junho também Lourenço Marques torna-se independente, passando a ser designado Maputo.

### 1.3 – O Território Hoje

O território de Maputo passou por uma forte metamorfose ao longo dos tempos, mas os costumes e a própria identidade deste local, têm permanecido e perdurado.

Há um passado que está continuamente presente na cidade, embora marcado pelos muitos anos de guerra e pela sobrepopulação.

Composta por certas contradições, Maputo é uma cidade “(...) calma, sem pressa; mas também insegura, incerta e perigosa. (...) atualmente é uma cidade suja e os seus espaços públicos não estão cuidados.” E ainda, “É simultaneamente rica, nobre e acolhedora, mas rodeada de pobreza, miséria e fome.” Miguel Santiago, *Metamorfoses Espaciais* (2007). Nela podemos observar todas estas realidades.



**Fig. 14** Típica Casa comercial de Maputo.  
“Casa Elefante”

**Fonte:** Livro  
Moçambique – A Terra  
e as Gentes

“(...) cidade calma, sem pressa (...)” no entanto com cenários que causam sentimentos de desconforto e desolação.

A população moçambicana que vive e respira Maputo, tem uma forma de estar e habitar a cidade, única em seu género.

Maputo, cidade geneticamente africana, acaba por enaltecer a calma. Tem um ritmo de vida próprio, mas nada entediante para quem se consegue introduzir nela. Com inúmeros problemas sociais, económicos e políticos, no seu dia a dia, o natural de Maputo não perde a sua alegria, nem a esperança. É um povo afável, acolhedor e vive como a celebrar a vida!

População maioritariamente pobre, auferem um salário bastante inferior ao nível de vida praticado. Facto que não a priva de desfrutar dos prazeres da vida, chegando a gastar o seu rendimento mensal no espaço de uma semana, sem controlo. É bom referir que não obstante à pobreza à precariedade, a maior parte da população não passa fome. Tem uma vida simples, limitando-se às praias, cafés e festas.

Fig. 15 Quotidiano Urbano

Fonte: Cedida por Ana Frazoa



No âmbito cultural, não têm o hábito de ir ao cinema, ao teatro e a outro tipo de espetáculos artísticos ou culturais. Este tipo de divertimentos assistem-nos uma classe social mais elevada.

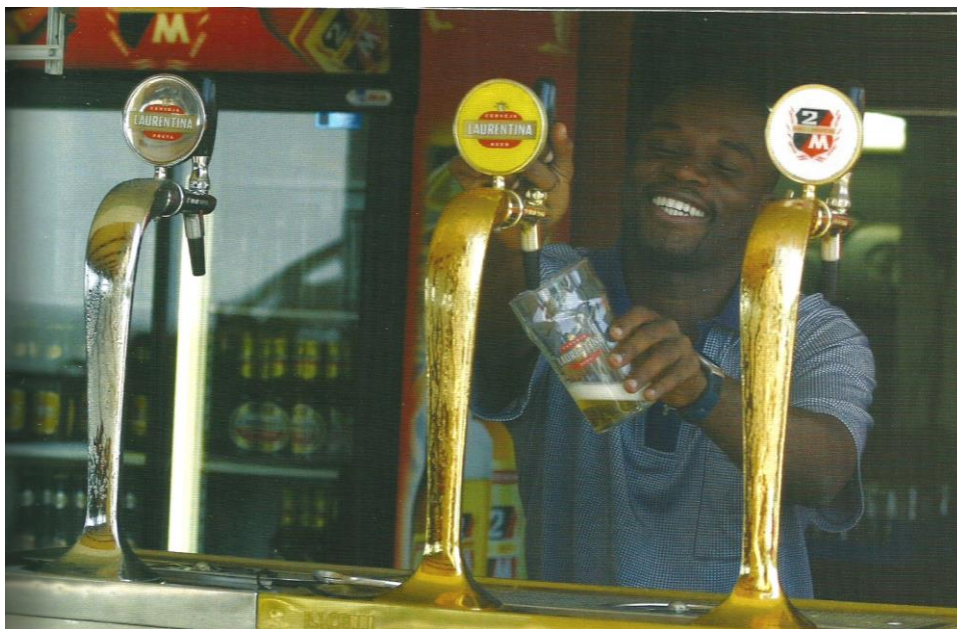


Fig. 16 Quadro relativo à sustentabilidade forte

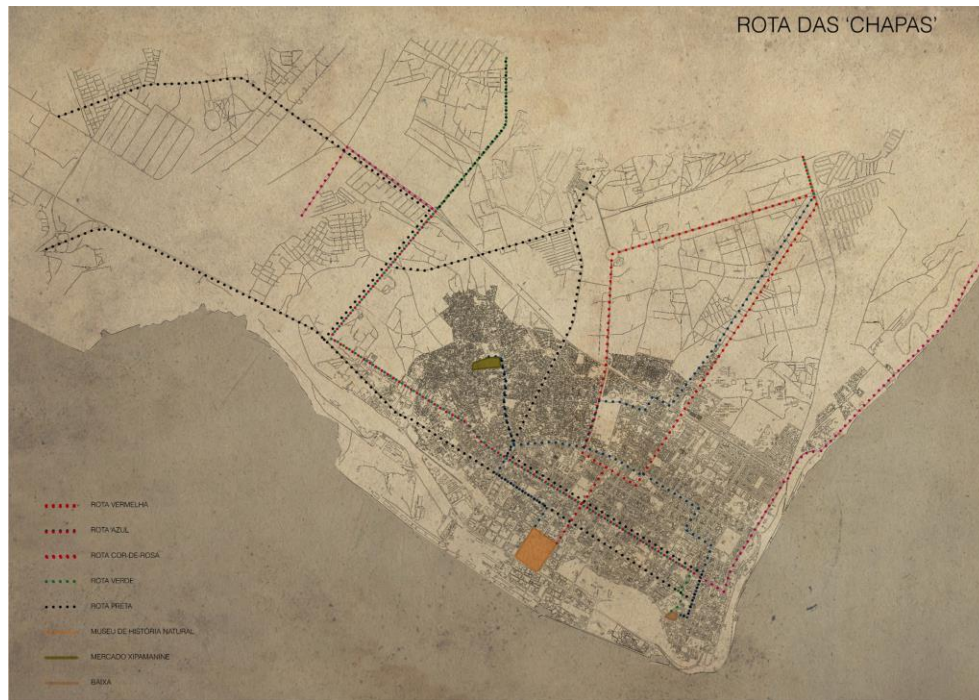
Fonte: Livro City Marking – Myplace in XXI

As infraestruturas rodoviárias são deficitárias e praticamente todas do tempo da colonização, cerca de 90%, sendo muito poucas as novas vias construídas. O mau estado do pavimento das ruas, a fraca manutenção, e a sua má utilização são razões que se podem apontar. Há sim, a tentativa de reconstrução das vias pré-existentes com a colocação de novos pavimentos; em exemplo, a via que liga o aeroporto ao centro da cidade, apresenta fortes sinais de degradação, tornando o percurso perigoso e demorado. A falta de equipamentos e instalações urbanas de primeira



necessidade, não é tida como prioridade absoluta. Os transportes públicos também não contribuem para o avanço da cidade. Para além dos habituais autocarros, circulam também as *chapas*, uma espécie de táxis, com rotas definidas e com excesso de lotação, chegando a transportar trinta passageiros quando o número indicado é de nove pessoas pondo em causa a segurança e a integridade física dos cidadãos.

Abaixo podemos observar um mapa que contempla as rotas das chapas no sul da cidade.



**Fig. 17** Rota das Chapas na zona sul da cidade de Maputo

**Fonte:** Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

Maputo é uma cidade cosmopolita, com um fluxo diário de milhões de pessoas, mas com um nível de desenvolvimento muito deficitário e

retardado, nada evoluído face à atual conjuntura mundial. O Governo tem uma forte vontade em introduzir reformas económicas e sociais, a fim de reverter esse declínio, mas a falta de recursos financeiros, de infraestruturas e apoio internacional conduzem Moçambique para um dos países mais pobres do mundo.

Grande parte da população sobrevive do comércio; muito embora existam locais predefinidos para essa prática, como mercados e lojas comerciais, eles tomam qualquer espaço como o local oportuno para fazer negócio, em exemplo, à beira das estradas.



**Fig. 18** Avenida 10 de Novembro

**Fonte:** Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

Para acontecer uma forte mudança e equilíbrio, na relação entre espaço urbano e população é necessária uma intervenção política adequada. O

problema está mais evidenciado devido à forte segregação entre as duas partes urbanas: o Caniço e a “Cidade de Betão”, tendo havido uma queda no número de habitantes nesta última, enquanto o Caniço aumenta a sua demografia de forma considerável. Esta situação cria uma grande tensão num espaço urbano que se quer homogéneo.

“Hoje, ao percorrermos a cidade de Maputo, reconhecemos vivamente o encontro de duas geometrias que fazem parte de um território e que nos remontam para sua origem: a cidade da praia e a cidade do promontório.”

Miguel Santiago (2007), uma verdadeira lacuna no que toca à ligação deste terreno embora esteja diferentes cotas.

Na cidade baixa, atualmente, estão localizados edifícios de escritórios e sedes de bancos, com um importante valor arquitetónico e ainda algumas residências. Esta zona representa de melhor forma a verdadeira ambiência urbana, embora haja “estilos” projetuais distintos nas diversas construções.

Em correlação, na cidade alta há um forte destaque sobre conjuntos habitacionais, Polana e Sommerchild, assim como espaços verdes privados e miradoiros, segundo Miguel Santiago.

A questão das necessidades básicas é preocupante, porque a rede de distribuição de água e de luz é deficiente, deixando as casas sem fornecimento.

Alguma construção existente tem influência soviética porque na sua defesa face ao colonialismo Moçambique aderiu ao apoio da Rússia aproveitando esta fazer o seu expansionismo. A cidade de Matola apresenta atualmente melhores condições de vida e é onde mais se desenvolveu a habitação.



Fig. 19 Avenida Vladimir Lenine

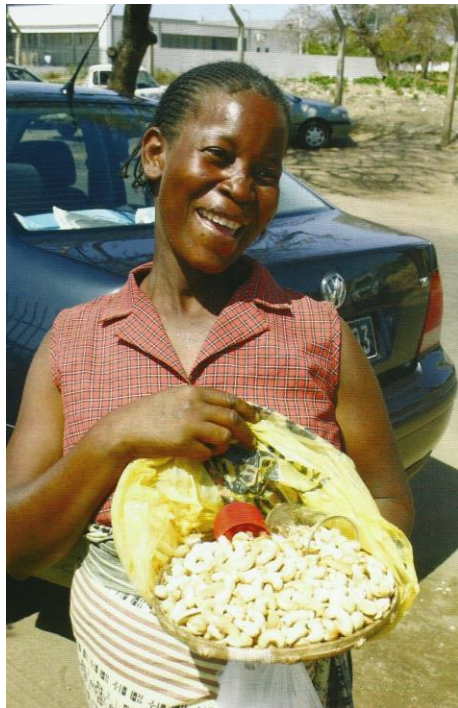
Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes

A recuperação do património arquitetónico, atualmente em avançado estado de degradação, a renovação do espaço público exterior e ainda entender e solucionar o Caniço são medidas absolutamente prioritárias para melhorar e promover uma drástica mudança da cidade.

Com a imensidão de lindas paisagens, belas praias, podia-se abrir portas para um turismo de relevo podendo-se também sentir a alegria e a hospitalidade do povo moçambicano.

Pode afirmar-se que é um país bafejado pela sorte de recursos naturais, onde deveria existir um melhor aproveitamento que contribuísse para o seu desenvolvimento e para o seu progresso.





**Fig. 20** Vendedora ambulante

**Fig. 21** Venda no Mercado

**Fonte:** Livro Moçambique – A Terra e as Gentes





Fig. 22 Mercado Municipal

Fonte: Cedida por Ana Frazoa





## 2. O Edifício Enquanto Ícone



Fig. 23 Igreja de Santo António da Polana  
Fonte: Cedida por Ana Frazoa



## 2.1 – Arquitetura e Turismo

A caracterização da arquitetura enquanto meio influente para um povo tem alguns pressupostos que por vezes são gerados em consequência de fatores externos, mas que se relacionam com a arte.

A particularidade e individualidade de um edifício pode trazer para o local uma nova ambiência e forma de viver a cidade. O impacto que a chegada de uma nova construção traz na zona urbana, causa transformação tanto na população local, que será o epicentro do acontecimento, assim como, numa larga escala, a nível internacional.

Em todo o mundo temos inúmeros exemplos de edifícios que alteraram massivamente a forma de viver a cidade e a sua visão. A imagem de um edifício icónico é fortíssima. Faz-nos lembrar um local pelo seu objeto contido, o que metaforicamente até poderá ser bem visto se adotarmos a visão corpo/órgão. O corpo no seu todo é a cidade e o órgão principal, o coração, este edifício; impar pela sua estética, imagem e personalidade urbana. Ou seja ele não é o principal mas tem uma especial importância devido à sua iconicidade e função.

Mas este pensamento pode ser uma faca de dois gumes, porque traz consigo tanto influências positivas quanto negativas. O que leva um arquiteto a involuntariamente executar uma obra que se torna o ícone de uma cidade ou país? Ou ainda. Quais os pressupostos de um arquiteto,

que decide fazer uma construção icónica, e é bem sucedido na sua demanda? O fator económico está sobejamente ligado a ambas as questões, tal como diz Charles Jencks *“the economics drive the icon in architecture today”* em *Iconic Buildings* (pg. 12). Primeiro teríamos de analisar os motivos da execução projetual. Qual é o seu intuito? Se estamos perante uma obra meramente impulsionadora da economia local/regional ou então existe de facto a vontade de criar uma obra que na sua base e intensão têm o propósito de servir a população em verdadeira índole, impulsionar o desenvolvimento urbano e por fim trazer à cidade uma nova perspectiva arquitectónica que por conseguinte culminou na criação de uma obra icónica.

A base da intensão nem sempre é justificável à consequência do efeito que o edifício/obra traz à cidade. É importante perceber que independentemente da intensão inicial, caso realmente haja um edifício que corrompa a identidade de uma cidade, será necessária a inversão deste facto. Poderá ser por meio de uma eventual reestruturação urbana ou a capacidade da cidade se adaptar à obra e trazer consigo novas estruturas que a possam complementar.

É evidente que estamos a analisar um acontecimento de solução ao problema. Mas se a esta ação for tomada à priori, evitamos tais procedimentos, porque de facto o problema não existe. Primeiro que tudo uma análise histórica e da construção urbana ao longo dos tempos é fundamental, para que se possam perceber eventuais impactos internos e externos. Depois de criado o plano urbano a obra tem de responder

primeiro às necessidades da população, pois é o que realmente importa, tanto para o arquiteto que viabiliza a execução de projeto assim como as reais respostas, às perguntas, que são propostas com a solução de obra. Tal que o papel do planeamento do território segundo Morais deve ser “(...) entendido como “(...) um método de aplicação (...) destinado a resolver, racionalmente, os problemas que afectam uma sociedade situada em determinado espaço, em determinada época, através de uma previsão ordenada e capaz de antecipar as suas ulteriores consequências (...)”.“, Metodologia de Projeto em Arquitetura.



**Fig. 24** Flatiron Building  
em Nova Iorque

**Fonte:**

[https://www.flickr.com/p  
hotos/fromthenorth/3573](https://www.flickr.com/photos/fromthenorth/3573869382)

[869382](https://www.flickr.com/photos/fromthenorth/3573869382)

O arquiteto tem um papel preponderante na absorção da identidade de um povo. É como um ator que estuda o seu papel e o representa, encarnado a personagem em todo o seu vigor. Assim se quer quando ele próprio projeta, pois está embutido do verdadeiro espírito e cultura daqueles a quem se destina o seu trabalho. É dada uma troca entre a arte e a arquitetura, entre a razão e experiência de poder proporcionar uma visão única que de certa forma conecta a urbanidade de um local, sem o corromper, porque a cidade só é verdadeiramente vivida quando todas as suas artérias, veias e ligações funcionam em prol do bem comum.

A noção de construção em altura pode inicialmente parecer insólita, principalmente num país em desenvolvimento e que deveria ter em consideração outro tipo de aspetos no que toca à construção. No entanto este género arquitectónico poderá ser visionário e uma possível rampa para cobrir algumas lacunas territoriais e económicas.

As valias de uma construção icónica estão maioritariamente ligadas à simbologia construtiva. Desde sempre foram concebidos edifícios símbolo do poder e da grandeza, edifícios que caracterizam a cultura de um povo ou país.

O edificado icónico prende-se essencialmente com a estética e a forma, aliado à função. Pelo sentido da visão, podemos associar um lugar a um edifício. A fusão da imagem e da arquitetura dá-se pela materialidade, implantação/localização, altura e imponência. São características próprias deste tipo de edifícios.



Fig. 25 Edifício em Maputo

Fonte: Cedida por Ana Frazoa

A imagem de um edifício é onde se concentra a primeira identidade, porque é aquela que será mais facilmente difundida e aliada ao seu nome.

É o que torna o edifício o ícone. Ela tem de prender, cativar e aliciar, para que surta o efeito de a querer ver ao vivo.

A cénica exterior comunicará e estará à frente de um julgamento que para nós pode parecer pouco significativo mas que dita a vontade de querer ou não conhecer tal lugar ou edifício.

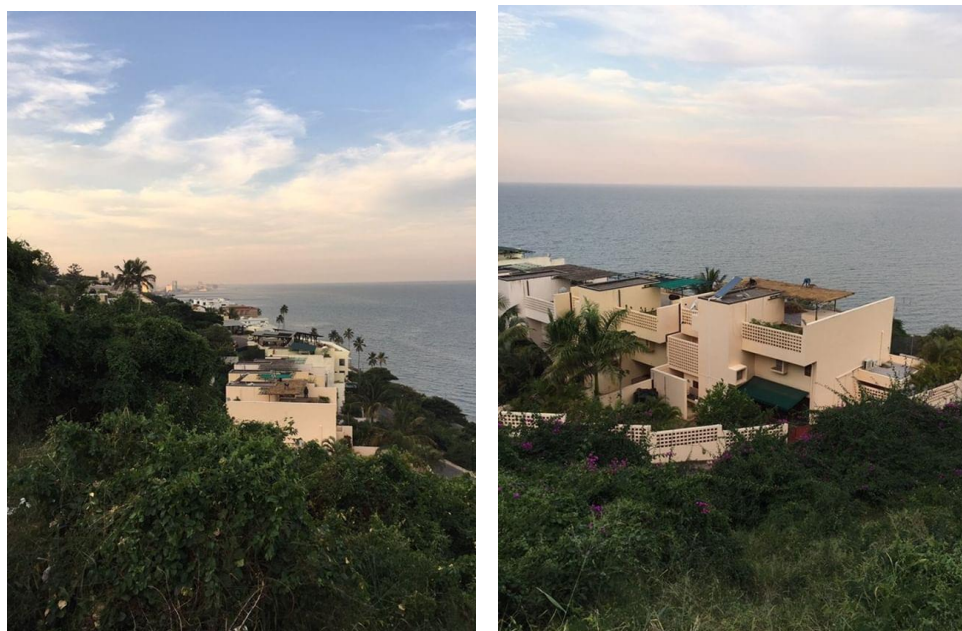


Fig. 26 e 27 Edifícios de Habitação, Maputo

Fonte: Cedida por Ana Frazoa

A memória, é outro ponto importante, as principais linhas deverão permanecer na nossa mente e um simples contacto com algo pertencente à obra é facilmente identificável como parte integrante. Como diz Charles Jenckes, *“Firstly (...) reduced image – like a logo. Secondly, like an icon sign,*



*there is similitude between visual images.* A capacidade de em poucas linhas reconhecer a identidade do edifício e a sua implantação/local, é primordial para o bom sucesso deste exercício. É a partir desta e outras virtudes conferidas à obra que a projeta e amplia no conhecimento geral, tornando-a um ícone.

Aliado a tudo isso está a transformação do espaço envolvente à implantação. Para além de muitas vezes haver uma reestruturação urbana dadas as grandes dimensões do edifício, há ainda uma campanha de promoção á volta da obra e do simbolismo que trará para a cidade.

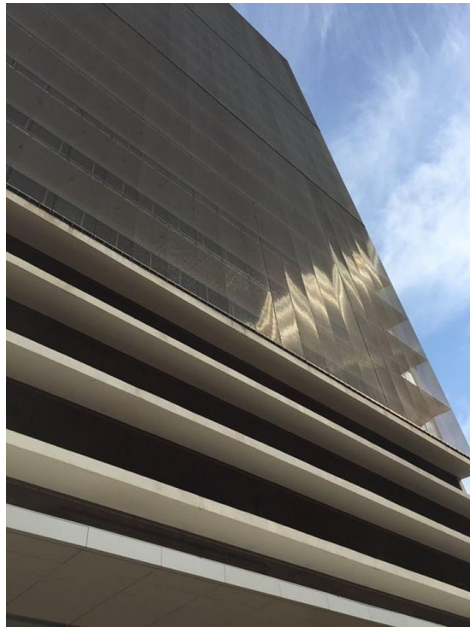


Fig. 28 e 29 Edifício em Maputo , o novo e o antigo

Fonte: Cedida por Ana Frazoa

### 2.1.1 – O Ícone

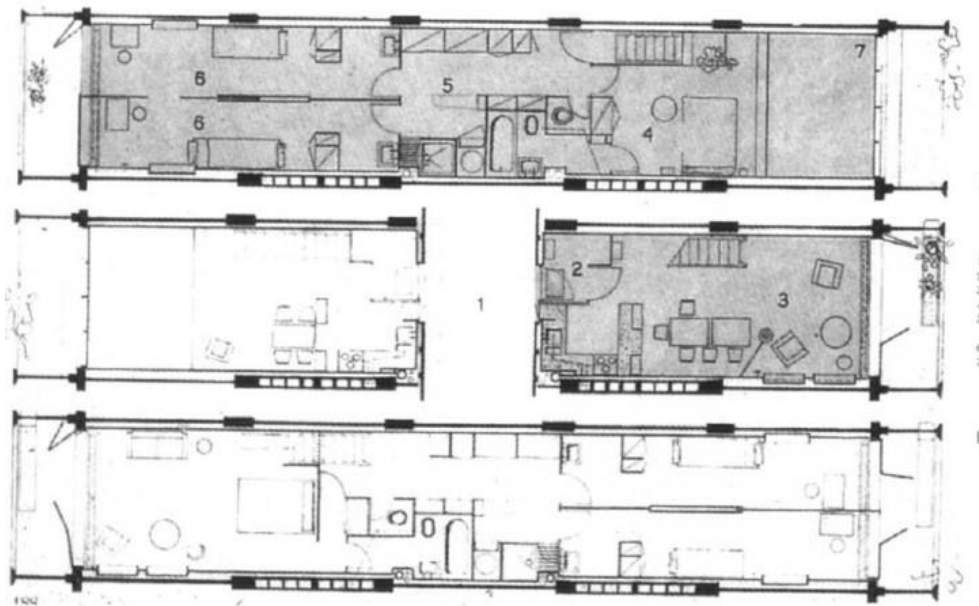
Um edifício e os objetos icónicos têm características em comum. A definição de ícone transporta-se às antigas imagens religiosas e/ou pinturas feitas, na sua maioria em madeira, que para a época da sua execução, era algo único.

A definição do conceito evoluiu fortemente ao longo dos séculos, embora não nos possamos esquecer que esta noção ligada à arquitetura surgiu nos primórdios dos tempos, aquando da construção das Pirâmides do Egito, do Coliseu em Roma, a Grande Muralha da China, entre muitos outros, sendo algo notável para as populações durante gerações e gerações.

Outra importante fase, e forte presença da mão da arquitetura, remonta-nos aos anos 50 do século XX, efeito da Segunda Guerra Mundial, pois havia grande necessidade de construção de habitações, tanto unifamiliares quanto coletivas, que realoiasse o maior número de pessoas, no mais curto espaço de tempo.

Com a execução de alguns projetos, deu-se ênfase ao caso de Unité d'Habitation em Marselha, em 1952, pela mão de Le Corbusier, devido à forte inovação no que toca à projeção da habitação. Ele foi pioneiro no desenvolvimento desta nova era de construção e muito contribuiu para os pensamentos e execuções projetuais desta nova escola modernista habitacional.





**Fig. 30** Unite d'habitation de Le Corbusier **Fig. 31** Planta Interior da Unite

Fonte: <https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/03/unite-dhabitation-marseille-2/> 4 Jan

Outro ponto forte no que toca a este tipo de edificado são os arranha-céus. Mesmo antes desta data surgem alguns, como Empire State Building (1931), em Nova Iorque, tornando-se num dos edifícios mais altos do mundo à época. Mais tarde outros surgem e com diversos tipos de uso, sendo todos até aos dias de hoje considerados ícones.

O carácter de ícone traz consigo algumas contrapartidas. Hoje em dia ele é considerado como tal, independentemente do seu uso, fazendo com que se alterem “(...) a hierarquia e importância dos edifícios nas malhas urbanas(...)”, esquecendo o simbolismo público.

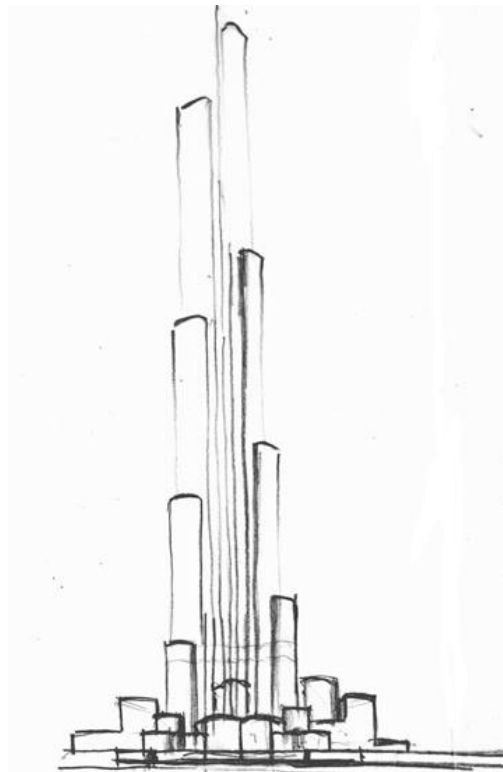


Fig. 32 Esboços “Burj Kalifa”, Dubai, um dos edifícios ícone do século XXI

Fonte: [http://archcomm.arch.tamu.edu/archive/news/spring2010/stories/Smith\\_Burj.html](http://archcomm.arch.tamu.edu/archive/news/spring2010/stories/Smith_Burj.html) 7 Jan

### 2.1.2 – Efeito Bilbao

Embora pelo mundo fora já existissem alguns exemplos de edifícios que marcam as cidades, como a Ópera de Sydney ou mesmo o Guggenheim em Nova Iorque, as formas mais complexas trazidas pelo meio digital ainda não tinham sido exploradas. Com estas novas ferramentas, desde o uso das curvas aliadas à gravidade e a tridimensionalidade de alguns objetos, manifesta-se uma nova fase de construção icónica, nos anos 90.

Até hoje, um dos nomes mais sonantes, é o Arquiteto Frank Gehry, com a obra do Museu Guggenheim em Bilbao, em 1997. Este museu localiza-se no País Basco, em Espanha. A cidade era caracterizada pela industrialidade na construção e falta de limpeza, após a construção do museu tudo se alterou, a cidade renasceu e passou a ser um ponto de interesse e um destino turístico presente no mapa. As suas formas curvas, o uso de um diferente material e a localização entre o rio e a cidade, foram outros pontos importantes.

A transformação é tamanha que altera fortemente a economia, criando inúmeros empregos, assim como o aumento exponencial de lucros provenientes do turismo.

Com esta obra estava lançada uma nova forma de projetar, identificar a arquitetura icónica e de transformação urbana.



**Fig. 33** Museu Guggenheim em Bilbao

Fonte: <https://www.saba.es/pt/estacionamento-museu-guggenheim> 5 Jan

Os problemas surgem quando tentamos tornar da exceção a regra. Inúmeras empresas e instituições queriam ter um edifício icónico associado, o que implica uma transformação da normal lógica urbana, trazendo consequências, sobrepondo à hierarquia da cidade. Por vezes ignoram os contextos urbanos, declinando a escala humana.

O estudo desta visão é fulcral para o real entendimento e elaboração da proposta urbana, de modo, a que em momento algum sejam feridas as componentes essenciais à boa prática da arquitetura. Deste modo terá de ser apresentada uma disciplina de união e nunca de segregação.

## 2.2 – Arquitetura em Maputo

Amâncio Guedes ou Pancho Guedes, como é mais conhecido, foi um arquiteto que revolucionou a forma de construir nas cidades africanas. Formado em Joanesburgo, é caracterizado por não conseguir diferenciar a escultura, da pintura e da arquitetura; para ele havia uma interligação entre todas elas.

“A visão poética, onírica, e humanista proposta para os aglomerados urbanos, pode ser avaliada pela presença das construções , mas também pela importância dada ao espaço público; desenho de praças, dos pátios, dos terraços, dos jardins, dos murais e das esculturas são exemplos emblemáticos de uma preocupação constante com o ambiente que vive, trabalha e desfruta a cidade.” Miguel Santiago, (2007).

Em 1985 a revista *Arquitetura Portuguesa*, com base no texto original *Vitruvius Mozambicanus* (1982-83), nunca editado, faz uma reflexão e dá a conhecer os diferentes estilos representados na obra de Pancho. É-nos apresentada de forma *sui generis* a obra executada até então. Caracterizada por um constante ecletismo e incessante ironia, onde canalizava todos os seus sonhos.

Hoje a sua obra presente em Maputo é conhecida como a sua Guedesburgo.

Alguns dos projetos desempenham um importante e forte papel urbano, mais concretamente entre as décadas de 50 a 70, tanto por tamanha carga simbólica assim como pela linguagem formal, em oposição às típicas casas unifamiliares. Deles destacamos o Prometeu (1951-53), a Padaria Saipal (1952-54) e o Leão que Ri (1956-58).



Fig. 34 Unidade habitacional “O Leão que Ri”

Fonte: <http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/04/stiloguedes-ivb-o-leao-que-ri-de-1956.html> 5

Jan

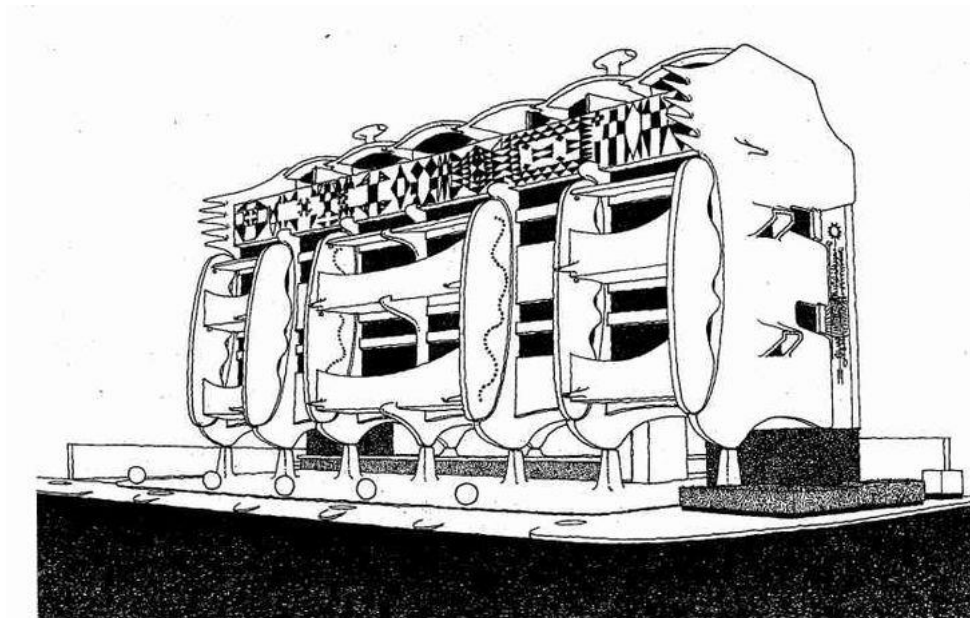


Fig. 35 Unidade habitacional “O Leão que Ri”

Fonte: <http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/04/stiloguedes-ivb-o-leao-que-ri-de-1956.html> 5

Jan

Ulli Beier salienta que o trabalho de Amâncio surge como constante inspiração para os demais. As paredes das cabanas da cidade são pintadas por quem as habita por intermédio desta referência. Deixa um verdadeiro legado e uma forte pegada cultural.

Lourenço Marques pode ser chamado o laboratório experimental da arte de Pancho Guedes, a sua obra alterou e marcou a imagem desta metrópole.



“Se no tipológico os limites são físicos e concretos, no topológico a noção de limite esvazia-se perante a naturalidade e fluidez de todos os componentes; arquitetura e lugar geram uma proximidade entre espaço, forma, materialidade, plasticidade, textura, luz e cor.” **Miguel Santiago**, (2007).



Fig. 36 A arte em Moçambique, por Pancho Guedes

Fonte: Cedida por Ana Frazoa

A obra de Amâncio é uma verdadeira dicotomia pela clara imparcialidade de implantação, tanto a podemos encontrar em zonas ricas como zonas pobres, tanto grandiosos edifícios públicos como habitações unifamiliares; sendo eles fortes referências tipológicas, topológicas e simbólicas. O seu património deixou marcas nos principais bairros da cidade, Sommerchild e Polana, assim como na Baixa.



A escala para Pancho Guedes é um importante fator e premissa na execução dos seus projetos, tanto habitações como edifícios têm escala humana, tendo relação “(...) com a envolvente, o lote, a rua, a praça e a avenida, de forma muito serena.” Miguel Santiago, (2007).

Foi um artista que sempre soube ler o lugar e analisar a melhor forma de o intervir.



**Fig. 37** Interior de uma habitação projetada por Pancho Guedes

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa

## 2.3 – O Marketing Territorial

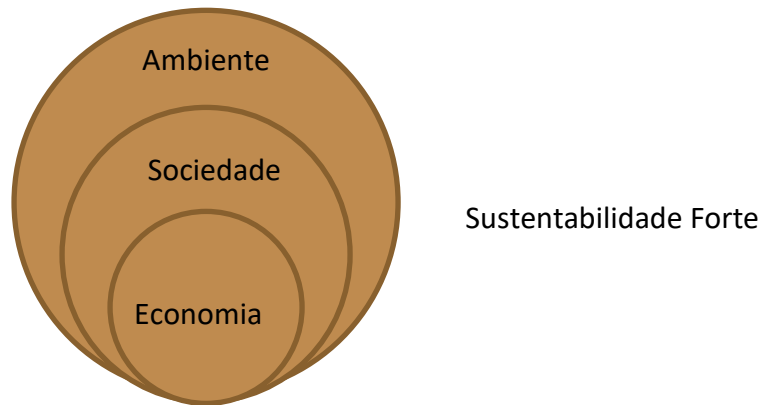
O marketing, disciplina de ampla designação, é entre muitas definições um método de análise e ação, que através do uso de diversas ferramentas técnicas, influencia o respectivo resultado da ação executada *à priori*.

Nos dias de hoje, as cidades, têm o poder de alterar comportamentos na população através da sua própria realidade. E nesse caso é inquestionável a importância do marketing e o seu contributo para a economia, a política, a cultura e a ecologia. A forte globalização, trouxe a partir do anterior século, um maior, mais forte e veloz desenvolvimento dos fatores supracitados.

“A globalização, conjugada com a menor intervenção dos Estados-Nação, a par do aumento da população urbana, trouxe não só um maior protagonismo aos territórios como lhes atribuiu autonomias e responsabilidades acrescidas, e introduziu as condições necessárias para a ascensão de novos territórios estratégicos (...)” Alves (2008).

Tornar uma cidade sustentável requer alguns parâmetros cruciais, que por meio do seu entrosamento irão gerar uma receita para o bem comum. Este ideal requer sobre “A capacidade de satisfazer as necessidades das gerações atuais sem comprometer as possibilidades das gerações futuras”, segundo o Relatório Burndtland – ONU, ou seja, que há uma ligação direta

entre economia, sociedade e ambiente. Cada uma das partes depende da outra, gerando uma sustentabilidade forte.



**Fig. 38** Quadro relativo à sustentabilidade forte

Fonte: Livro City Marketing – Myplace in XXI (elaborado pelo autor)

Com o desenvolver desta disciplina houve a necessidade de a ramificar, originando outros subtemas. Neste caso, o “marketing social” advém da indispensabilidade de identificar quais as reais necessidades, interesses e desejos da população local de uma cidade. Compreender a existência de diversos grupos de forma a direccionar a cada um deles a melhor solução atendendo a cada realidade.

Outro é o “marketing urbano”, neste caso o objetivo é orientar a cidade consoante os cidadãos e visitantes e ainda as demais empresas. É o elo de ligação entre as instituições e a cidade, elevando este contato com os grupos alvo, objectivando o conhecimento das suas conveniências, expectativas, aspirações e o desenvolvimento de novas soluções, para rapidamente darem resposta a eventuais falhas.

Este inclui em si o planeamento, a gestão e o controlo entre a cidade e os mercados. Gera-se um fator interno e externo; internamente haverá a identificação dos cidadãos com a sua cidade e a sua própria promoção de imagem; externamente o objetivo é aumentar o grau de conhecimento da cidade e o aumento da atratividade, afim de gerar novos residentes, visitantes, etc... Factores esses que têm forte poder na economia e expressão do território a nível internacional.

“Cada cidade tem que transformar-se num vendedor de bens e serviços, num comerciante ativo dos seus produtos e do valor do seu próprio território.” Azevedo, Magalhães e Pereira (2011)

A cidade conjuga em si uma série de bens e serviços que em conjunto transformam este produto que é a “cidade”. Procura promover a cultura, tradições e costumes da população, a educação, a ciência, a tecnologia, as infraestruturas, ou seja, diversas valências que impulsionam em uníssono a construção de uma realidade urbana próspera, relativamente ao seu desenvolvimento e estilo de vida.

O objetivo de procurar resposta para esta “demagogia”, determina a lógica construtiva usada no presente projeto, que segundo esta visão do marketing, aposta na execução de peças chave que a nível urbano, farão toda a diferença no domínio do espaço territorial, não só pelo lado estético e transformador, assim como, pelo contributo para o desenvolvimento da população.



### 3. O Lugar



**Fig. 39** Vista mar da ponta vermelha

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa

### 3.1 – Evolução do Traçado e Edificado de Exceção

A cidade de Lourenço Marques, então Maputo, tal como a conhecemos nos dias de hoje, sofreu inúmeras alterações a partir os finais do século XIX, desde a forma urbana até apropriação do território passando pelos vários planos executados para melhora estrutural da cidade.

É caracterizada pelas boas condições tanto a nível territorial como climatológico, impulsionando assim o seu desenvolvimento (a topografia, os traçados geométricos, as vias, etc...).

Maputo apresenta uma coerência na sua malha estrutural, com base na engenharia militar, muito por influência da presença portuguesa. Esta fixação é dada primeiramente “(...) numa baía abrigada virada a sul, com boas condições de porto natural e protegida por um promontório (...)” Vanessa Melo (2013), ou seja, aproveitando os benefícios deste local existe esta primeira sediação.

Através de uma lógica de um traçado geométrico regular, permeável à topografia, as principais vias eram paralelas à costa, formando quarteirões lineares. Houve uma preocupação na hierarquização do espaço por meio da localização estratégica dos principais equipamentos, infraestruturas e desenvolvimento de espaços públicos. O plano de 1887, previa ainda, a criação de um bairro indígena, parques, jardins, hierarquização de vias, entre muitas outras alterações.

Deste modo, aumenta a escala, altera-se a geometria e o traçado, que em unísono concretizaria uma linha única no que toca aos territórios ultramarinos.

Na primeira metade do século XX até aos anos 40, devido ao crescimento demográfico e ao forte êxodo por parte das populações rurais para o centro urbano, dá-se de forma gradual uma maior expansão para as zonas norte e oeste, resultado de vários projetos de ampliação, tendo por base o anterior plano. E ainda algumas intervenções pontuais em locais já consolidados.

A 1915 começa outra importante transformação na cidade, que diz respeito à construção do novo aterro de Maxaquene. Com o propósito de ser o novo bairro comercial da cidade. Este aterro, já surge num primeiro levantamento cartográfico, num plano datado a 1894, mas só décadas mais tarde se iniciaram aos trabalhos. Ligado á importante expansão da cidade, esta é uma ampliação lógica no que diz respeito à génese da gestão urbana pela via do traçado e da métrica, segundo Moraes, Laje e Malheiro (2012).



Fig. 40 Maputo  
antes do aterro em  
1903

Fonte:

<http://housesofmaputo.blogspot.com/2015/11/aterro-da-maxaquene-12-mapas-e-algumas.html> 7 JAn





**Fig. 41** Evolução da Costa da cidade de Maputo

**Fonte:** Autor

Há uma inequívoca disparidade no que diz respeito à ocupação do solo, pelo fato da cidade alta englobar em si edifícios de carácter administrativo, importantes instituições de cariz cívico e religioso e ainda residências de classe alta. Em contrapartida a cidade baixa é destinada a atividades marítimas, serviços, comércio e consequentemente a uma classe mais baixa, Vanessa Melo (2013). Resultando numa forte consolidação das estruturas públicas e residenciais e na separação dos diferentes usos de solo.

As zonas semi-urbanizadas começam agora a ter algum destaque pois há um forte aumento do assentamento espontâneo, nos chamados “caniços”<sup>1</sup>, embora este género de assentamento estivesse abrangido na legislação vigente, Morais (2001).

---

<sup>1</sup> “A palavra caniço significa cana; no sul de Moçambique a cana é o material de construção tradicional mais vezes utilizado em paredes e divisórias, nas zonas rurais em que está disponível.” Manifestos, Ensaios, Falas, Publicações de Pancho Guedes, 2007

O caniço é uma zona da cidade onde “(...) não se sabe o número de habitantes (...)”; caracteriza-se por uma organização irregular, tem “(...) acessos viários e caminhos, cuja dimensão permite a passagem de veículos ligeiros; “A tipologia habitacional dominante corresponde a três modelos; palhotas, barracas e casas (...)” Moraes, Laje e Malheiro (2012).

Após este período há uma forte aposta no desenvolvimento da cidade. Foram trazidos da metrópole colonos para um maior controlo e ocupação deste território, o que implicou a criação de novos postos laborais e a existência de atividades industriais mesmo num meio urbano. E tal como nos anteriores projetos permanece um traçado que regula, hierarquiza e cria novas áreas urbanas.

Em 1952 surge o Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques, pela mão de João Aguiar. Este revolucionário plano tem como principais pontos: definir um zoneamento funcional primário, enaltecendo áreas administrativas, serviços, comércio, habitação e lazer; distinguir espaços e equipamentos públicos mais importantes (à escala monumental em conivência com os ideais estatais) e ainda habitação, principalmente unifamiliar; o traçado ortogonal dá agora espaço a vias principais que pretendem a articulação de espaços, criando novas direções.



**Fig. 42** Plano Urbano  
executado por João  
Aguiar  
**Fonte:** Cedido por  
Jorge Saramago

Contudo este plano não foi levado a cabo na sua total génese devido a falhas técnicas, administrativas e alegadamente financeiras. Em relação a esta proposta urbana há alguma controvérsia no que diz respeito à eficácia do mesmo, porque não revela ter um conhecimento profundo relativo à realidade social e ainda segundo Vanessa Melo (2013), procede a uma eventual segregação entre a “cidade de caniço” e “cidade de cimento”.



**Fig. 43** Plano  
Urbano executado  
por João Aguiar  
**Fonte:** Cedido por  
Jorge Saramago



**Fig. 44** Plano Urbano executado por João Aguiar. Uso do Solo  
**Fonte:** Cedido por Jorge Saramago

Na década de 60 o crescimento suburbano aumenta desmesuradamente chegando a atingir os bairros de Marracuene e da Matola. “Factores de aceleração do crescimento da capital – (...) o crescimento concomitante do sector terciário (comércio, banca, transportes, educação, saúde), resultante da nova política de modernização da economia colonial, atrai a Lourenço Marques uma crescente mão de obra rural e favorece, nos anos 60, a imigração de colonos portugueses.” Oppenheimer e Raposo, (2002)

As dimensões do caniço são tais que representam uma outra cidade. A situação advém fortes problemas como a não informação demográfica, a

falta de infraestruturas e equipamentos. As vias dão lugar a caminhos de terra sinuosos e sem qualquer lógica ao nível do planeamento.

“Ao grande número da população da capital, nas ultimas décadas ocorreram fenómenos simultâneos de implosão e de exploração urbana. Assiste-se assim à sobreocupação do parque imobiliário de cimento e dos bairros periféricos existentes o que determina o aumento da densidade ocupacional do espaço habitacional urbano.” Oppenheimer e Raposo (2002)

Consequentemente houve uma estratificação de estatutos sociais bastante definida na malha urbana. Dando primazia às classes altas a sul e a resultante transição de massas populacionais, pertencentes à classe baixa para a periferia.

A 1969 inicia-se a formação de um novo Plano Diretor de Urbanização de Lourenço Marques pela mão de Mário de Azevedo, afim de reestruturar e corrigir o anterior plano e efetuar outros pequenos planos, esses sim já mais facilmente executáveis.

Como principais preocupações estão subjacentes a evolução do urbanismo, o conforto climático, as zonas suburbanas, as mobilidades e questões demográficas e sociais. Para um maior e melhor entendimento da solução, foi adoptada a realização de vários estudos relativos a estes parâmetros, afim de ser proposto uma génese organizacional coesa e coerente tendo em conta as necessidades. Estes estudos tiveram a opinião e participação das comunidades residentes nestas zonas suburbanas. A proposta viabiliza

um racional zoneamento e organização funcional espacial, com especial acesso à orla costeira; um eixo transversal entre este e oeste e ainda vias de Norte para Sul; através das “manchas funcionais” foram definidos fluxos de circulação. A grande zona industrial localizar-se-á para além da zona da Matola.

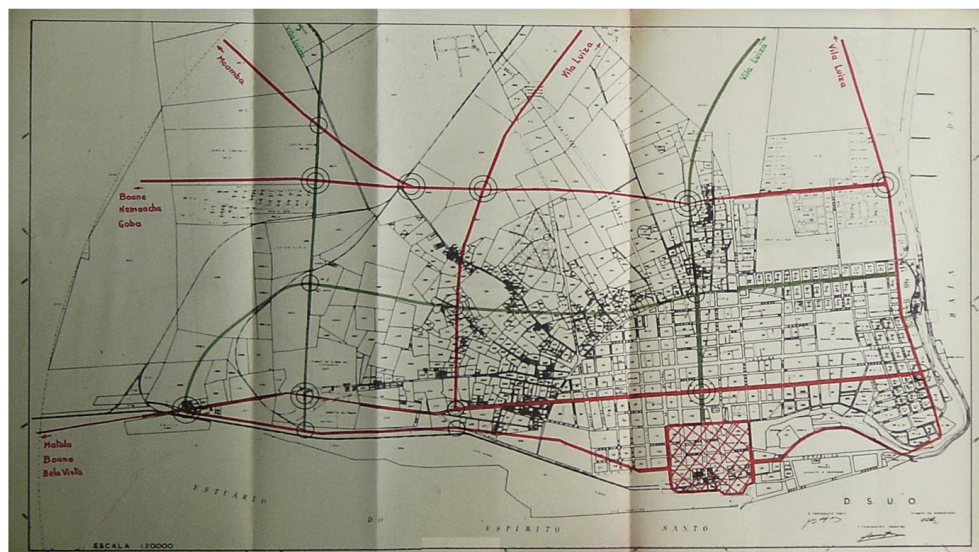


Fig. 45 Plano Urbano executado por Mário de Azevedo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago

Após a independência há uma forte intensão de reestruturação da cidade, mas acima de tudo a tentativa de perceber e reestruturar o fluxo migratório, o assentamento urbano e os recursos económicos. Surge então em 1985 o Plano de Estrutura de Maputo, que pela falta de recursos não vai a diante. Também em 1999 foi executado por duas empresas estrangeiras o Plano de Estrutura da Área Metropolitana de Maputo (PEUMM), que por varias discordâncias não foi aprovado. E ainda uma série de outros novos planos

no início do novo milénio, como os Planos Parciais de Urbanização (PPU) em 2010.

“Maputo traduz contextos morfológicos contrastantes cujo denominador comum é a urbanização extensiva (...)” Viana (2012), é importante frisar que atualmente é este o estado da cidade. Existem “microprocessos de urbanização”, promovidos pelos próprios habitantes da cidade, transformando em pequenos pontos a lógica urbana geral e criando “microcentralidades complementares”.

Há ainda um inequívoco aumento significativo dos limites periféricos da cidade, tanto de forma ordenada como desordenada. Contribuindo assim para uma “(...) reconfiguração da cidade (...)” principalmente a partir da retícula colonial de origem portuguesa.” Viana (2012)

Devido ao forte aumento demográfico, a cidade tinha cerca de um milhão de habitantes. Este factor poderia influenciar a qualidade do espaço urbano. O fenómeno afetou o normal funcionamento das zonas habitacionais, dos equipamentos de apoio social, dos serviços urbanos, etc...

“Áreas Residenciais representam aproximadamente 1/3 do uso da superfície de Maputo, grande parte das quais são ocupadas por habitações unifamiliares sem ordenamento urbano, com desenvolvimento horizontal extensivo sem espaços destinados a equipamentos e carentes de infra-estruturas básicas...” Viana (2012)

Por conseguinte seria necessário localizar dispositivos públicos afim de

apoiar diretamente estas microcentralidades criadas, que se tornaram uma extensão de Maputo.

Contudo para um maior controlo e organização das zonas habitacionais, que neste momento são as mais preocupantes pela aceleração do seu crescimento, tomou-se a medida de divisões de terrenos desocupados em diversos: talhões, blocos e quarteirões.

Este tipo de mudanças e transformações tem o objectivo de minimizar a diferença entre a “circunvalação”, que retém a “cidade de cimento” e a “cidade do caniço”. Separação esta, fruto da época colonial, que agora tenta encontrar uma homogeneidade da cidade.



### 3.1.1 Edificado de Exceção

Com o aumento da procura de uma melhor vida, houve um grande êxodo rural. No caso de Maputo, esse aumento observa-se de forma exponencial, não havendo estruturas, e existindo falta de qualificação do espaço público para suprimir tamanhas alterações da cidade. Em detrimento desta mudança, entre 1922 e 1952, a cidade recebe um forte investimento ao nível de equipamentos e espaços públicos, mais propriamente através da construção de edificado de exceção em locais estratégicos da rede e hierarquia viária.

São exemplo disso a Catedral de Maputo junto à Praça da Independência e o próprio Edifício do Conselho Municipal de Maputo, que tornam este num importante ponto de circulação, ligando várias artérias como a Avenida Samora Machel.

Outro exemplo é o edifício da Estação de Caminhos de Ferro que até hoje é um dos símbolos arquitetónicos mais presentes na cidade e transporta consigo uma identidade e herança própria. Para além de muitos outros edificados de exceção que marcam um compasso urbano, a obra de Pancho Guedes, embora muitas vezes diminuta no marco desta exceção, cria interstícios e novas realidades na comunicação entre a cidade comum, transformando-a.



**Fig. 46** Catedral de Maputo

**Fonte:** Livro Moçambique – A Terra e as Gentes

### 3.2 – Tipologia e Edificação

Por meio concreto podemos designar, avaliar e tecer considerações sobre a lógica urbana presenciada em Maputo, dada a reprodução dos respectivos objetos edificados. Desde a forma, o termo tipo serve como classificação para as diversas presenças e género de construção, segundo Helena Tourinho, 2014.

Perante uma cidade onde a diversidade lhe caracteriza e dadas as suas dimensões, será executada uma análise aprofundada sobre a região mais próxima do local de projeto. Ainda assim outros pontos, mais dispersos, serão também eles evidenciados.



Fig. 47 Edifícios de Maputo

Fonte: Cedida por Ana Frazoa

“A cidade, como coisa humana por excelência, é constituída pela sua arquitetura e por todas aquelas obras que constituem o seu modo real de transformação da natureza.” Aldo Rossi, 2016

É através deste pensamento que percebemos a importância da percepção e conhecimento da construção da cidade, construção no sentido de localização dos diferentes edifícios e as suas funções. Como também dizia, “(...) a sua situação, a sua forma, a distribuição das partes” são os princípios base de qualquer edifício, permitindo que esta lógica de construção e edificação imbuísse a cidade de uma ambiência perfeita.

É evidente a diferença de construção em diversas zonas da cidade e a arquitetura portuguesa teve grande influência na sua atual tipologia. Segundo João Oliveira, 2017, existiu uma primeira vontade em adaptar a arquitetura do clima tropical. Para esta programática era comum em todas as habitações, a varanda, a parede dupla e a cobertura. A habitação toma agora uma nova caracterização: provisória ou definitiva. Por Aguiar é conferida a esta definição um maior detalhe: “(...) habitação para “trabalhadores colonos” (habitação unifamiliar e plurifamiliar), “week-end”, e para indígenas (casas isoladas e blocos coletivos)” João Oliveira, 2017. Surgem mais tarde também as tipologias torre e habitação em bloco coletivo.

Houve por parte do estado português um investimento na construção habitacional em todas as colónias, facto esse só comprovado anos mais

tarde com a construção de casas económicas maioritariamente unifamiliares.

Eis que na década de 50 são propostos quatro novos tipos de habitação: habitação coletiva, com investimentos privados e habitações indígenas, esta ultima de carácter temporário.

São desenhadas também as casas para o trabalhador e as “habitações de veraneio”, consequência do crescimento pela procura do turismo.



Fig. 48 e 49 Edifícios da cidade de Maputo

Fonte: Cedida por Ana Frazoa

Na seguinte década o forte investimento privado mante-se na construção da habitação coletiva, havendo assim alguma disparidade. Constroem-se blocos coletivos e moradias unifamiliares, representam a classe media;

assim como torres e blocos coletivos, estes já pertencentes a uma elite, com estilo internacional, dos quais podemos destacar a obra “O Leão que Ri” de Pancho Guedes.

Com o intuito de uma construção morfológica coesa, a cidade apresenta um dispositivo morfológico baseado na disciplina compositiva de agregação. Por meio da qual é latente a divisão de espaço habitacional de forma modular, em rede ortogonal. Beneficiando assim de uma divisão tipo, em igual secção de talhões, este facto permite um maior controle da densificação urbana, resultado da evolução demográfica.

Deu-se a criação de um protótipo tipo que é produzido e agregado consoante as necessidades de cada habitante. Em consequência surgem espaços públicos “(...)através da abertura de pátios nas suas travessas, pequenos espaços dedicados ao encontro, comércio e celebrações públicas.” João Oliveira, 2017 (pg.51)

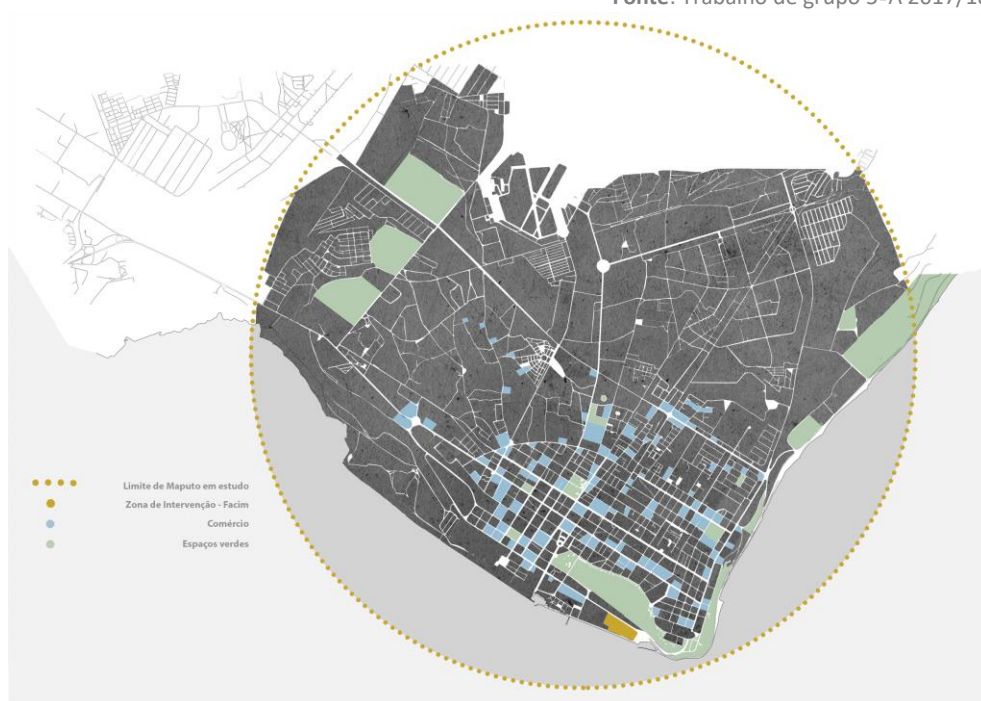
É sobejamente verificável a boa prática projetual pois vai ao encontro das necessidades dos nativos, embora a execução projetual fosse desenvolvida em contexto português.





**Fig. 50** Planta de Serviços

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18



**Fig. 51** Planta Comércio

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18



Fig. 52 Planta de Hospitais/Clínicas e Hotelaria

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18

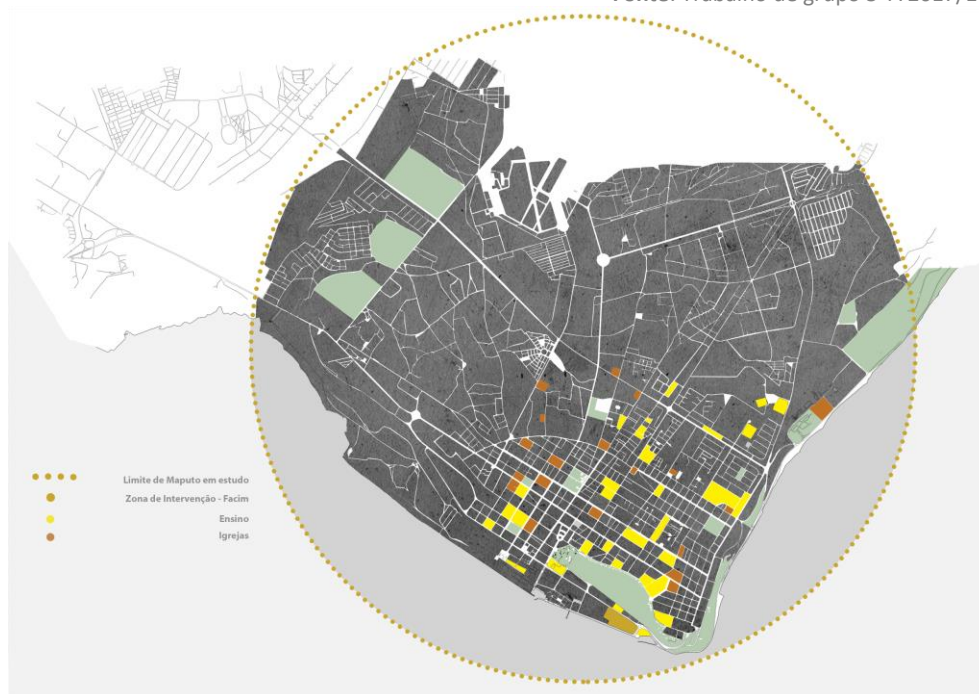


Fig. 53 Planta de Ensino e Igrejas

Fonte: Trabalho de grupo 5ªA 2017/18



Numa análise mais lata, encontramos uma lógica urbana mais coesa desde o sul até à circunvalação, o que permite perceber uma enorme diferença entre zona urbanizada e assentamento urbano.

As anteriores imagens são representação de diversos tipos de infraestruturas: comércio, serviços, hospitais/clínicas, hotelaria, ensino e igrejas. A norte a não predominância deste tipo de espaços necessários ao bom funcionamento da cidade, evidencia-se de forma mais concreta.

### 3.3 – As Raízes Culturais

Admitindo que a influência cultural num povo advém da sua identidade, a exploração desse caminho leva-nos a um crescimento intelectual, a aprofundar a nossa visão em relação à arte e poder partilhar essa cultura com os demais.

É sobre esta base que identificamos alguns paradigmas relacionados à génese cultural de Moçambique, a fim de promover esta arte e cultura que por meio de um trabalho especializado surtirá efeito no seio da população. O projeto em desenvolvimento apresenta uma resposta completa, que por intermédio de diversas veias, irão aglutinar-se num espaço dedicado à arte e ao desenvolvimento pessoal. Para que esta resposta vá de encontro às maiores necessidades da população são estudados alguns dados ligados à cultura. Os estudos apresentados são provenientes dos censos realizados pelo Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, no ano de 2017.

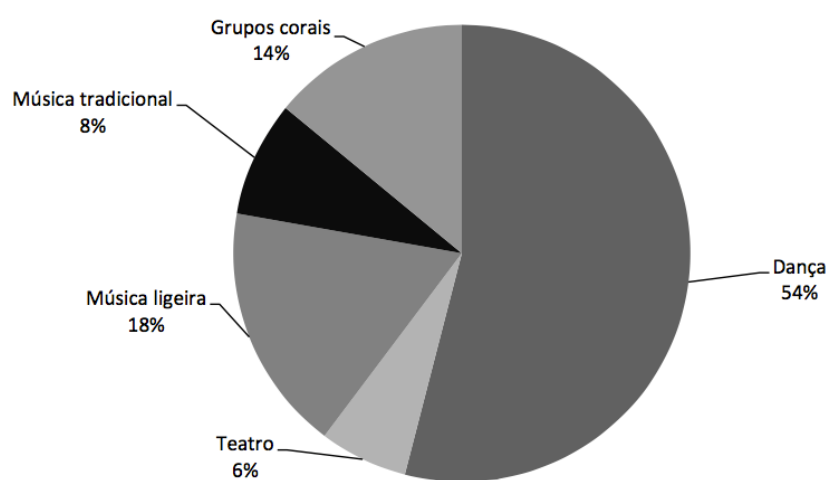


Fig. 54  
Distribuição percentual de grupos culturais por tipo de expressão Cultural, Moçambique, 2017

Fonte:  
MICULT,  
Dados  
Estatísticos  
sobre Cultura  
2018

O anterior gráfico apresenta uma distribuição percentual relativa à diferenciação dos vários grupos culturais presentes no país, onde em maior destaque podemos encontrar a dança.

Após a Independência Nacional, houve a criação de diversas casas ligadas à promoção da cultura, onde se realizam diversas atividades desde: educação artística, festas populares, espetáculos, concertos, exposições de arte, fotografia, etc... A criação deste tipo de ambientes, vem promover a cultura, enaltecendo-a.



Fig. 55 Venda de Cestaria

Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes

A origem de espaços para este fim traz à sociedade benefícios de forma mais lata, no sentido em que através da criação de espaços abertos à formação e educação social, tanto para adultos como para crianças,

podemos suprimir algumas lacunas ligadas a diversas temáticas sociais, como a forte natalidade. Para um país em vias de desenvolvimento os elevados índices da natalidade podem representar riscos para a população, então como resposta apresentamos diversos espaços que serão dedicados à formação da população. O modelo apresentado engloba em si diversas valências como observamos, o intuito é unir a formação, a educação e a arte num só espaço.



**Fig. 56** Vendedor de  
Artesanato  
**Fonte:** Livro  
Moçambique – A  
Terra e as Gentes

O governo de forma genérica aposta em várias vertentes da cultura às quais salientamos os festivais da cultura; mas não é apenas de património imaterial que é recheada a cultura Moçambicana. A arte apresenta-se fortemente pela escultura, pintura, a talha, muito por influência do domínio cristão. Numerosos artistas provenientes do reino português ou até mesmo da Índia, realizaram inúmeras peças de arte. Por seu intermédio contavam e representavam o quotidiano da população,

alusivos aos mais diversos temas como o da religião ou ainda máscaras tribais. Muitas delas feitas em madeira (pau-preto), eram talhadas à mão por artesãos exímios em seu trabalho. Eram na sua maioria representação de um grupo tribal, os Macondes<sup>2</sup>.

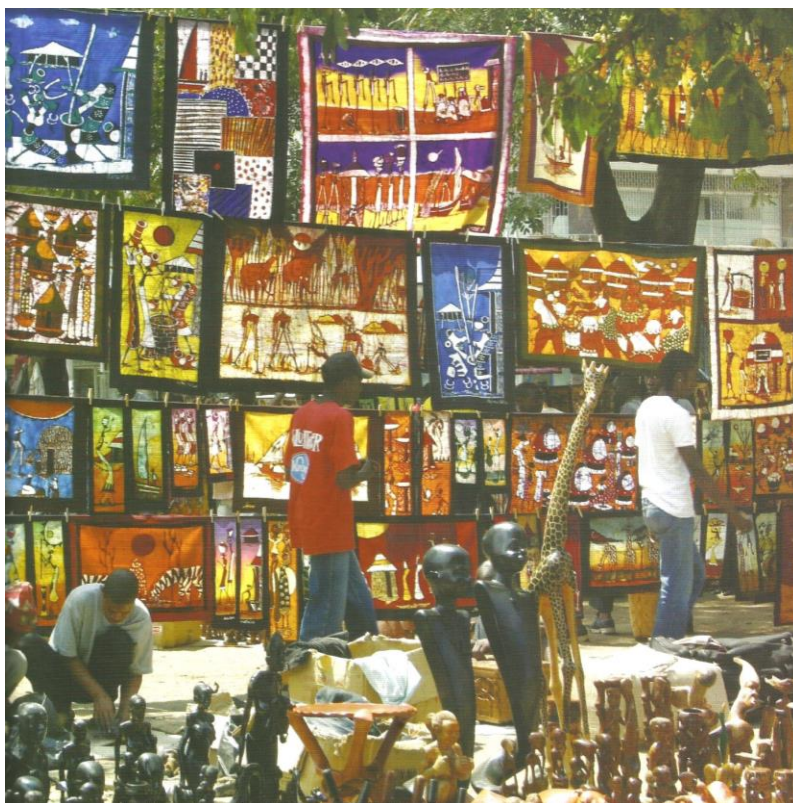


Fig. 57 Mercados de venda de artesanato

Fonte: Livro MOÇAMBIQUE – A Terra e as Gentes

---

<sup>2</sup> **Macondes** - são um grupo étnico, com predominância na Tanzânia e Nordeste de Moçambique. Em seu número, contamos mais de um milhão. É um povo que resistiu a várias tentativas de conquista e são notáveis na escultura de pau-preto, principalmente as máscaras faciais.





Fig. 58 O Homem das duas lanças. Máscaras Landins

Fonte: Livro A Arte em Moçambique

A música é outra característica muito presente no povo moçambicano. A sua alegria provem de sons rítmicos e alegres. Um instrumento criado no seio desta cultura é a timbila, um instrumento musical, que foi considerado Património Mundial da UNESCO. A música mais comercial é imbuída do

espírito e sons de outros estilos musicais e daí surge, a sul do país, a marrabenta, caracterizada pelo seu conteúdo social.



Fig 59 Instrumento Musical Timbila

Fonte: <http://www.frontiermuseum.org/spring-homeschool-day-2018/> consultado 4 Jan

Maputo. Uma cidade onde o Icónico liga a Terra e o Mar





#### 4. Casos de Estudo

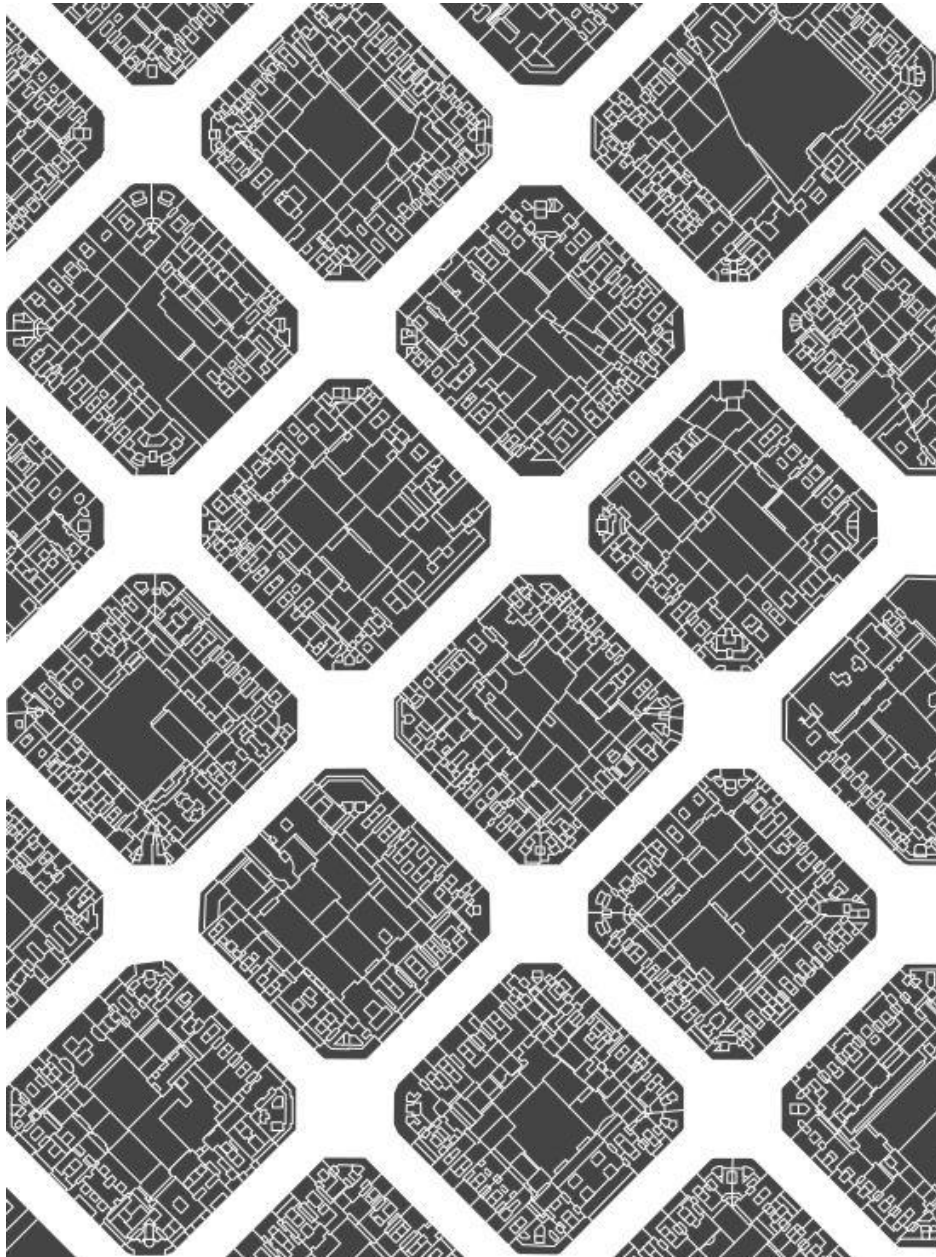


Fig. 60 Cidade de Barcelona, Plano elaborado por Cerdà  
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/10625749090808172/>

#### 4.1. Plano Urbano de Barcelona, Matriz

Ildefonso Cerdà, urbanista Espanhol, elaborou o Plano Urbano da cidade de Barcelona no século XIX, considerado um modelo intemporal, segundo Morais. Aprovado em 1859, tinha como principal objetivo a expansão da cidade até aos limites da antiga muralha medieval, ordenando de uma melhor forma a lógica urbana existente.

O traçado viário e a habitação coletiva foram concebidos simultaneamente, algo imprescindível à sua harmonia e boa comunicação.

A base esboça os traçados mais importantes à época, o ortogonal e radial. São quarteirões quadrados com 113m, onde os seus vértices são truncados, permitindo uma maior visão e a criação de diferentes ambientes. As ruas têm 20 m de largura e cada nove quarteirões formam um quadrado com 400m. Em contraponto com esta grelha retilínea, “as monumentais diagonais conferem-lhe a identidade de um grande organismo urbano.” Morais.

O plano apresenta uma hierarquia viária lógica, onde as menores ruas desembocam nas maiores e estas nas principais avenidas, sendo todas elas paralelas ou perpendiculares, excepto as diagonais que fazem o atravessamento da cidade, de uma ponta à outra. São elas a Diagonal e a Meridional.

Este plano é tradução do verdadeiro enlace entre a habitação e a circulação, base de todo pensamento aquando da sua execução.

Foram tidos em conta vários pontos como: a orientação solar, o pavimento, as diferentes cotas, os perfis de rua, etc... As praças criadas serviam como pontos de interação com a cidade, algo visível pela criação de cortes de apoio ao projeto. Ocorreu ainda a criação de infraestruturas nos edifícios, principalmente a rede de esgotos. A metodologia métrica usada neste plano foi considerada e implementada na planificação do aterro de Maxaquene.

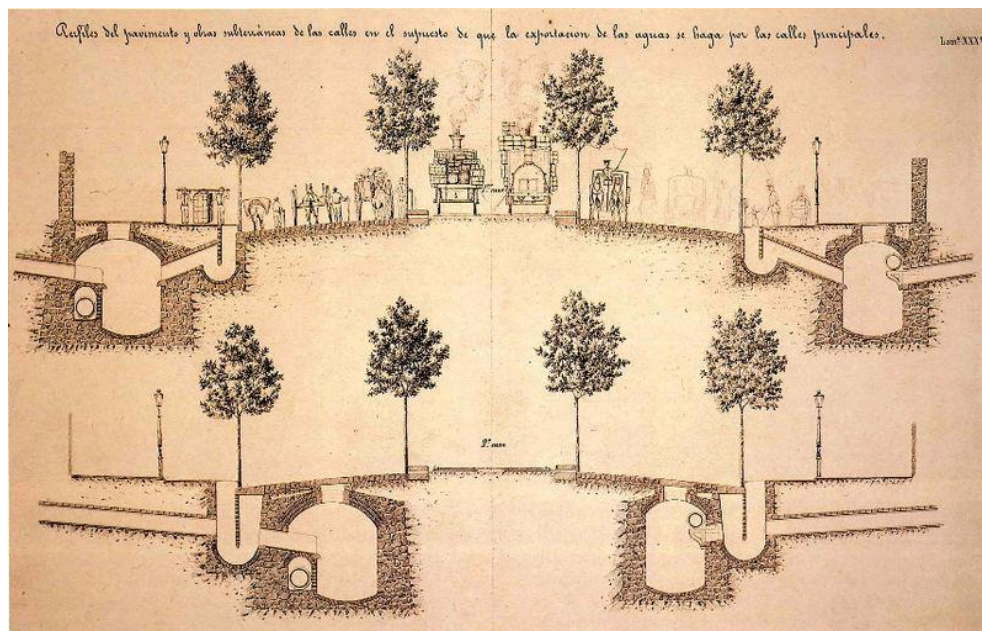


Fig 61 Ildefonso Cerdà, Plano de Barcelona 1859. Seção viária definida como critério da independência entre os meios de locomoção

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cerdà-avantprojecteEixample-1955.jpg> 27 Dez

Independentemente da forte densificação por parte dos sucessivos quarteirões, o plano “(...) traduz uma qualidade intrínseca de uma cultura contemporânea (...)” Morais, deixando que se presencie o vínculo entre a arquitetura e o urbanismo.



Fig 62 Ildefonso Cerdà, Plano de Barcelona 1859

Fonte: <http://geodialogos.blogspot.com/2012/04/caros-alunos-conforme-prometi-seguem-as.html>

27 Dez

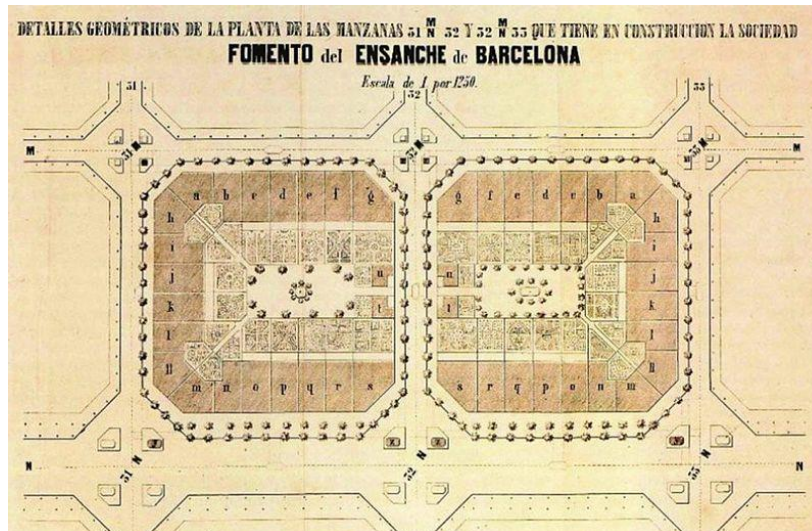


Fig 63 Ildefonso Cerdà, Plano de Barcelona, projeção de quarteirão

Fonte: [https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:Il·la\\_Cerd%C3%A0.jpg](https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:Il·la_Cerd%C3%A0.jpg)

27 Dez





Fig 64 Plano de Barcelona, cidade vista de cima

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/413064597068306110/> 19 Jan

## 4.2 – High Line – Um Jardim Suspenso em Nova Iorque, Infraestrutura

A High Line é uma peça arquitectónica a céu aberto localizada na cidade de Nova Iorque. Trata-se de uma antiga linha ferroviária datada do ano de 1933, que hoje se tornou num dos mais icónicos parques suspensos da cidade. A sua “personalidade” e “carisma” trazem consigo uma forte pegada histórica e de afirmação enquanto peça urbana.

É um viaduto elevado com cerca de 2 km e 300 metros, que foi projetado no início do século XX como novo ponto de desenvolvimento do lado Oeste. Consequência da vontade de melhorar os primeiros trilhos já existentes em meados do século XIX, mas que pelo número de mortes e perigo precisaram de uma forte intervenção. Este meio de transporte à época tinha como principal função ligar diversos edifícios, fábricas, armazéns, como forma de abastecimento (produtos como leite, carne, manufaturados, etc..), com principal intuito de nunca obstruir o trânsito.



Fig 65 High Line, planta geral

Fonte: <https://www.area-arch.it/en/high-line-2/> 19 Jan

Com o desenvolver das infraestruturas e meios de transporte na cidade, a linha torna-se inadequada ao constante uso, e ano após ano é praticamente intocável, deixando de funcionar por completo na década de 1980.

Surge então em 1999, por parte de alguns moradores, residentes perto da linha, a ideia de revitalizar e de a tornar num parque urbano, à semelhança ao Promenade Plantée em Paris.

Pelas mãos de James Corner, Diller Scofidio e Pietro Oudolf, surge um novo projeto de requalificação deste espaço em 2006, financiado pelo governo da cidade. A linha teve várias fases de construção, tendo a grande última acabado no ano de 2014.



Fig 66 High Line, composição do chão

Fonte: <https://www.area-arch.it/en/high-line-2/> 19 Jan

A linha tem inúmeros propósitos: serve a população e é um local virado e dedicado ao bom usufruto do espaço público. Enobrece a arte pelas sucessivas demonstrações de apoio e pela criação de espaços para esse



feito, assim como galerias de arte, cafés e restaurantes. Todas as zonas verdes e ajardinadas foram pensadas ao pormenor de modo a trazer à cidade uma experiência social integrada na natureza, mesmo em contacto com o urbano.

Outros benefícios, transcrevem-se pelo enorme impacto económico, não só por gerar crescimento direto a serviços que a linha pode fornecer assim como no mercado imobiliário, porque a zona por onde esta passa é muito mais valorizada para a compra de imóveis.



Fig 67 Vista da High Line

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/267682771587418473/> 19 Jan

A tendência de crescimento e a conservação desta estrutura advêm da força de uma comunidade. Depois de alguma “luta” para preservar e reerguer um ícone da cidade, levando o seu feito a bom porto e demonstrando que é por esta comum vontade, que podem surgir grandes

obras. Foi ainda criado um grupo, “Amigos da Hight Line”, que se une visando a realização de fundos que revertem para intervenções na linha.

É um real exemplo de que um percurso/infraestrutura que transforma bastante a cidade, os cidadãos e pode sem dúvida ser uma mais valia e um verdadeiro espaço, criador de experiências sociais, pelos quais podemos espelhar relação entre o ser e o espaço.



Fig 68 Corte da Linha

Fonte 1: <https://www.area-arch.it/en/high-line-2/>

Fig 69 Lista vista aerea

Fonte 2: <https://www.pinterest.pt/pin/267682771587418473/>



## 5. Projeto



Fig 70 Localização do terreno em Maputo

Fonte: Autor

Maputo hoje, é-nos apresentada como uma cidade desintegrada, tanto urbanamente como a nível social. A incoerência dos diferentes tipos de tecido, a relação dos novos edifícios com os envolventes, em que a escala diverge, e a relação com o espaço público são pressupostos que têm de ser analisados e tidos em conta na elaboração de uma solução harmoniosa. A questão social é reflexo desta disparidade, uma vez que há elevadas diferenças entre classes, e a má gestão urbana e económica refletem-se numa baixa qualidade de vida.

Mas com o intuito de reverter esta situação, será apresentado um novo plano de reorganização de uma parcela de terreno da cidade. A implantação corresponde ao Aterro de Maxaquene, onde se desenvolveu a antiga FACIM. Este espaço tem pouco mais de 100 anos, tendo sido conquistado ao mar. É uma zona bastante privilegiada pela localização e pela capacidade de se articular com a restante cidade; no entanto, para isso acontecer têm de existir algumas alterações, de modo a que haja uma maior fluidez nas transições e mobilidades urbanas. Nele podemos encontrar alguns edifícios com relevância, quer sejam instituições públicas (Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Universidade, Escola Náutica, etc...), como edifícios de cariz privado (hotéis, bancos, centros comerciais, etc...).

O terreno é caracterizado pela sua forma plana, no entanto está cupulado à colina da Ponta Vermelha, onde a diferença de cotas é bastante acentuada. Esta divergência no terreno leva a que não exista comunicação entre as duas partes, a não ser viária. Esta ligação permite a existência de

uma maior movimentação no espaço público pelo fluxo populacional. Do mesmo modo existe uma ligação direta entre a parte alta e o mar, porque se prevê esse mesmo enraizamento.

O edifício pretende ser uma peça centralizadora de vivências e um novo ponto urbano. Pela conjugação de várias ofertas, trará à cidade uma representação arquitectónica forte, assim como, uma construção urbana coesa em pensamento e em execução. Torna-se assim um novo centro e um gerador de alguns dos mais importantes movimentos da cidade.

Os conceitos inerentes ao equipamento desenvolvido são de algum modo *sui generis* relativamente aos restantes tipos de centros culturais. Ele dá respostas mais precisas e adaptadas às necessidades da população, através da criação de espaços não existentes que promovem melhorias de vida e comportamento.

## 5.1. Programa

A proposta urbana apresenta diversas respostas para uma melhor fluidez e enlace entre a arquitetura e o urbanismo. O edifício de exceção é a peça chave e irá atravessar o terreno trabalhado de uma ponta à outra. Nele estão englobados outros componentes que em conjunto formam o edifício propriamente dito: um funicular, um Centro Cultural, um Centro de Escritórios, Habitação, bem como uma cobertura acessível em toda a sua extensão. Contudo, apenas foram desenvolvidos o Centro Cultural e a Habitação.

O edifício fará ligação entre a colina da Ponta Vermelha e o Aterro de Maxaquene através do funicular interior que é o primeiro momento de vivência do edifício. Esta solução é reflexo da inexistência de ligação entre os dois terrenos, separados pela grande diferença altimétrica.

O equipamento é composto por diversas áreas: comércio, salas polivalentes, um *kids center*, sala de estudo, piso de exposição, auditório, biblioteca, salas de conferência, salas de dança e ainda salas de workshop/centros de arte.

Já a habitação está organizada em apartamentos T1, T2, T3 duplex e T4, tem ainda um ginásio, lojas de conveniência, zonas comuns e estacionamento subterrâneo.



A cobertura apresenta um “Jardim Suspenso” onde em toda a sua extensão se podem viver diversos momentos, principalmente de contemplação da paisagem.



Fig 71 Terreno, vista aérea

Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes



Fig 72 Maputo Atual

Fonte: Autor







## 5.2. FACIM e o Desenho Urbano

A proposta de um novo diálogo entre a terra e o mar é o ponto de partida para as definições urbanas deste projeto. Deste modo, traçou-se uma estratégia onde se enaltece o uso do espaço público, que permita uma maior fluidez na sua transição, através de alterações às construções dos arruamentos e lotes. Com base no plano urbano elaborado por Cerdà, para a cidade de Barcelona, foi trazida para este plano a mesma lógica de quarteirão, onde houvesse uma repetição e o seccionamento do espaço, numa malha ortogonal paralela ao mar. Esta linguagem permite um loteamento mais eficaz e racional, assim como uma fluidez de movimentações urbanas. O posicionamento dos edifícios tirou sempre partido das melhores vistas.

Estamos, no entanto, perante uma cidade com história e identidade, sem intenção de demolir para fazer de novo. Há inúmeros edifícios com elevado interesse público, principalmente pela localização privilegiada desta zona, tendo sido contudo absorvidos pelo plano a fim de o enriquecerem e poder ser feita uma reestruturação do espaço público envolvente aos mesmos.

Os quarteirões projetados estão fechados a Norte e abertos para Sul, o que protege da radiação solar, visto que no hemisfério Sul as maiores radiações provêm de Norte. Estes quarteirões criam no seu interior pequenas áreas ajardinadas que promovem uma maior existência de espaços verdes na via pública.

A frente marítima foi requalificada, tendo-se suprimido a Avenida 10 de Novembro, com a intenção de desviar o trânsito para a principal, Avenida 25 de Setembro. Esta ação permite um maior fluxo pedonal pelo terreno e a criação de um parque urbano. Origina ainda um maior usufruto do espaço público, incentivando a redução do uso de automóveis e/ou outros meios de transporte. De igual forma, promove-se também um aumento nas relações interpessoais e de partilha de experiências criadas pela vivência da cidade.

Funcionando como uma zona de transição, este parque, foi pensado como ponto de ligação entre o mar a terra. O espaço verde traz à cidade uma calma e uma relação primordial com a natureza, algo bastante vivido pelas culturas africanas e a sua já tradicional ligação à terra, justifica este facto. Por se tratar de uma cidade localizada em território tropical a existência desta grande zona verde seria fundamental. Contudo, devido às elevadas temperaturas, era ainda necessário a criação de zonas de sombreamento e zonas de estar.

O parque domina a orla costeira e é trazido contiguamente ao edifício de exceção, promovendo esta continuidade e ligação à natureza.

Junto a este mesmo edifício está anexada uma praça, como ponto centralizador, que pode ser usada como espaço exterior para a realização de diversos eventos de cariz cultural ou espaço comum de convivência.

### 5.3. O Edifício Icónico e a Habitação

O edifício proposto é um conjunto edificado que procura a união de espaços coerentes e interligados. Foi projetada uma grande “língua” que se estende desde a colina da ponta vermelha, passando pelo Aterro de Maxaquene e acaba no mar. O seu comprimento são cerca de 835 metros, chegando até 40 metros do solo, englobando em si quatro valências distintas.

O funicular será o primeiro ponto de ligação entre a cidade alta e o aterro, permitindo e facilitando a mobilidade da população em geral. Prestará um serviço de transporte que enaltece o uso do espaço público presente no terreno, assim como os momentos criados pela transformação urbana, nomeadamente o fácil acesso à principal praça criada junto ao edifício.

Seguidamente surge o equipamento desenvolvido. Trata-se de um Centro Cultural, que na sua génese vai muito além das “normais” funções encontradas em outros equipamentos deste género. Estamos perante um edifício que traz consigo algumas respostas para necessidades ligadas ao desenvolvimento humano, ensino e cultura.

Alguns espaços verdes criados pontualmente, assim como alguns jardins internos trazem ao edifício um complemento notório e uma ligação à temática natural presente na malha urbana. A presença destes apontamentos auxilia a temática tropical, tendo como característica forte o

clima, que pede algumas respostas para um maior controle da temperatura.

Os diferentes pisos têm distintas funções e diferentes ofertas, sendo que no piso térreo encontramos zonas de transição, oferta comercial e a ligação com a água, lema presente no pensamento do projeto trazido para o interior do edifício com a criação de alguns planos de água.

De seguida, e após subir uma grande escadaria, a principal, encontramos várias salas polivalentes de formação e um *kids center*, duas zonas pensadas de forma interligada. O propósito é que nestas salas possa haver formação com os mais diversos temas ligados à experiência do ser humano, as suas relações, a procriação, etc... Reflexo da análise executada no capítulo da Leitura Física e Humana onde encontramos elevados índices de natalidade ou de analfabetismo. Para que isso seja contrariado partimos do pressuposto que é efetivamente necessário formar a população, alertando-a e proporcionando ferramentas para tal efeito. No decorrer da formação dos adultos, o *kids center* será um espaço dedicado a crianças (filhos) para pequenos períodos de tempo. Neste mesmo piso há ainda uma sala de estudo.



Fig 23 Perfil do Terreno

Fonte: Autor

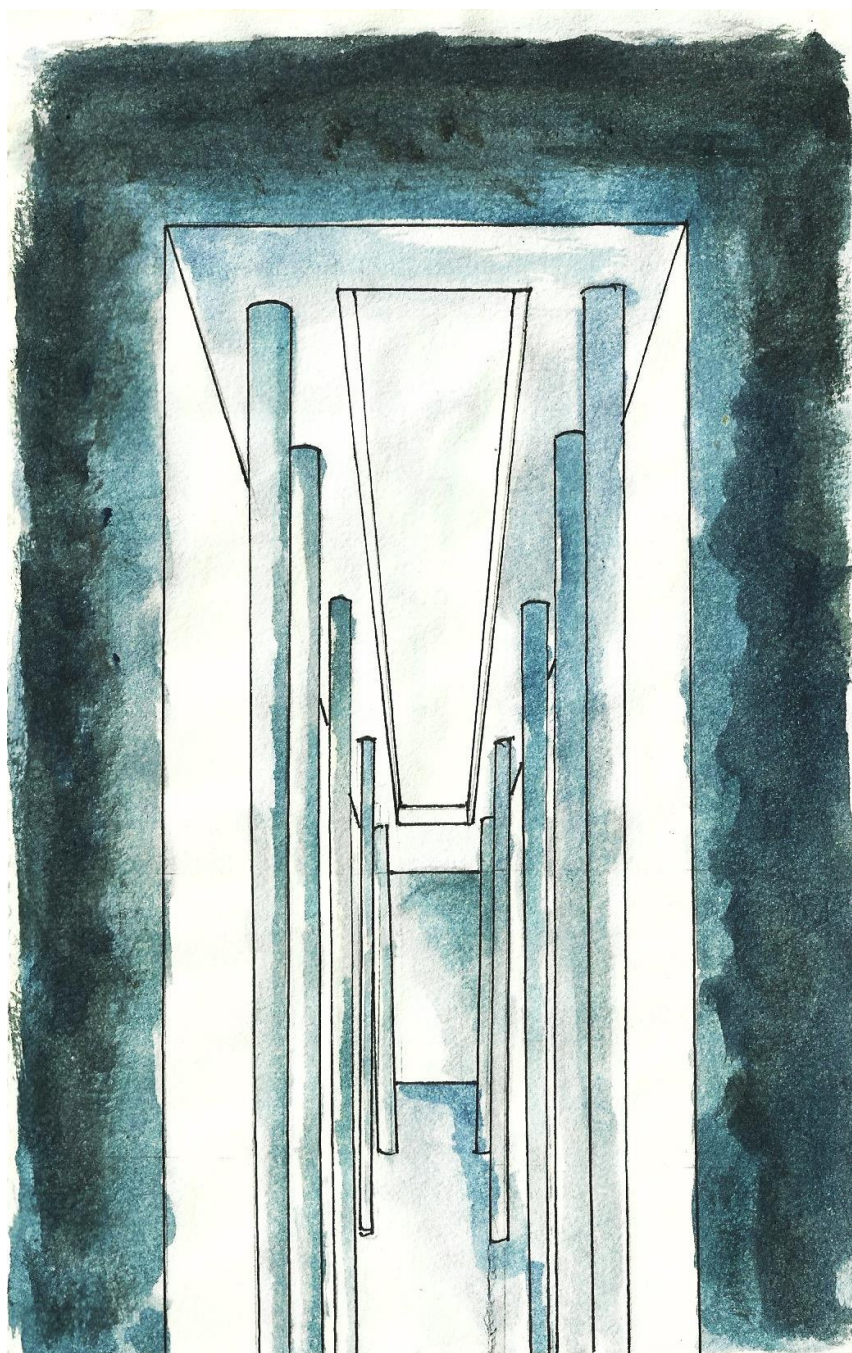


Fig 73 Perspetiva do Edifício da Proposta

Fonte: Autor



A zona de exposição preenche o piso seguinte. O espaço é muito homogéneo e versátil. É adaptável a qualquer exposição por se terem desenvolvido mecanismos, que através de painéis rotativos permitem a montagem de distintos percursos. Estes painéis estão presos a uma estrutura presente nos pilares de sustentação.

De seguida é apresentado um grande auditório, servido de todas as infraestruturas necessárias a este tipo de espaços, desde a sala principal que ocupa dois pisos, assim como toda a zona técnica, onde podemos encontrar desde salas de ensaios, camarins, guarda-roupa, zonas de estar aprazíveis e acolhedoras, etc... É um espaço munido de recursos que propicia experiências a toda a comunidade, capaz de atrair diferentes meios de cultura.

Por fim e no último piso está a biblioteca, salas de conferência e espaços dedicados à arte. São gabinetes onde artistas podem desenvolver o seu trabalho e/ou dar formação por meio da criação de workshops. Este espaço, por intermédio de um jardim, liga as diferentes salas.

A cobertura teve especial atenção no pensamento e execução do projeto porque havia a vontade de fazer um prolongamento do espaço verde mas de forma “suspensa”. A sua criação tem por base o projeto da *High Line* em Nova Iorque, que se trata de uma antiga linha férrea que foi transformada em jardim e ainda o espaço exterior da “Casa das Mudas”, no Funchal, onde diversos momentos espaciais são criados pela sua implantação.





Fig 74 Perspetiva do Edifício da Proposta

Fonte: Autor

Foi desenhado um possível percurso por toda cobertura com diferentes espaços verdes, zonas de estar e sombreamento, onde mais uma vez é trazida a água. Por toda a sua extensão encontram-se diversos pontos de observação, pequenos miradouros onde se vislumbra toda a orla costeira e a paisagem do terreno de Maxaquene.

É de salientar que o edifício tem momentos onde é interrompido, não só pela lógica da imagem, ligado ao ícone que ele representa, assim como pela funcionalidade, porque embora seja uma diagonal que “perfura” o desenho urbano, este paira sob avenidas e espaços verdes.

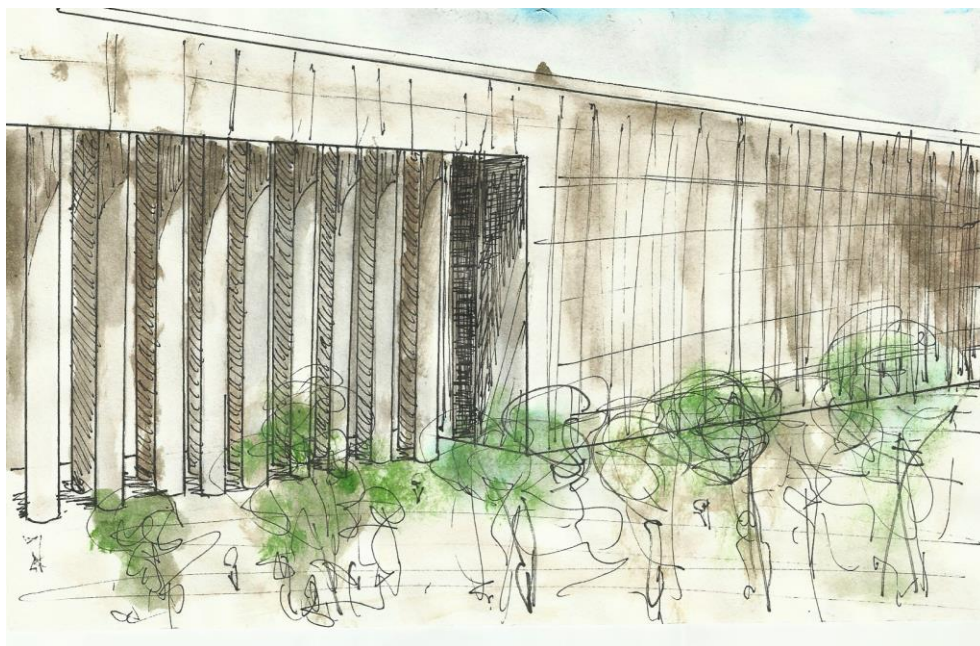


Fig 75 Perspetiva do Edifício da Proposta

Fonte: Autor

A sua implantação única e díspar relativamente aos restantes edifícios provém de uma linha contínua à Rua dos Lusíadas, presente no cimo da Ponta Vermelha.

A seguir ao Centro Cultural está fixado o Centro de Escritórios, que preenche toda a parte superior dos pilares suspensos sobre as avenidas, seguindo-se por fim a Habitação.

A Habitação está em paralelo, na terra e na água. Este edifício é composto por várias áreas comerciais, um ginásio e algumas zonas de infraestruturas, tais como garagem para os automóveis dos moradores, arrecadações, etc... Os apartamentos são de quatro tipologias distintas, oferecendo um máximo conforto pelas suas generosas áreas e lógicas de organização do espaço, tirando partido das vistas e localização.

Todo o edifício usa materiais que conjugam a funcionalidade com a estética. Será revestido com painéis em *viroc*<sup>3</sup>, um material que mistura madeira e cimento e é um bom isolante acústico e térmico. Será fixado à

---

<sup>3</sup> “O Viroc é um painel compósito constituído por uma mistura de partículas de madeira e cimento. Combina a flexibilidade da madeira com a resistência e durabilidade do cimento, permitindo uma vasta gama de aplicações tanto no interior como no exterior. A sua aparência não é homogénea, sendo uma característica natural do produto. Ao ser calibrado/ lixado apresenta partículas de madeira visíveis na superfície do painel.” Fonte: <http://www.viroc.pt/content.aspx?menuid=97&eid=147>

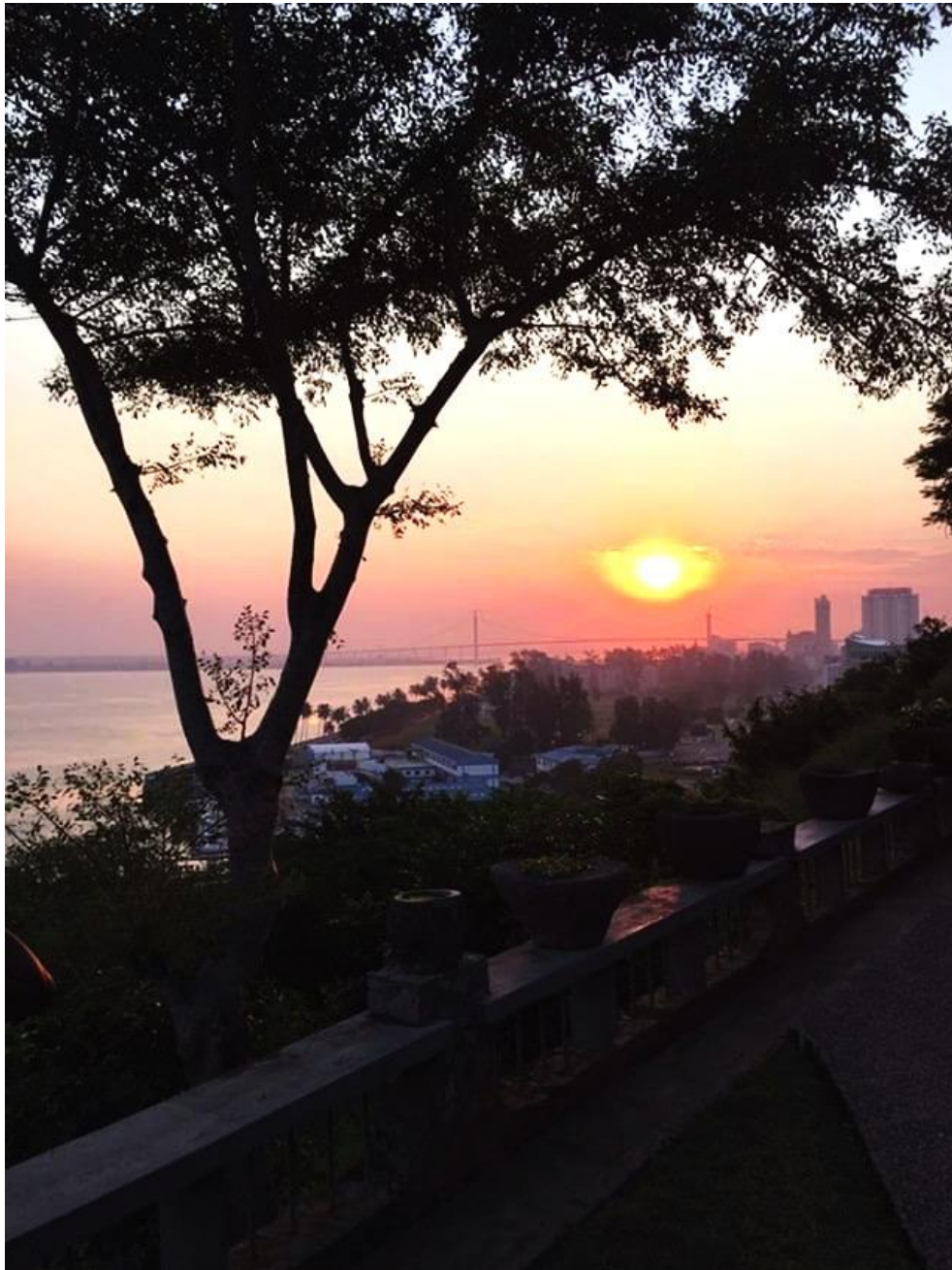
fachada por meio metálico, criando uma caixa de ar exterior, o que permite uma maior e melhor ventilação do ar.

Na zona habitacional, há uma alteração no uso do material porque foram utilizados e desenvolvidos painéis rotativos em fachada, ou seja, painéis de madeira que estão acoplados à fachada por intermédio de um rolamento e calhas, podendo ser rebatidos ou totalmente fechados, criando assim uma fachada cega, consoante a vontade do utilizador. Isso permite que se criem no interior varandas amplas, que podem ser usadas em qualquer situação, sem preocupação com a meteorologia do momento.





## 6. Conclusões



**Fig. 76** Vista sobre o aterro

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa

A proposta projetual pretendeu responder às necessidades apresentadas pela população, após um estudo e análise abrangente sobre vários e pontos importantes de desenvolvimento humano e social.

A presença de um edifício único na cidade contribuiu para a sua própria proliferação enquanto espaço urbano, atrativo e irreverente pela sua unicidade.

O equipamento desenvolvido demonstra uma clara capacidade de enraizamento com a restante cidade. Foi por isso importante explorar a escala e a magnitude para que o exercício projetual estivesse em conviência com esta lógica icónica. Nele, o factor geográfico e económico trabalham juntos em prol de um bem maior, a educação e a cultura. O projeto visa sempre o crescimento e a vontade de desenvolver um território que com poucos “ingredientes” conseguirá produzir grandes impactos.

Com a presença desta peça arquitetónica que engloba em si tanto o equipamento como a habitação, pretendeu-se criar uma lógica urbana e definir novos eixos tanto de circulação como de edificação para a cidade. A ausência de regras permitiu que houvesse uma grande integração entre o pré existente e a nova construção.

As várias relações estabelecidas e que foram consideradas relevantes puderam promover uma harmonia entre a malha urbana, a edificação, o espaço público e as vias de circulação, através do seguimento das lógicas



de eixos estruturantes que já se encontravam na cidade e que motivaram a união de todos estes fatores.

Este projeto espelha o importante papel de observação das diferentes temáticas que podemos encontrar em cada país. Cabe a quem o executa ler e perceber as verdadeiras necessidades. A procura da identidade e a sua preservação foram essenciais neste exercício.

## Bibliografia

**ALVES**, António (2008). A competitividade dos territórios num contexto de globalização: uma utopia ou realidade? *VI Congresso Português de Sociologia*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa.

**AZEVEDO**, António, Magalhães, Duarte, Pereira, Joaquim (2011) City Markting – Myplace in XXI

**CORVAJA**, Luigi, Maputo città capitale del Mozambico, Fratelli Palombi Editori, Roma 1998

**FERNANDES**, Miguel Santiago, Pancho Guedes – Metamorfoses Espaciais, 2007

**FERNANDES**, José Manuel –Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975.Lisboa: Livros Horizonte, 2002.  
Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo, 2009,  
Pancho Guedes – Vitruvius Mozambicanus, 2009

**GUEDES**, Coordenação Prof. Arqº. Manuel Correia, Arquitetura Sustentável em Moçambique (Manual de Boas Práticas), 2011

**GUEDES**, Pancho, Manifestos, Ensaios, Falas, Publicações, 2007

**JENKS**, Charles – *The Story of Post-Modernism: Five Decades of the Ironic, Iconic and Critical in Architecture*. Chichester: John Wiley & Sons, 2011<sup>[L]<sub>SEP</sub>]</sup>

**MANGUANA**, Francisco, Nassabe, Jonas, Ibraimo, Mussagy, Mandlate, Teixeira. Estatísticas da Cultura, 2017 - 2017

**MATTOSO**, José - Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

**MELO**, Vanessa de Pacheco, Urbanismo português na cidade de Maputo: passado, presente e futuro, 2013

**MENDES**, Maria Clara, Maputo Antes da Independência – Geografia de uma Cidade Colonial, Centro de Estudos Geográficos das Universidades de Lisboa 1979

**MENDES**, M. C. Maputo antes da independência: geografia de uma cidade colonial. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985.

**MILHEIRO**, Ana Vaz – Africanidade e Arquitectura Colonial: a casa projectada pelo Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974). In: Cadernos de Estudos Africanos [Online], 25|2013, posto online no dia 11 Julho 2013, consultado o 19 Outubro 2014.

**MILHEIRO**, Ana Vaz – Nos Trópicos sem Le Corbusier: Arquitectura Luso – Africana no Estado Novo. Lisboa: Relógio d'Água, 2012.

**MORAIS**, João Sousa; LAGE, Luís; MALHEIRO, Joana Bastos – Maputo: Património Arquitectónico. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

**MORAIS**, João Sousa, Maputo Património da Estrutura e Forma Urbana, Lisboa, Livros Horizonte, 2001

**MORAIS**, João Sousa – Metodologia de Projeto em Arquitectura (1995)

**MORAIS**, J. S. Maputo: património da estrutura e forma urbana. Lisboa: Livros Horizonte, 2001

**MORAIS**, João Sousa, Reflexões Sobre as Escalas de Intervenção da Arquitectura, no Património Urbano; o caso de Barcelona

**OPPENHEIMER**, Jochen e **RAPOSO**, Isabel – A pobreza em Maputo, Colecção Cooperação: Volume II, 2002, p. 15

Revista Arquitectura Portuguesa, Editor Lamas, José Manuel , 1985

Web grafia

<https://www.infoescola.com/cultura/cultura-mocambicana/>

<http://vida1.planetavida.org/paises/mocambique/o-pais/historia-e-cultura-de-mocambique/>

<https://www.timeout.com/newyork/parks/highline>

<https://novayork.com/high-line>

<http://housesofmaputo.blogspot.com>

## Anexos

### Fotografia e Cartografia



**Fig. 1** Vista sobre o aterro

**Fig. 2** Vista sobre a Marina4

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa





**Fig. 3** Interior da Estação de Caminhos de Ferro

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa



**Fig. 4** Rua em Maputo

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa





**Fig. 5** Venda no Mercado Municipal

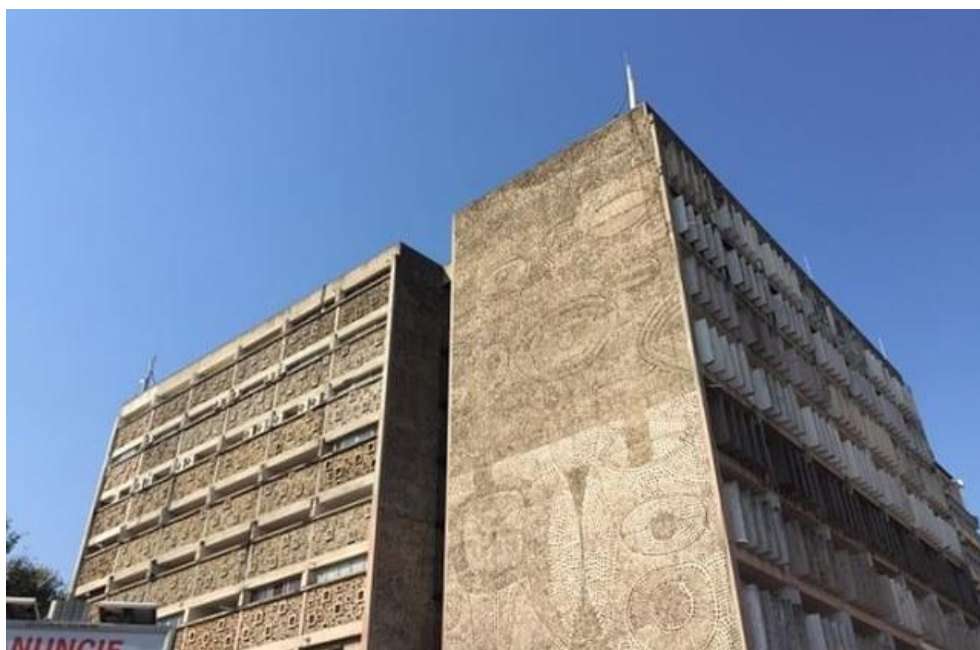
**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa





**Fig. 6** Exterior do Mercado Municipal

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa



**Fig. 7** Edifícios em Maputo

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa



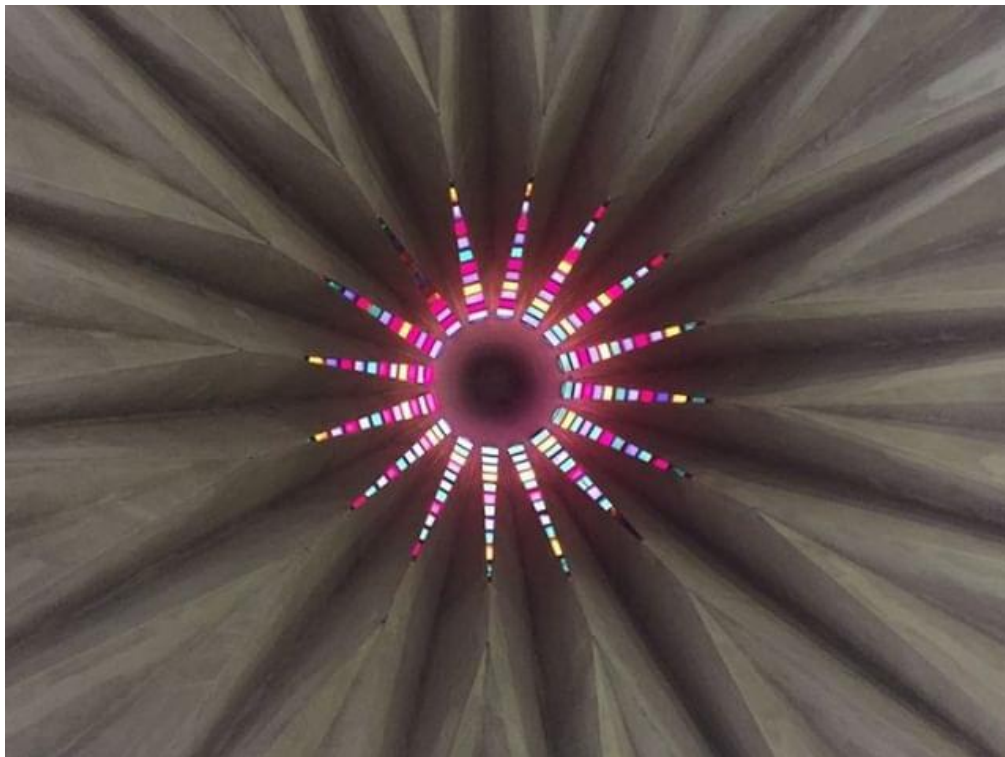
**Fig. 8** Manutenção Urbana

**Fonte:** Cedida por Ana Frazoa

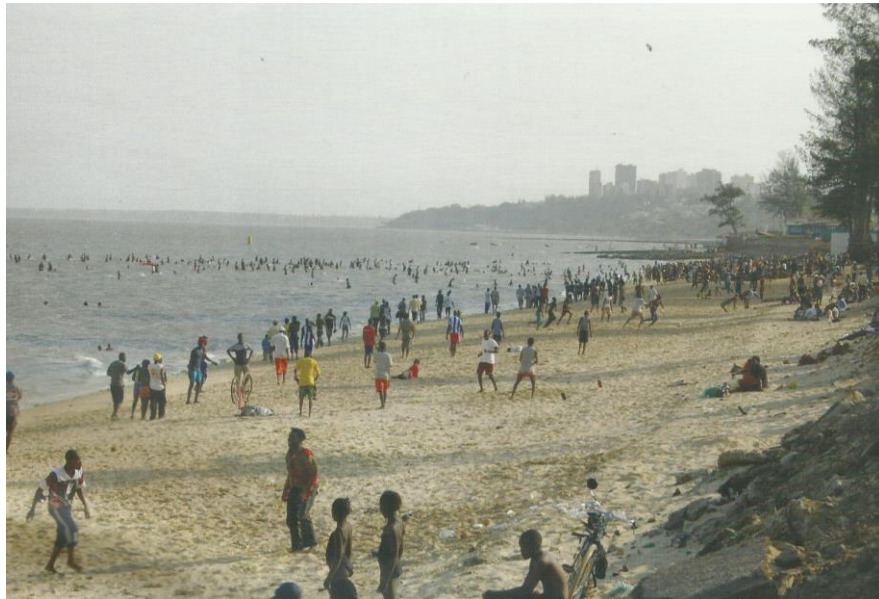


Fig. 9/10/11 Igreja de Santo António da Polana

Fonte: Cedida por Ana Frazoa







**Fig. 12** Praia de Maputo

Fonte: Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes



**Fig. 13** Avenida 25 de Setembro, no aterro de Maxaquene

Fonte: Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes



**Fig. 14** Venda no Mercado Municipal  
**Fonte:** Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes



**Fig. 15** Venda no Mercado Municipal  
**Fonte:** Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes





**Fig. 16** Venda no Mercado Municipal

Fonte: Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes



**Fig. 17** Hotel Tivoli, Avenida 25 de Setembro

Fonte: Fonte: Livro Moçambique – A Terra e as Gentes



Fig. 18 Maputo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago





Fig. 19 Maputo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago



Fig. 20 Maputo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago



Fig. 21/22 Maputo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago

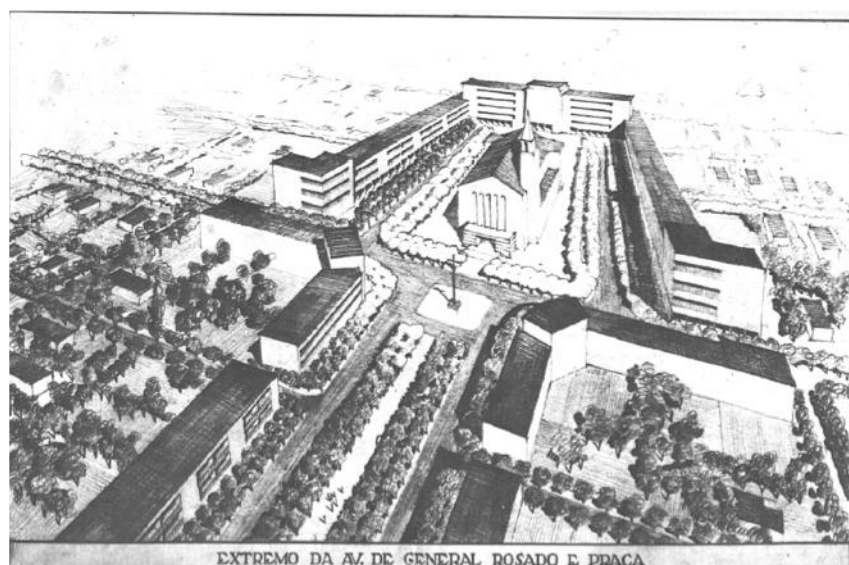


Fig. 23 Plano Urbano por João de Aguiar

Fonte: Cedido por Jorge Saramago





Fig. 24 Plano Urbano Mário de Azevedo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago

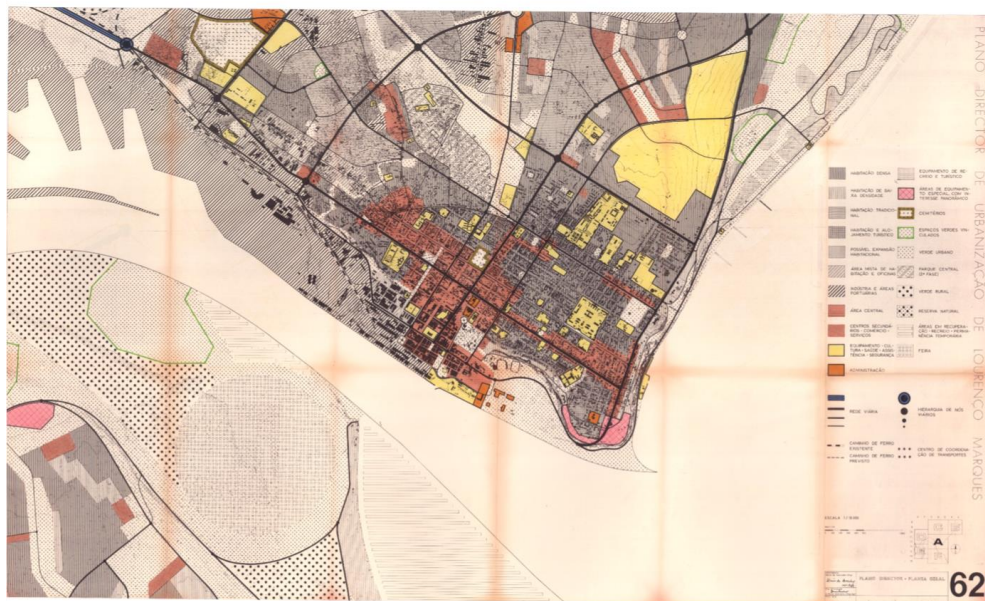


Fig. 25 Plano Urbano Mário de Azevedo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago

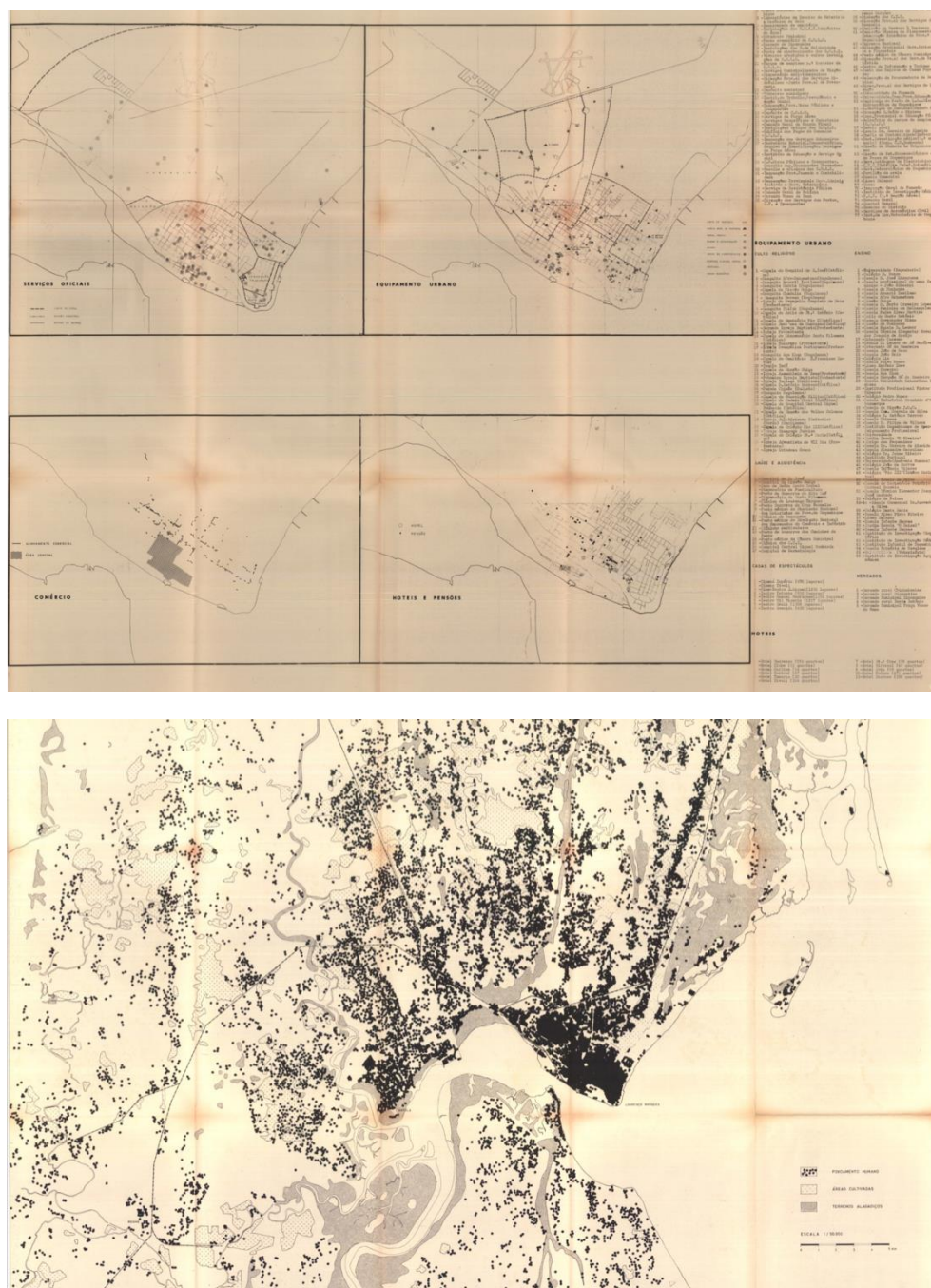
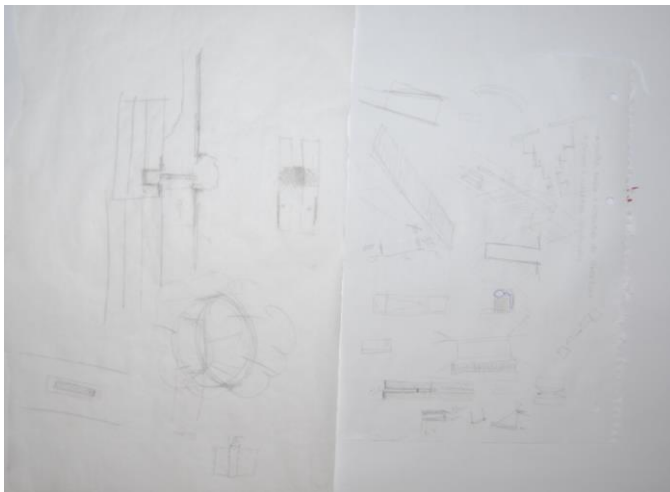
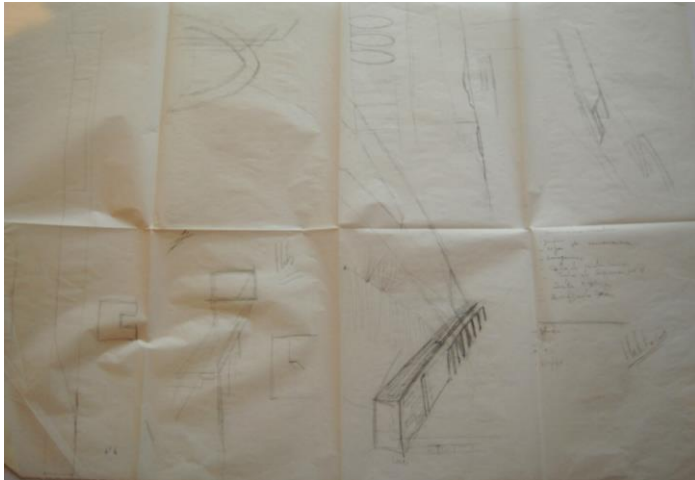


Fig. 26/27 Plano Urbano Mário de Azevedo

Fonte: Cedido por Jorge Saramago

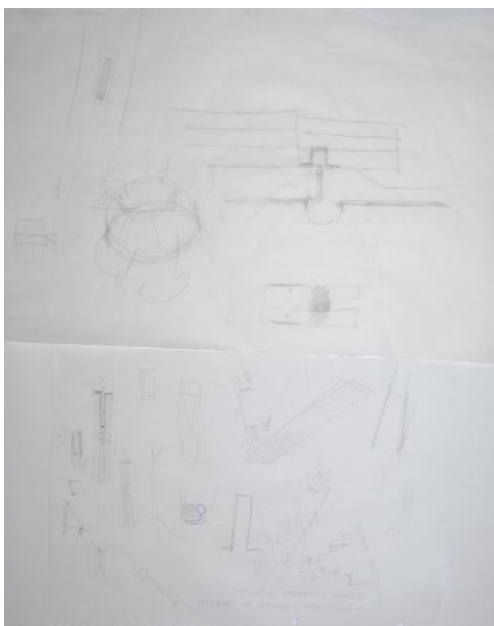
## Processo de Trabalho



**Fig. 28/29/30** Primeiros Esquícios

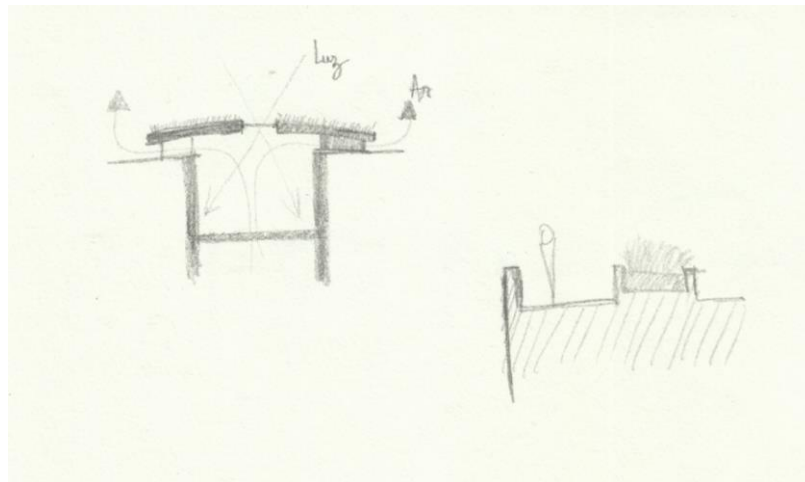
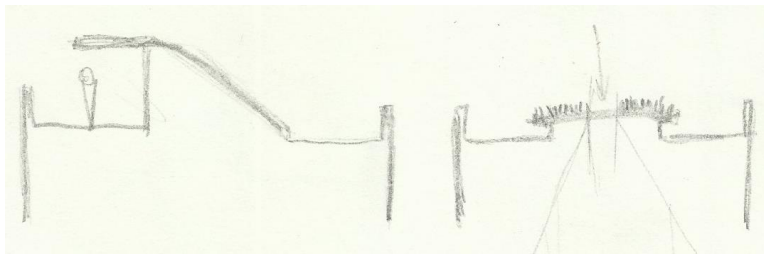
**Fonte:** Autor





**Fig. 31/32/33** Primeiros Esquízo e Definição de Plantas

Fonte: Autor

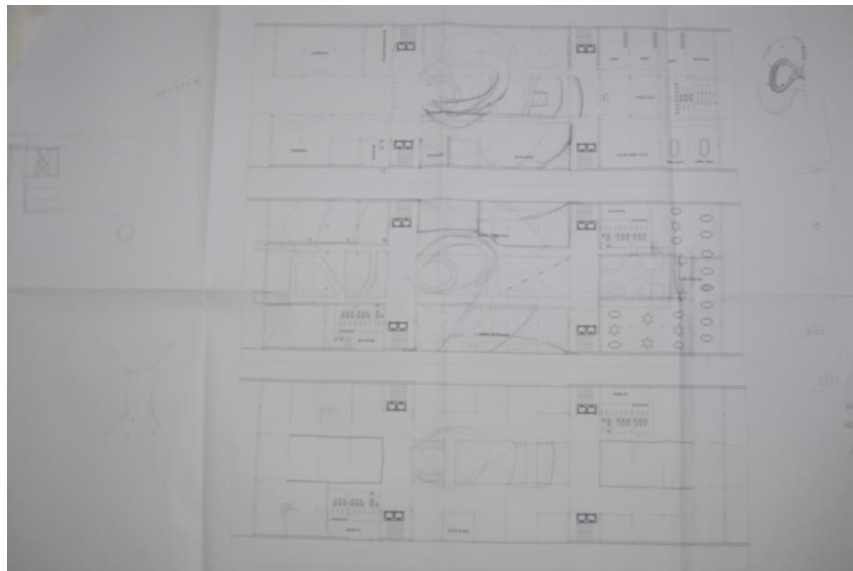
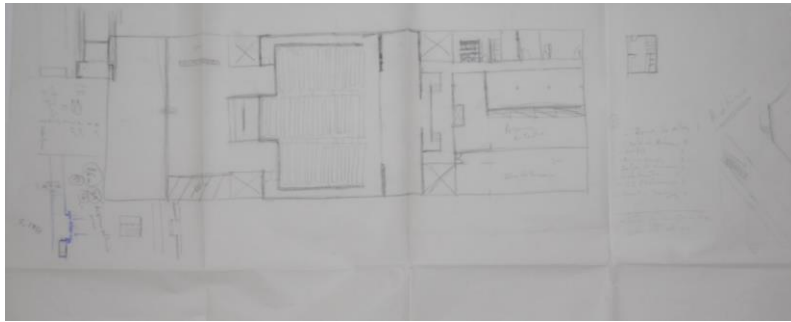


**Fig. 34** Plano Urbano

**Fig. 35/36** Esquicho de Estudo de Cobertura

**Fonte:** Autor





**Fig. 37/38/39** Definição dos espaços interiores do Centro Cultural

**Fonte:** Autor

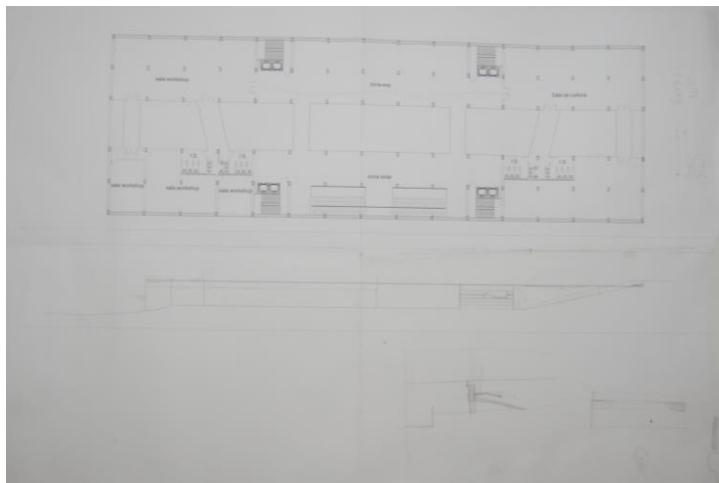
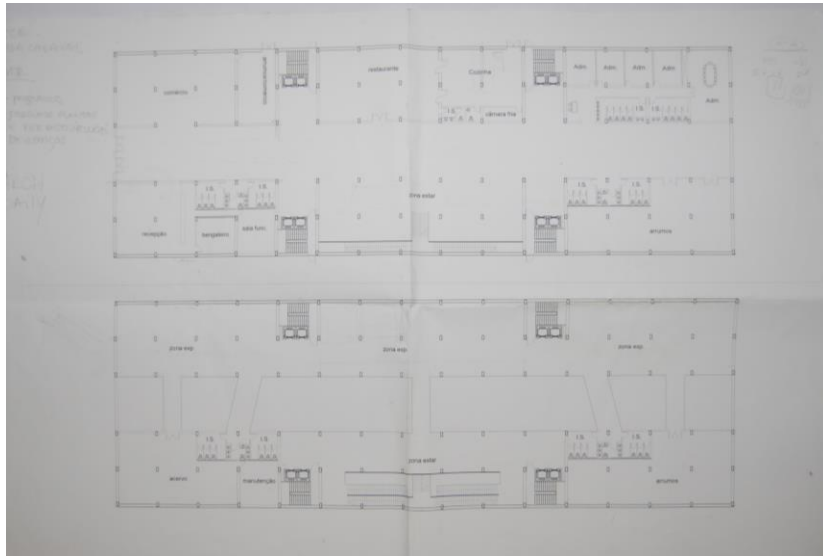
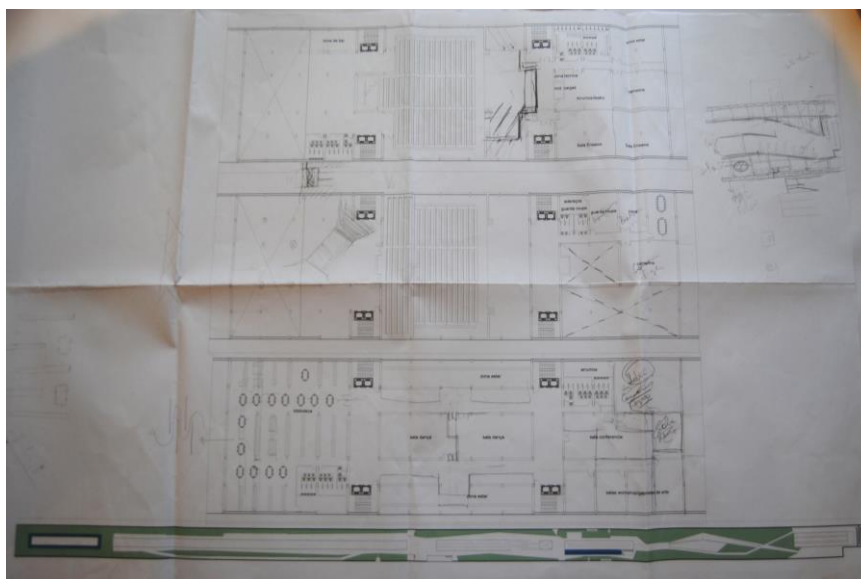
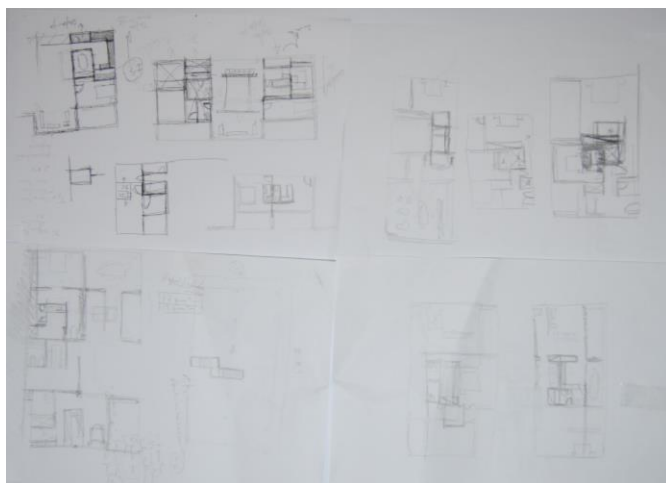


Fig. 40/41/42 Definição dos  
espaços  
interiores do Centro Cultural  
Fonte: Autor

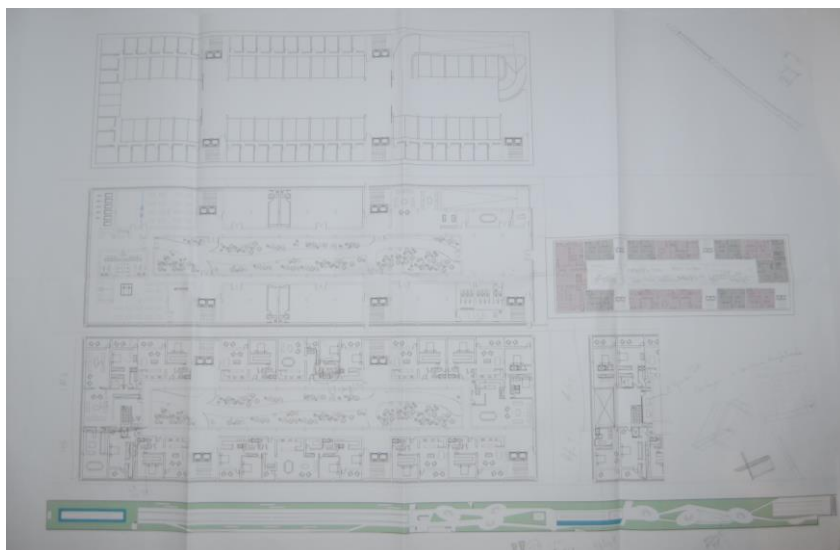


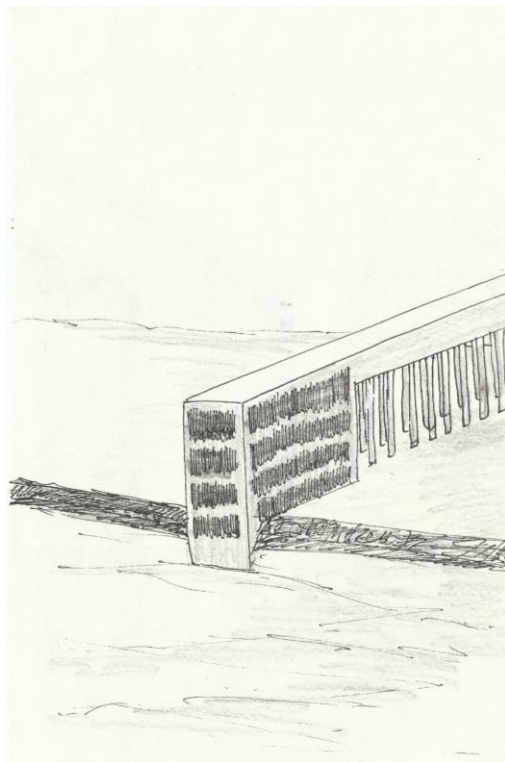


**Fig. 43** Esquízo da organização da Habitação

**Fig. 44/45** Definição dos espaços interiores do Centro Cultural e Habitação

**Fonte:** Autor





**Fig. 46** Plano Urbano

**Fig. 47** Estudo de fachada e implantação

**Fonte:** Autor



Fig. 48/49/50 Maquete de Estudo

Fonte: Autor



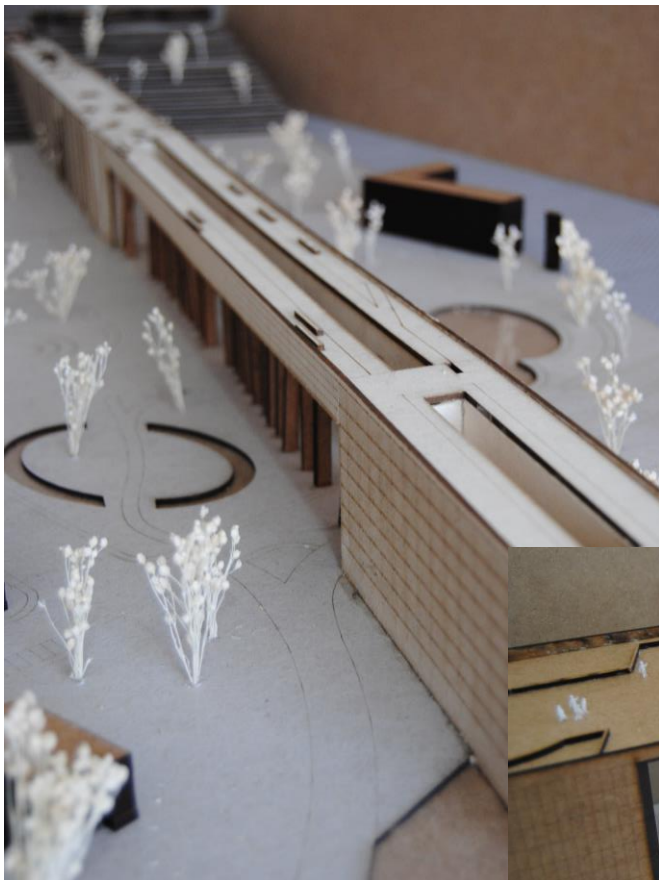
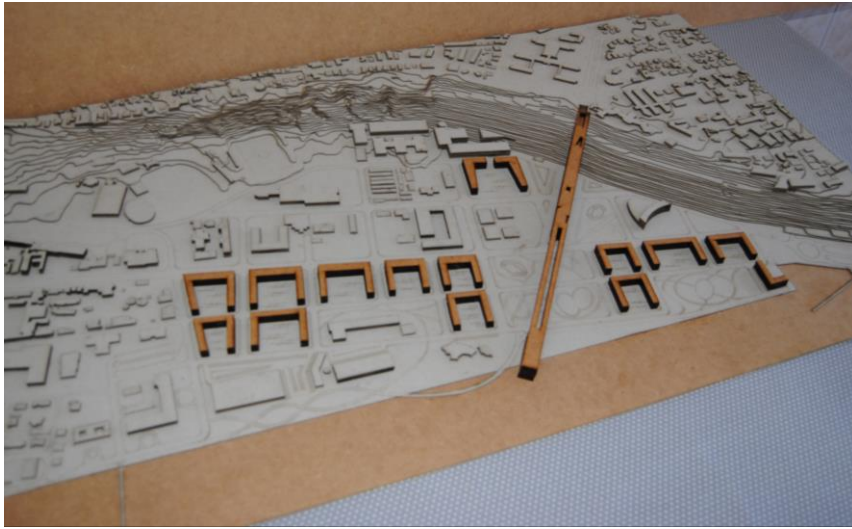


Fig. 51/52/53 Maquetes Finais

Fonte: Autor





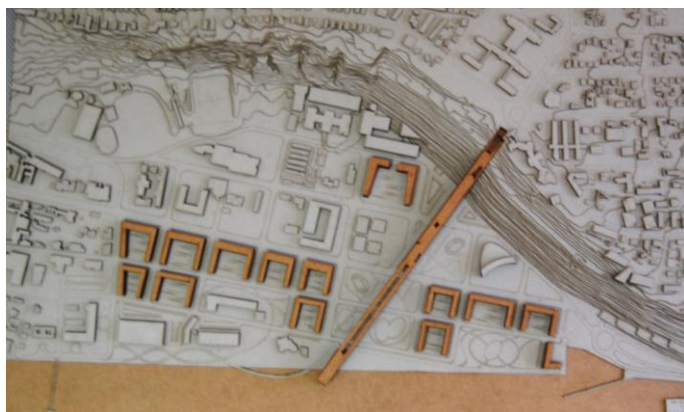
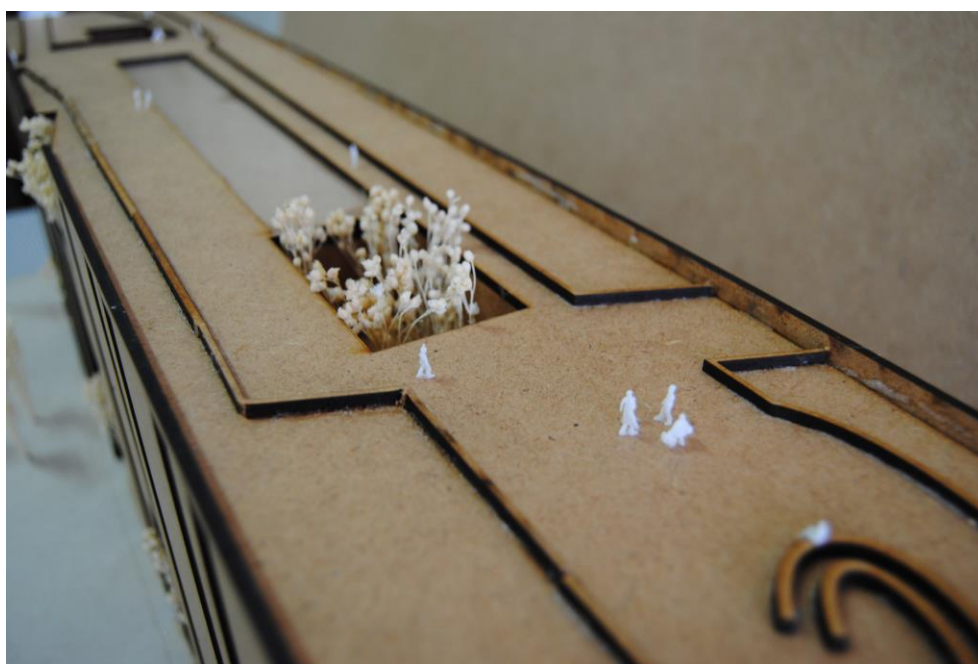


Fig. 54/55/56 Maquetes Finais

Fonte: Autor







Perante um território tropical, da antiga metrópole portuguesa, é apresentada uma proposta de resolução urbana diante dos paradigmas compreendidos. O fraco desenvolvimento da cidade leva consigo um forte défice na gestão urbana, que se quer coesa e eficaz. Valores sociais e económicos estão postos em causa pela fraca capacidade de suprimir tal facto.

É com base nesta realidade e perante um estudo lógico que são apresentadas soluções para otimizar o aterro de Maxaquene, tornando-o uma real centralidade, pronta a responder às principais necessidades apresentadas pela população.

O desenvolver do Plano tem por base uma análise morfológica e tipológica afim da proposta ir ao encontro da atual génese da cidade. A valorização da relação da população com o ambiente é primordial, bem como a vontade de ligar duas importantes zonas da cidade, que até então estão separadas.

O exercício prende-se a um estudo sobre uma transformação da cidade, principalmente pelo equipamento desenvolvido. Hoje conhecemos o efeito do icónico. Objetivamente, sem causar dano à identidade, trazemos um edifício que se difunde no urbano mas que ao mesmo tempo o enaltece, tornando-o excepcional, efeito da imagem transmitida. A escala é uma das principais "pegadas" deixadas por este projeto, pela forma e magnitude edificada.

## MAPUTO Uma Cidade Onde o Icónico Liga a Terra e o Mar







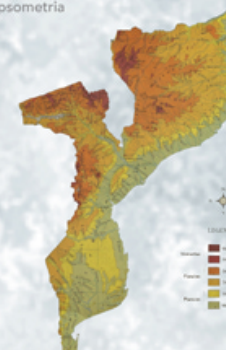
# O Território

## Levantamento e Análise da Cidade

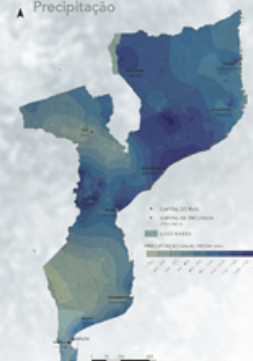
Censos da População



Hipsometria



Precipitação



Comércio



Ensino e Religião



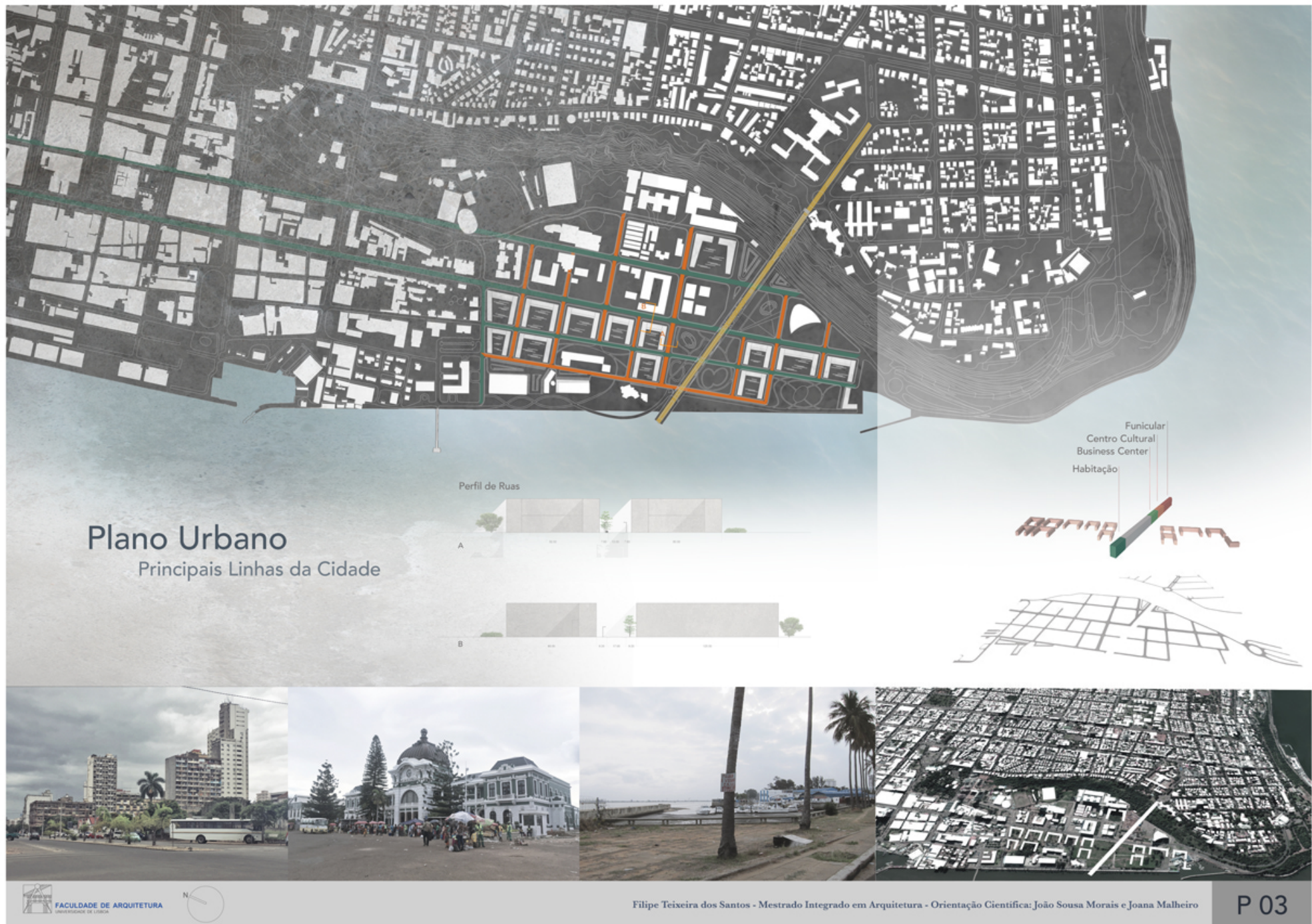
Hotelaria, Hospitais e Clínicas



Serviços



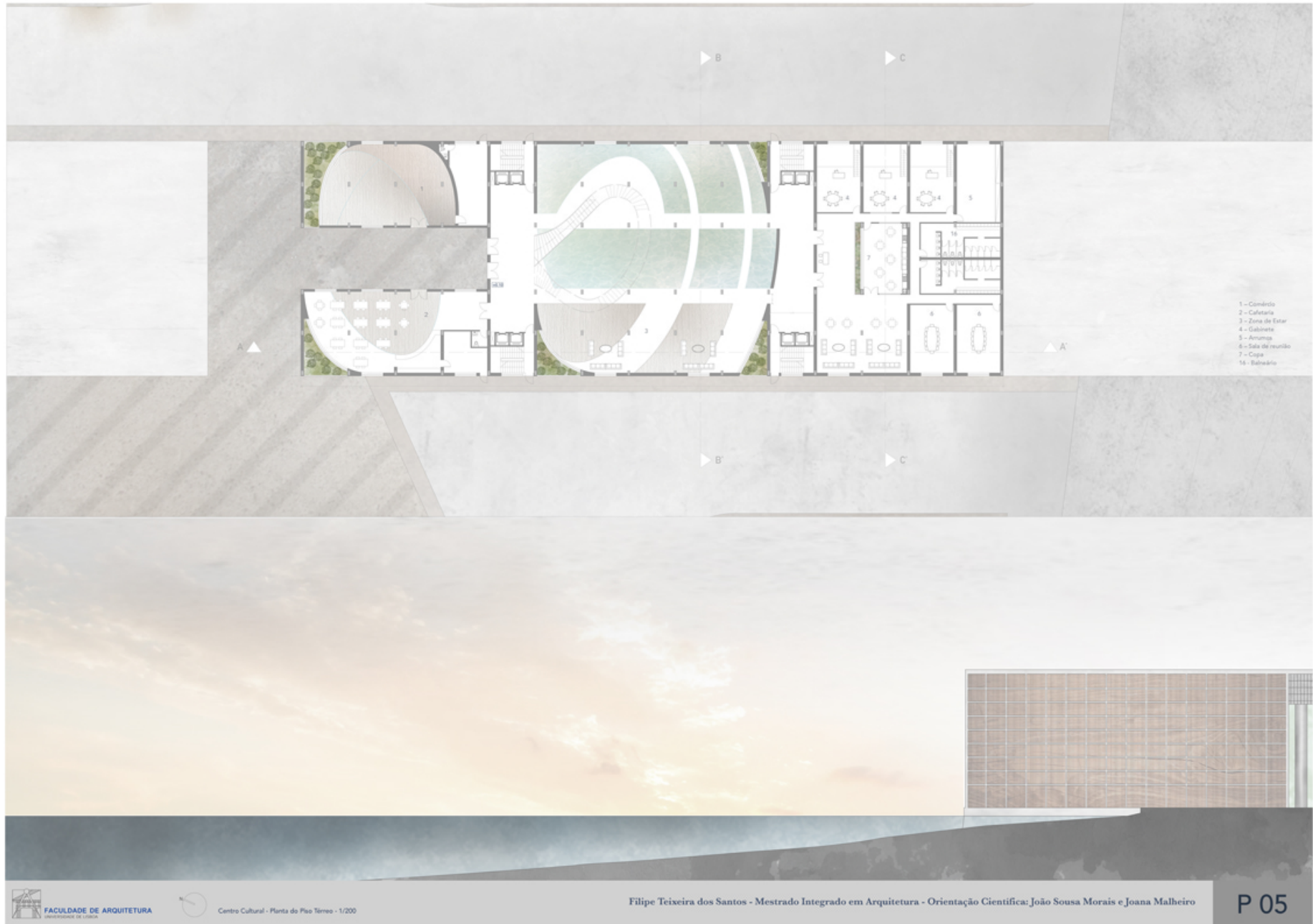




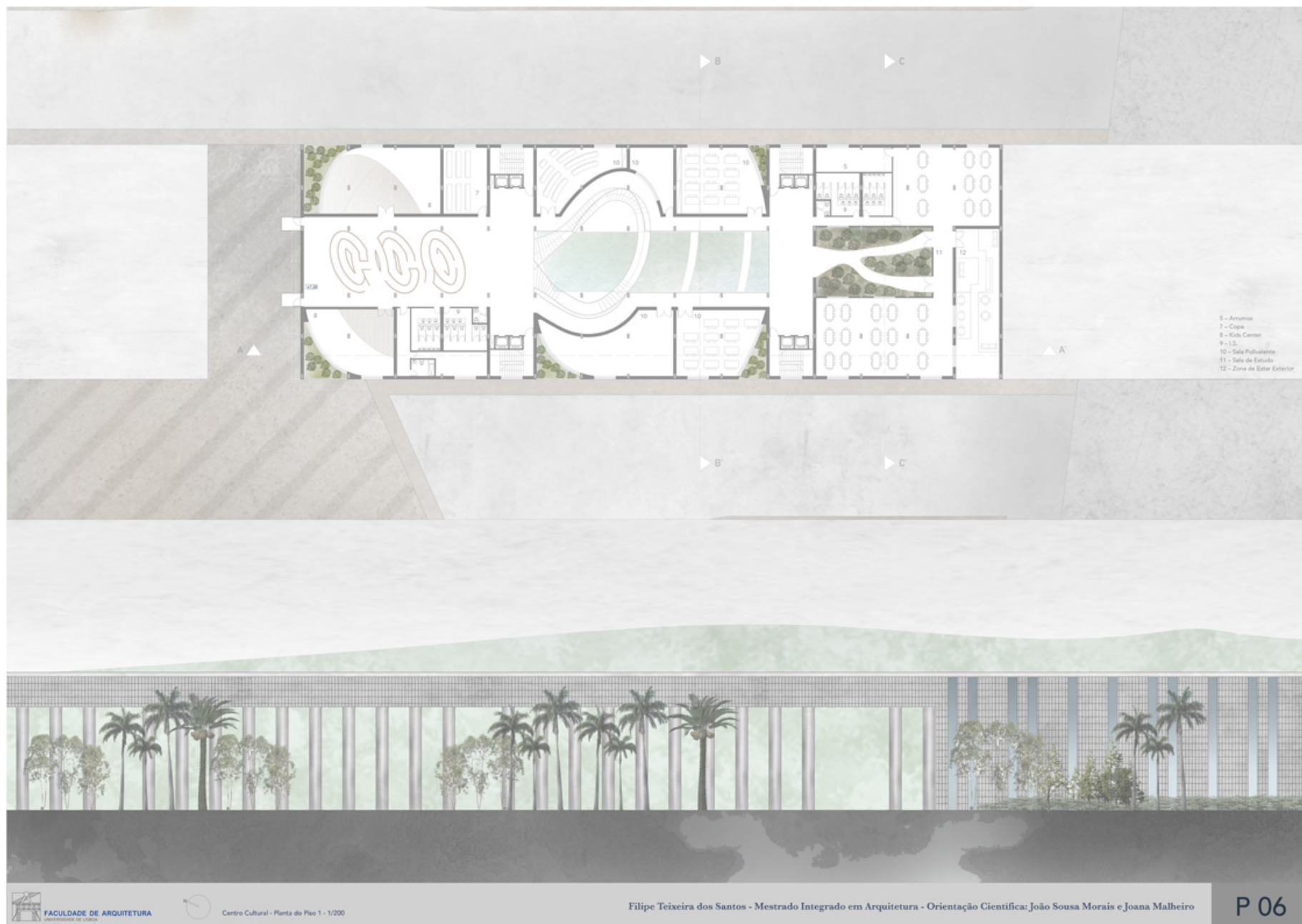


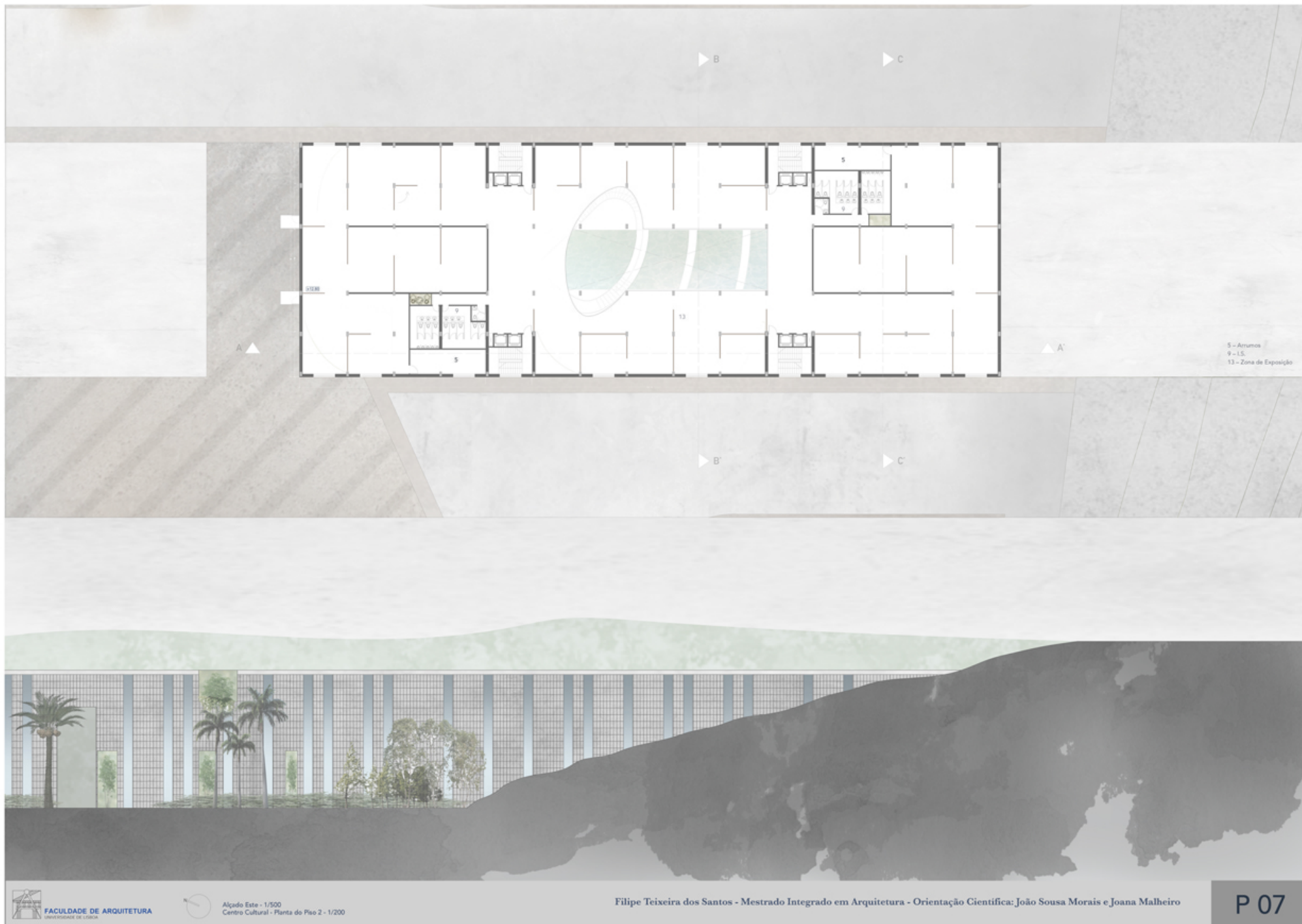


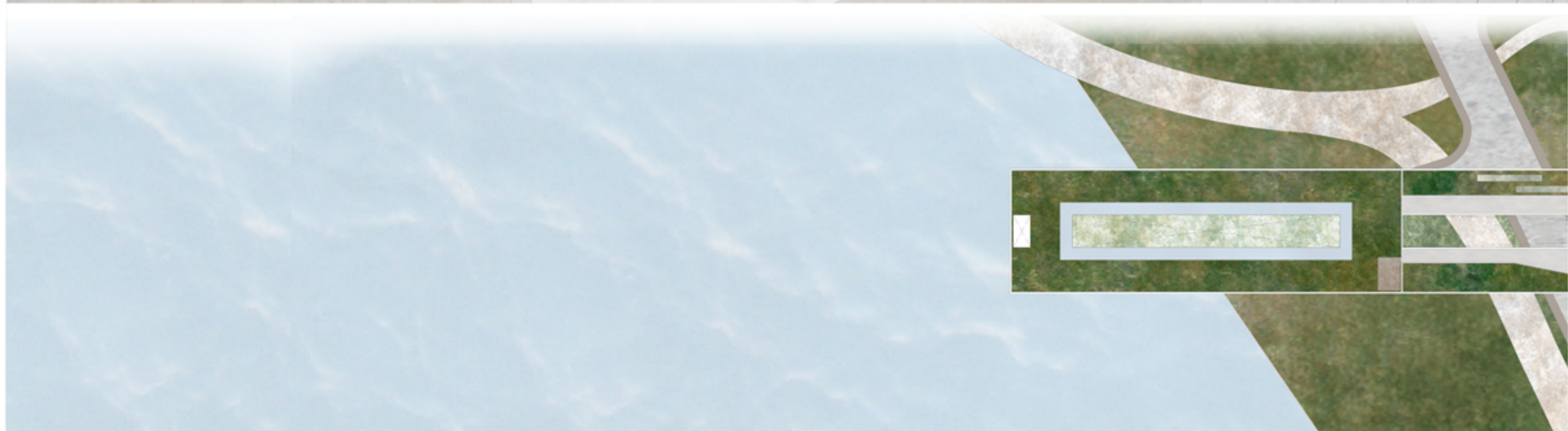
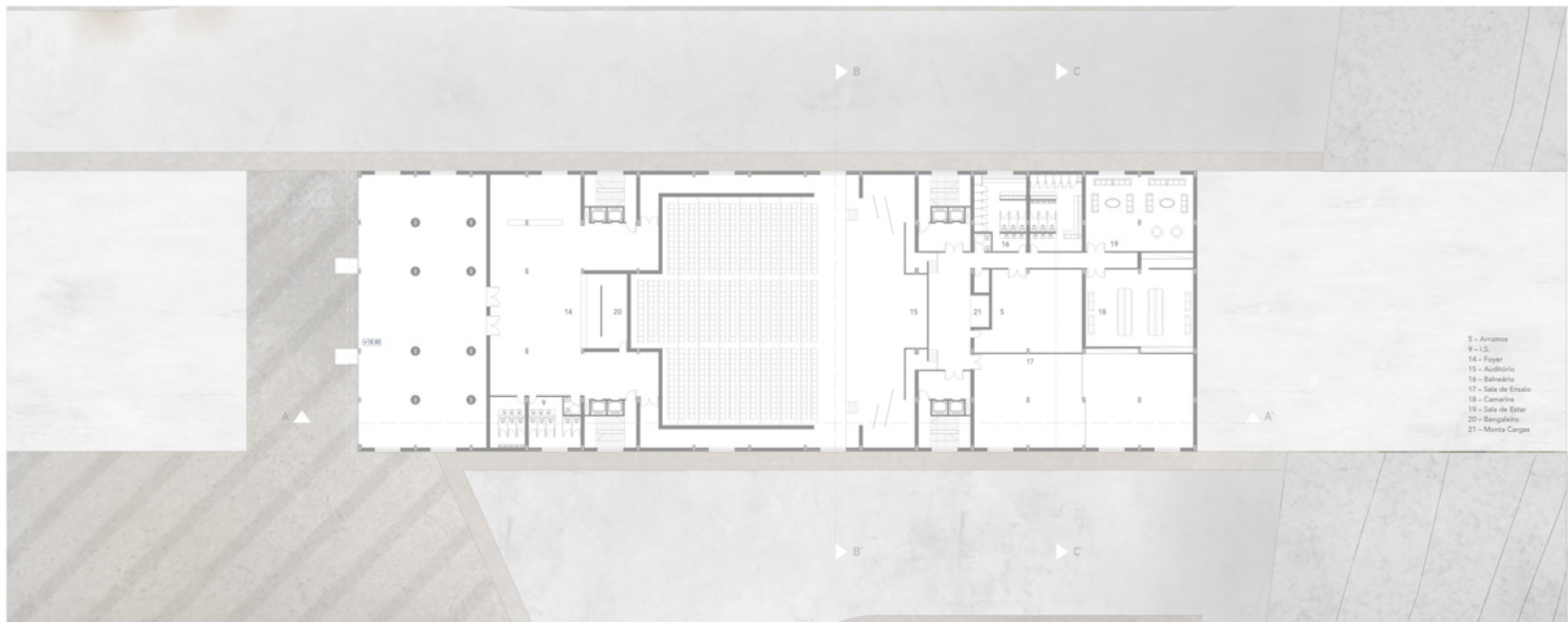




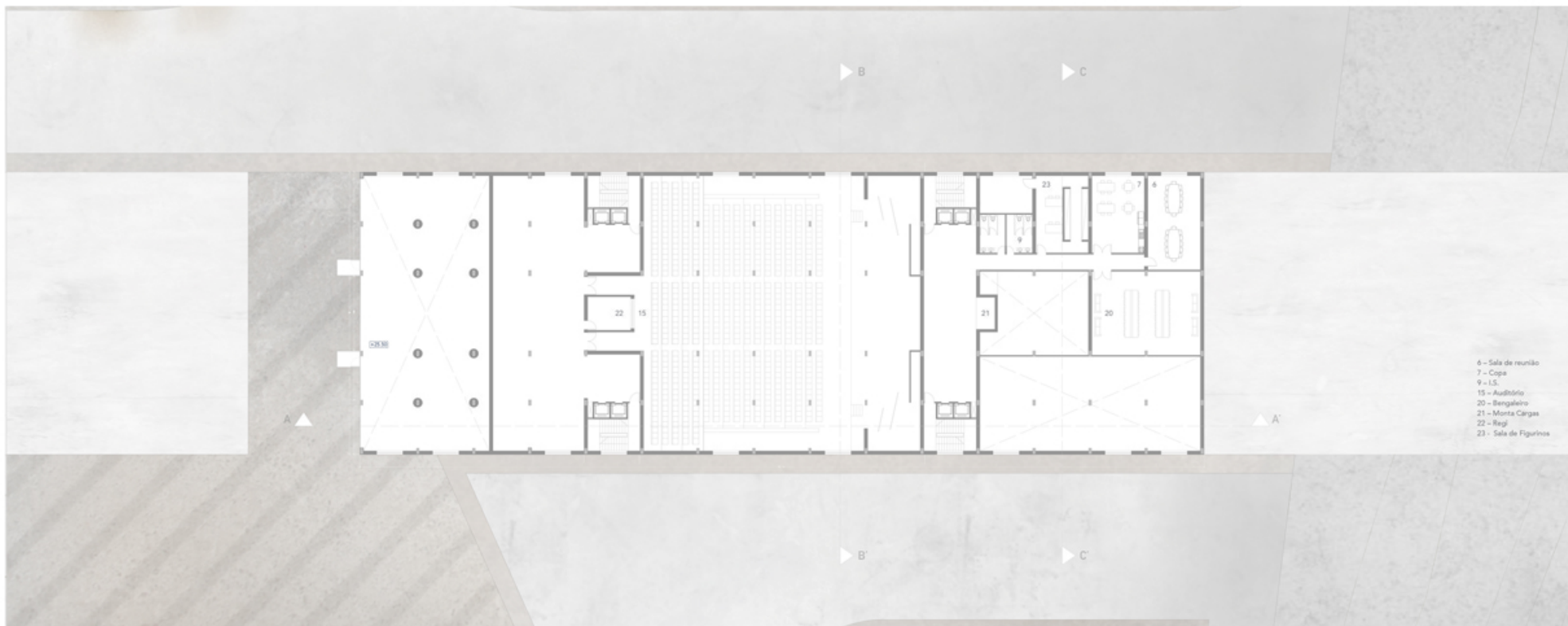


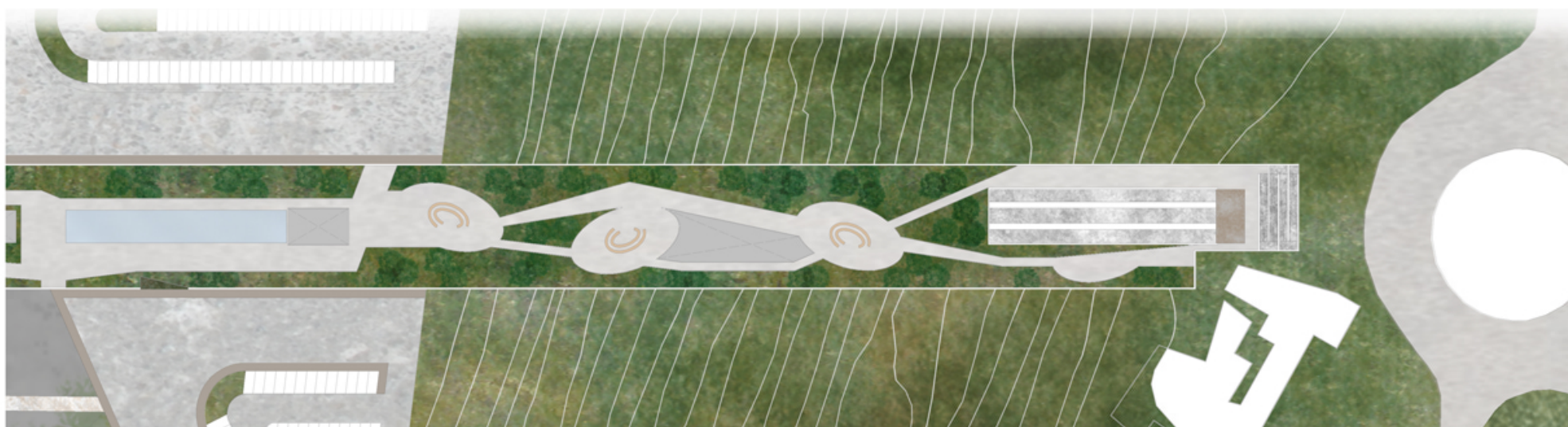




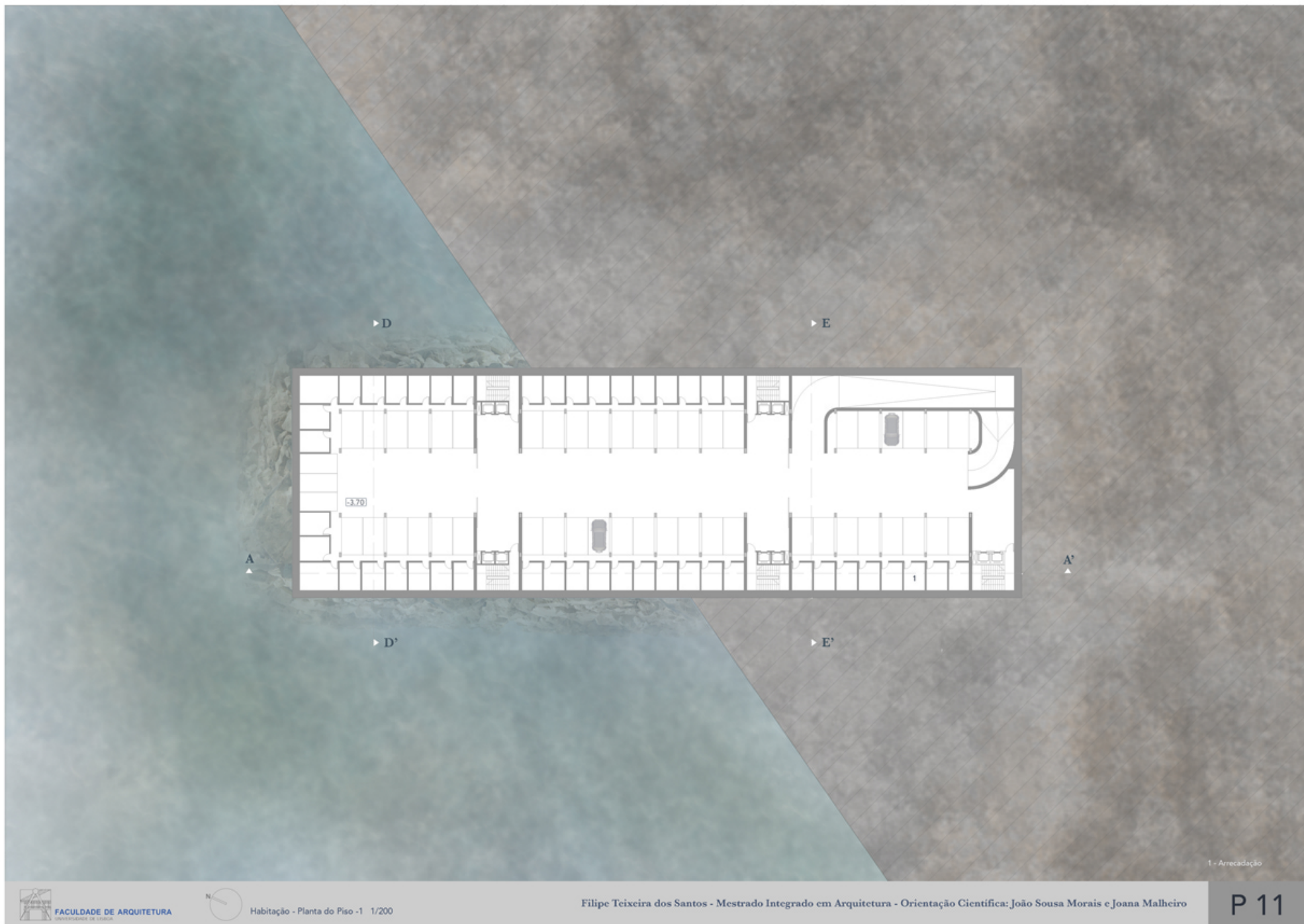










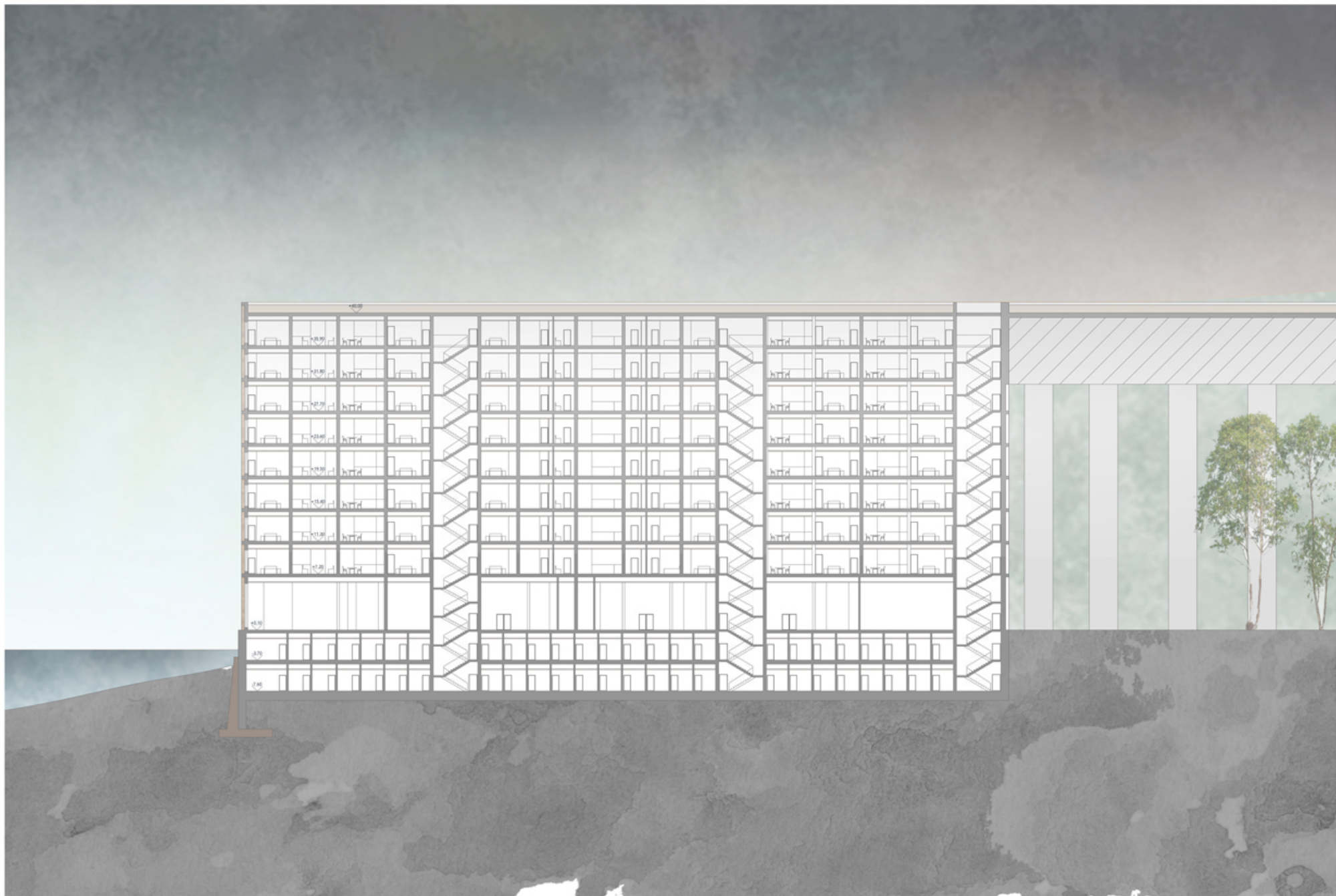




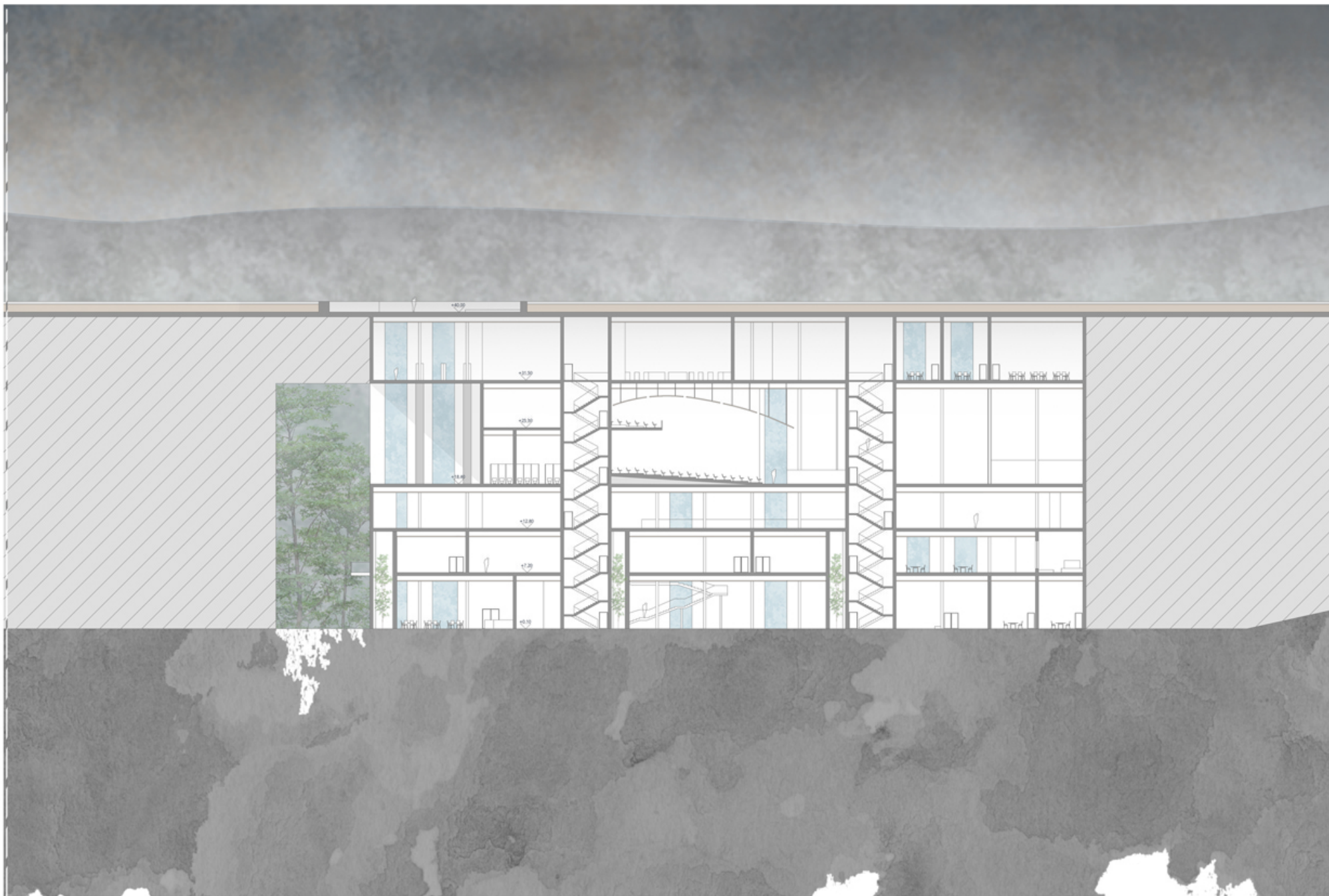




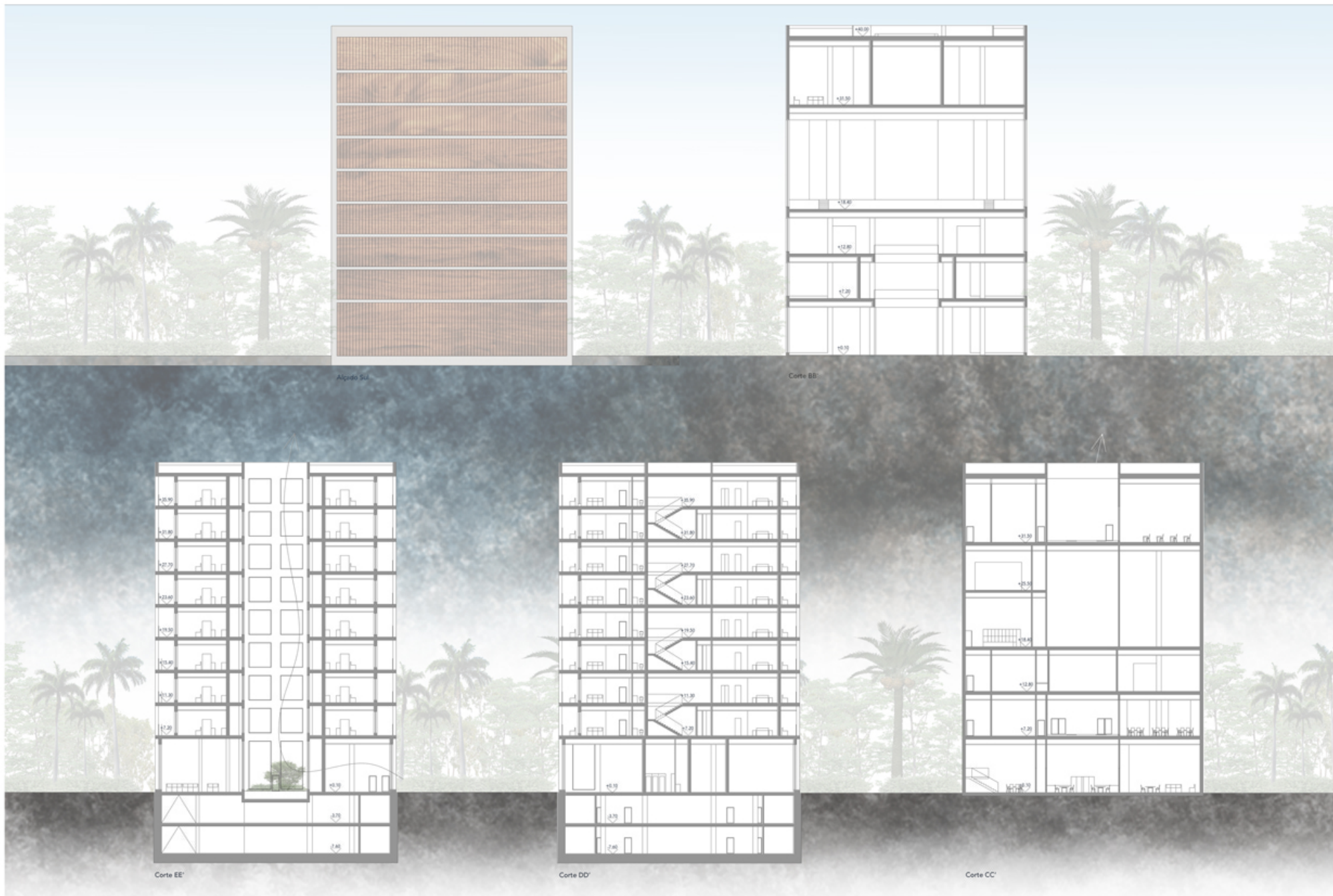


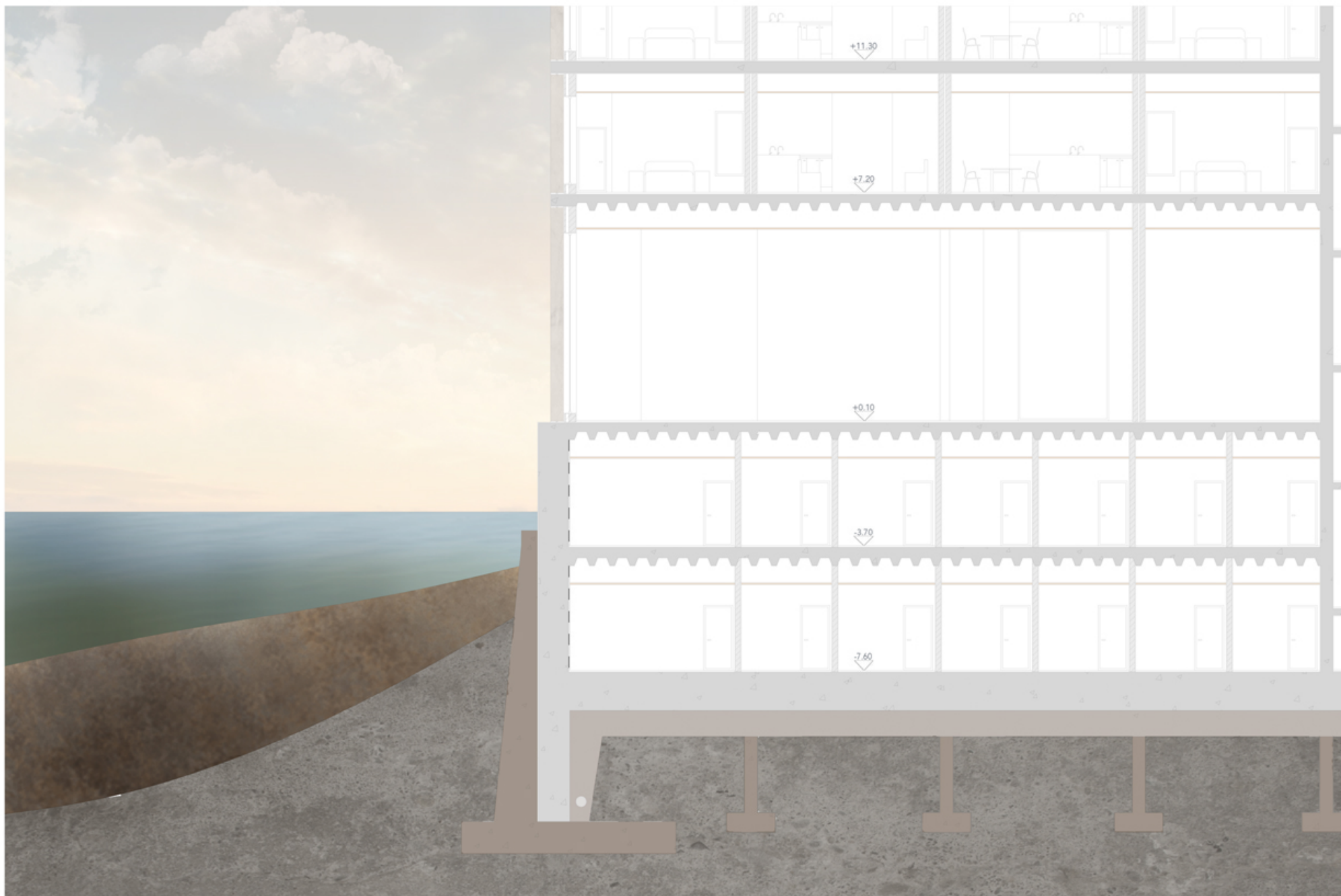










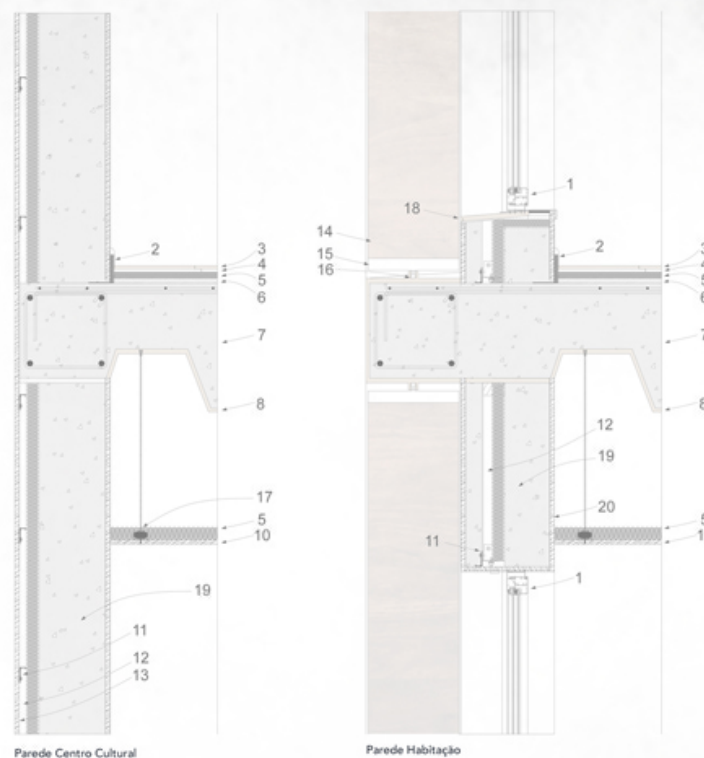








## Pormenor Construtivo

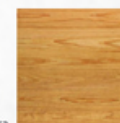


- 1 - Calha / Janela
- 2 - Rodapé
- 3 - Pavimento Interior em Cerâmica com acabamento amaciado
- 4 - Tela de Impermeabilização
- 5 - Isolamento Térmico
- 6 - Betão de Assentamento
- 7 - Viga de Betão
- 8 - Reboco
- 10 - Revestimento Interior em Pedra
- 11 - Fixação por aparafusamento
- 12 - Caixa de Ar Exterior
- 13 - Acabamento exterior de Fachada em placas de VIROC
- 14 - Sombreamento em Madeira
- 15 - Peça Metálica (ligação entre madeira e rolamentos)
- 16 - Calha e Rolamento
- 17 - Fixação do Teto suspenso
- 18 - Pedra de Capeamento
- 19 - Betão Armado
- 20 - Revestimento Interior

### Principais Materiais Utilizados



VIROC



Madeira



Betão





